

CRISTIANE DO SOCORRO GONÇALVES FARIAS

UM RIO DE MEMÓRIAS, UM RIO DE HISTÓRIAS: um estudo sobre o imaginário da vila Calheira no rio Canaticu-Curralinho-Marajó-Pá.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE BRAGANÇA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUAGENS E SABERES NA
AMAZÔNIA**

CRISTIANE DO SOCORRO GONÇALVES FARIAS

**UM RIO DE MEMÓRIAS, UM RIO DE HISTÓRIAS: um estudo sobre o
imaginário da vila Calheira no rio Canaticu – Curralinho – Marajó - Pará**

**Dissertação apresentada ao programa de Pós-
Graduação em Linguagens e Saberes na Amazônia,
como requisito para a obtenção de título de Mestre
em Linguagens e Saberes na Amazônia.**

**Orientador: Prof. Dr. Flávio Leonel Abreu da
Silveira**

**BRAGANÇA-PARÁ
2016**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE BRAGANÇA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUAGENS E SABERES NA
AMAZÔNIA**

CRISTIANE DO SOCORRO GONÇALVES FARIAS

UM RIO DE MEMÓRIAS, UM RIO DE HISTÓRIAS: um estudo sobre o imaginário da vila Calheira no rio Canaticu – Currálinho – Marajó – Pará

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Linguagens e Saberes na Amazônia, como requisito para a obtenção de título de Mestre em Linguagens e Saberes na Amazônia.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Flávio Leonel Abreu da Silveira
Orientador (PPGLS UFPA)

Prof. Dr. Pedro Petit Peñarrocha
Examinador interno (PPGLS/UFPA)

Prof.^a Dr.^a Josebel Akel Fares
Examinadora externa (PPGE /UEPA)

Prof. Dr. Renilda Bastos
Examinadora externa (UEPA)

Apresentado em: 23/06/2016

Conceito: _Excelente

AGRADECIMENTOS

A ti Senhor, razão do meu existir, minha fortaleza e o meu refúgio, pela vida que me deste e por mais esta vitória que pela sua infinita bondade me permitiu.

Agradeço aos meus amados e admiráveis pais, Sebastião e Benedita Farias que nunca mediram esforços diante de toda dificuldade para continuar meus estudos.

A minhas queridas irmãs, Cleysi e Diane e meu mano Cleyvison.

Às flores do meu jardim, as filhotas mais amadas do mundo Isabelly, Gabrielle e Geany, e ao nosso príncipe Guilherme.

Ao meu companheiro Gean, pela paciência e compreensão.

Agradeço a todos que tive a honra de conviver nesses meses de curso, em especial aos colegas do mestrado, Viviane, Elen, Sabrina e Jana, pelos cafés tomados na casa que se tornou ponto de parada a todos.

Aos amigos da escola Prado Lopes, e principalmente aos meus queridos alunos que mesmo em saber a dimensão do trabalho, sempre me apoiaram.

À querida amiga Sandra Feiteiro, pelos avisos e orientações dados com tanto carinho.

Agradeço d. Rose que me introduziu no campo. Ao Lucas pelas várias travessias que fizemos juntos, enfrentando ventos, tempestades e calmarias.

A cada narrador e familiar que acabamos indo muito além de pesquisador e entrevistado, ao Seu Lolico, d. Benedita, seu Benedito Sá, seu Manoel Francisco, seu Manoel da Lúcia e seu Garibalde.

À Rose, ao Melque e à sua princesinha pelo acolhimento em sua casa.

Aos amigos, Ana Sá, Nazareno Sá, Ana Lúcia e ao Careca pelo apoio e pelas conversas na ponte. Também seu Reginaldo Sá. À Solange e ao seu Sabá e seus filhos.

A todos os moradores da Vila Calheira

Aos professores Petiti, Josebel e Renilda pelas boas orientações na metade do caminho.

E em especial, ao Professor, Flávio Leonel, que não por acaso, foi colocado em minha vida, tornando-se, para mim, um exemplo positivo de profissional justo e humano, e por sua paciência e calma que teve comigo.

A todos que participaram para o fim dessa jornada.

E termino sempre agradecendo a Deus.

"[...] nada é fixo para aquele que alternadamente pensa e sonha [...]"

Gaston Bachelar

RESUMO

Resumo

A Calheira é uma vila que se localiza na cidade de Curralinho, cidade pertencente à Ilha do Marajó, na parte em que o Marajó é molhado e labiríntico, dos pescadores de camarão, dos apanhadores de açaí e dos fazedores da farinha de mandioca. O local foi crescendo de acordo com as relações sociais de compadrio, dos casamentos e de trabalho. A relação política também é muito forte. As experiências dos narradores entrevistados sempre foram de uma relação íntima e direta com essas matas de igapó e o rio, mas nem sempre harmoniosa. Dessa intimidade quase visceral, surgem narrativas da infância, do trabalho, dos amores, da família. Neste trabalho vou ao encontro do que se conta na vila e traço uma cartografia dessas narrativas a partir das imagens que elas suscitam, advindas das memórias de moradores com mais de 68 anos, tanto homens quanto mulheres, principalmente desse imaginário ribeirinho que pululam de suas memórias e vibram em suas vozes, quase como extensão dessa natureza em momentos de puro devaneio.

PALAVRAS-CHAVE: Vila Calheira; Águas e matas, Narradores; Imaginário; Cartografia.

ABSTRACT

The Calheira is a village that is located in the city called Curralinho. It belongs to Marajó Island, but the extent to which the Marajó is wet and labyrinthine, the shrimp fishermen, gatherers of açaí and flour makers. The city was growing according to the social relations of cronyism, marriages, and work. The political relationship is also very strong. The experiences of the narrators interviewed have always been a close and direct relationship with these igapó forests and the river, but it does not always harmonious. This almost visceral intimacy arise infancy narratives, work, loves, family. In this, I'm going back to what it still counts in the village, and trace a map of these narratives from the images they raise arising from the memories of residents with more than 68 years, both man and woman, especially this riverine imaginary swarming their memories and vibrate their voices, almost as an extension of this nature in pure daydream moments.

KEYWORDS: Vila Calheira; Waters and forests, Storytellers; Imaginary; Cartography

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1: Mapa do município de Currálinho.....	14
Imagem 2: Mapa do rio Canaticu	15
Imagem 3: o rio que flui	19
Imagem 4: A cidade e a noite	21
Imagem 6: o imaginário e a imagem	27
Imagem 7: Seu Lolico e o exercício do olhar	34
Imagem 8: A ligação entre os mundos	36
Imagem 9: Mapa da ilha do Marajó.....	44
Imagem 10: Mapa de Spix e Martius.....	48
Imagem 11: Currálinho Fonte: arquivo municipal	49
Imagem 12: Currálinho. Fonte: arquivo municipal	49
Imagem 13: Igreja da Matriz	55
Imagem 14: Entrada do rio Canaticu em dia de chuva.....	56
Imagem 15: croqui do espaço.....	61
Imagem 16: Desenho da vila feito pelo morador Maciel	67
Imagem 17: Calheira e suas pontes	67
Imagem 18: A ponte para o imaginário	69
Imagem 20: Construção da Igreja Católica	71
Imagem 19: Igreja Evangélica	71
Imagem 21: A chuva.....	76
Imagem 22: Destinos de mãos dadas.....	76
Imagem 23: O rio testemunha	77
Imagem 27: O olhar atento	85
Imagem 29: A calma	86
Imagem 32: O espetáculo nas águas.....	88
Imagem 35: Seu Lolico.....	90
Imagem 36: seu Lolico nos afazeres.....	92
Imagem 37: Seu Lolico e sua Bíblia.....	92
Imagem 38: D. Benedita.....	93
Imagem 40: O caminho adiante.....	94
Imagem 39: A mão que alimenta.....	94
Imagem 41: Seu Benedito.....	94
Imagem 44: Seu Manoel.....	97
Imagem 45: Seu Manoel.....	98
Imagem 47: A subida.....	100
Imagem 46: O olho em direção ao cacho perfeito.....	100
Imagem 48: Seu Garibalde	100
Imagem 49: Paisagem ribeirinha	104
Imagem 52: O lugar dos encantados.....	109
Imagem 53: Navio?	110
Imagem 54: "É boto sinhá"	114
Imagem 55: O fogo que não apaga.....	127

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO I: NO SUBIR E BAIXAR DAS ÁGUAS: A CONSTANTE BUSCA PELO IMAGINÁRIO MARAJOARA	19
1.1 O rio que conduz as narrativas do trabalho de campo.	20
1.2 Entre furos e igarapés: o caminho metodológico	32
1.3 Os contos de lá, se entrelaçam com os de cá.	34
1.3.1 Remando por águas e florestas: cartografia do imaginário ribeirinho	38
1.3.2. Os guardiões da memória	40
CAPÍTULO II: APRENDER A (RE) CONHECER: AS “ILHAS” DO MARAJÓ	44
2.1 O lugar e sua movimentação: um breve contexto	45
2.2 Currálinho: mais uma “comunidade amazônica”	47
2.3 A Currálinho dos narradores	50
3 Canaticu: o rio artéria	55
3.1 Vila Calheira: o lugar das memórias	66
3.2 A Calheira do devir acordado	72
3.3 No rio, na roça e na raça: narrativas dos saberes e fazeres	75
3.4 O rio-criança e a criança-rio	85
CAPÍTULO III: OS NARRADORES RIBEIRINHOS GUARDIÕES DA MEMÓRIA	89
3.1 O homem das palavras: seu Lolico	90
3.2 A mãe coruja: d. Benedita	93
3.3 Um senhor de respeito: seu Benedito Sá	94
3.4 O homem das visagens: Manoel Tenório	97
3.5 O apanhador de açai: seu Manoel	98
3.6 O soldado da borracha: seu Garibalde	100
3.7 Os narradores e as paisagens em transformação	102
CAPÍTULO IV: A HORA DO CONTO: NARRATIVAS DA CALHEIRA	105
4.1 Narrativas do rio	106
4.1.1: Águas misteriosas narrada por seu Lolico.	106
4.1.2 A cobra encantada da Calheira, narrada por d. Benedita	107

4.1.3 A cobra encantada da Calheira, narrada por seu Garibalde	107
4.1.4 Navio encantado, narrada por d. Benedita	108
4.1.5: A cobra verdadeira, narrada por seu Garibalde	110
4.1.6: A cobra grande do mato, narrada por seu Garibalde	111
4.1.7 O boto remador, contada por d. Benedita	112
4.1.8 O boto remador, contada por seu Garibalde	113
4.2 Narrativas da mata	115
4.2.1: A mulher que pariu uma bichuga, contada por d. Benedita	116
4.2.2: O macaco que virava mulher, contada por d. Benedita	117
4.2.3 Perdidos na mata, contada por seu Manoel	118
4.2.4: A criança perdida, contada por d. Benedita	118
4.2.5: O protetor da mata, contada por seu Reginaldo Sá	120
4.2.6: O grito da Ianga, contada por seu Garibalde	121
4.2.7 Visagem na mata, contada por seu Manoel Francisco	121
4.2.8 A visagem folharal, contada por seu Manoel Francisco	121
4.2.9 A visagem mulher, contada por seu Manoel Francisco	122
4.2.10 Por aqui passou! Contada por seu Manoel Francisco	122
4.2.11 O desaforo de um bêbado, contada por seu Manoel Francisco	122
4.2.12 O macaco gigante, contado por seu Garibalde	123
4.2.13 O pote de dinheiro, contada por seu Benedito	124
4.3 Narrativas de fogo	127
4.3.1 O fogo que não queimava, contada por seu Manoel da Lúcia	128
4.3.A bola de fogo, contada por seu Benedito	129
4.3.3 O fogo da ponta do aturiá, contada por d. Benedita	129
Na preamar, cessam as palavras	131
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA	134
ANEXOS	141

INTRODUÇÃO

Amazônia, Marajós, índios, negros, caboclos, ribeirinhos, matas e rios, tempo das roças, tempo das águas, tempo da borracha e tempo das sementes, tempo do contar. Ela permeia-se de símbolos, que fazem parte de histórias de “gentes” que trazem marcas profundas de sua história.

As gentes amazônidas são envoltas até as entranhas em águas, florestas, bichos e marés. Crescem e aprendem com a natureza, com a maré enchente e vazante, maré essa que leva e traz canoas, pessoas, mururés, lembranças, alegrias, tristezas, esperanças e, por fim, histórias submersas nas memórias que se entrelaçam ao cotidiano mostrando-nos a profundidade do imaginário, onde o olhar por vezes se revolta com a própria realidade, outras, revela-se um olhar calmo, sensível que transpira o maravilhoso e “misgalha o real” (ZUMTHOR, 2010)

Este trabalho se dispõe a um estudo sobre as inter-relações entre memória e imaginário na vila da Calheira, uma comunidade ribeirinha, no contexto do Marajó. O imaginário permeia as memórias dos moradores do local que vivenciam os espaços dos rios, igarapés e das matas, com seus infinitos significados imbricados nas experiências cotidianas, com a pretensão de entender as diversidades das narrativas orais, do imaginário dessa comunidade, a partir dos próprios moradores. Dessa forma, procuro adquirir pilares para avançar em entendimentos sobre os saberes dos narradores, o conhecimento que lhes são próprios e suas relações com essas paisagens.

Estudar o imaginário requer um mergulho na *Mnemosyne* da história, do social de uma determinada sociedade, e é a partir desse olhar que este trabalho vai em busca de pessoas, que ao longo de suas vidas constroem vastos repertórios de histórias e de experiências, pois “os dados da história, como realidade empírica, pertencem à realidade histórica do indivíduo” (SIMMEL, 1983, p.16). Sendo assim, são vivências dando enfoque às poéticas da oralidade, salientando a memória e a voz dos narradores para, então, compreender quais narrativas são recorrentes no local e em que esfera elas acontecem para, assim, cartografá-las.

O ir a campo, coletar essas narrativas dá sustentação para possíveis discussões no fazer científico que aqui proponho, especialmente em se tratando das narrativas orais. Ao pensar este trabalho, foi necessária uma metodologia que amparasse para assim o tornar viável. A partir daí se fez necessário o uso das fontes orais como metodologia para a recolha das narrativas que farão parte do corpo deste estudo.

A escolha pelas fontes orais, em específico os relatos de vida, foi decidida pela necessidade de estar junto a esses sujeitos, e a maneira mais viável foi por meio da interação entre pesquisadora e narradores, pois a “fonte oral é uma arte da escuta” Portelli (2005), e por meio dessa arte de escutar e do encontro, foram surgindo pouco a pouco a partir da sua confiança em relação a mim, para que as narrativas fossem debulhadas. Os trabalhos com a metodologia das Histórias Orais consideram o âmbito da subjetividade da experiência humana, considerando os sujeitos que ainda vivem, para contar a história do tempo presente, sujeitos que ainda vivem e possuem uma gama de experiências e conhecimentos de camadas de oralidades dentro do seu próprio discurso. E continua o autor

As fontes orais não são objetivas, são fontes construídas, variáveis parciais, mais contemporâneas à pesquisa do que ao evento e resultam do encontro entre narrador e entrevistador, isto é, da entrevista, concebida como um momento de encontro e diálogo. (PORTELLI, apud VELÔSA, 2005, p, 29)

Por se tratar de um trabalho que se tem a necessidade do ir a campo de traçar encontros, ele vai como as águas dos rios que adentram os igarapés e furos e dialoga por entre as teorias da Antropologia, se aproximando da “observação participante” Cardoso de Oliveira (2006), e da cartografia que tenta traçar caminhos que nos levam, não a aplicar o algo simplesmente, que vem de cima para baixo, como se fosse imposto, mas “para ser experimentado e assumido com atitude, a partir dos nossos movimentos e atenção e das observações sistemáticas do campo, não é o movimento que explica a sensação, mas, ao contrário, é a elasticidade da sensação que explica o movimento” (DELEUZE apud PASSOS, 2012, p, 43).

Partindo do pressuposto da importância da história oral, dos relatos e da busca pelas memórias, assim como pela finalidade de cartografar as narrativas encontradas, pensei no local da pesquisa que me mostrasse o movimento de interação das pessoas e do meio em que vivem. O local escolhido situa-se num dos rios da cidade de Currealinho, um dos municípios do Arquipélago do Marajó. Currealinho fica situada à Sudoeste do arquipélago, fazendo parte da Microrregião dos Furos e Ilhas, constituindo divisas com as cidades de São Sebastião Da Boa Vista e Breves.

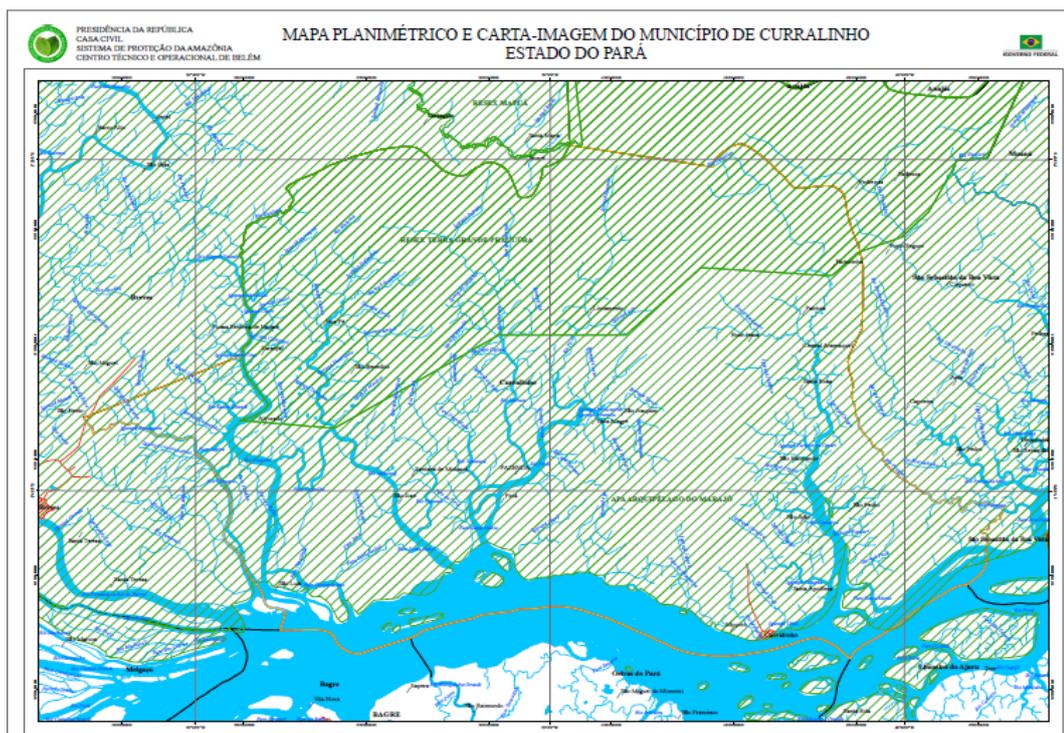


Imagem 1: Mapa do município de Currealinho

Decidi por manter o meu campo a Vila Calheira, situada às margens do Rio Canaticu. A Calheira é uma típica comunidade que tem suas vivências permeadas de águas e matas. Comunidade ribeirinha que tem em suas entranhas a lembrança de trabalhos pesados dentro das matas, a lembrança das dificuldades trazidas e levadas pelas águas. Bachelard ao falar sobre as águas e seus mistérios, fala de uma água que é pura e da água que é má. Para mim, em relação aos narradores, é a metáfora de suas experiências, águas alegres e as águas de tristezas vividas, respectivamente, “a água má é insinuante, a água pura é sutil” (2013, p, 149).

O caminho da pesquisa é o caminho das águas e o caminho das matas. Este rio que banha e deixa fértil a mata, esta mata que devolve alimento para que o rio continue vivo. É uma troca difícil, é preciso esperar. E devagar entrei nesse “rio artéria” para encontrar os narradores. Aliás, esperar é uma ação muito comum. Esperar a água subir e esperá-la baixar. Nessas enchentes e vazantes tracei meu *corpus* de narradores.

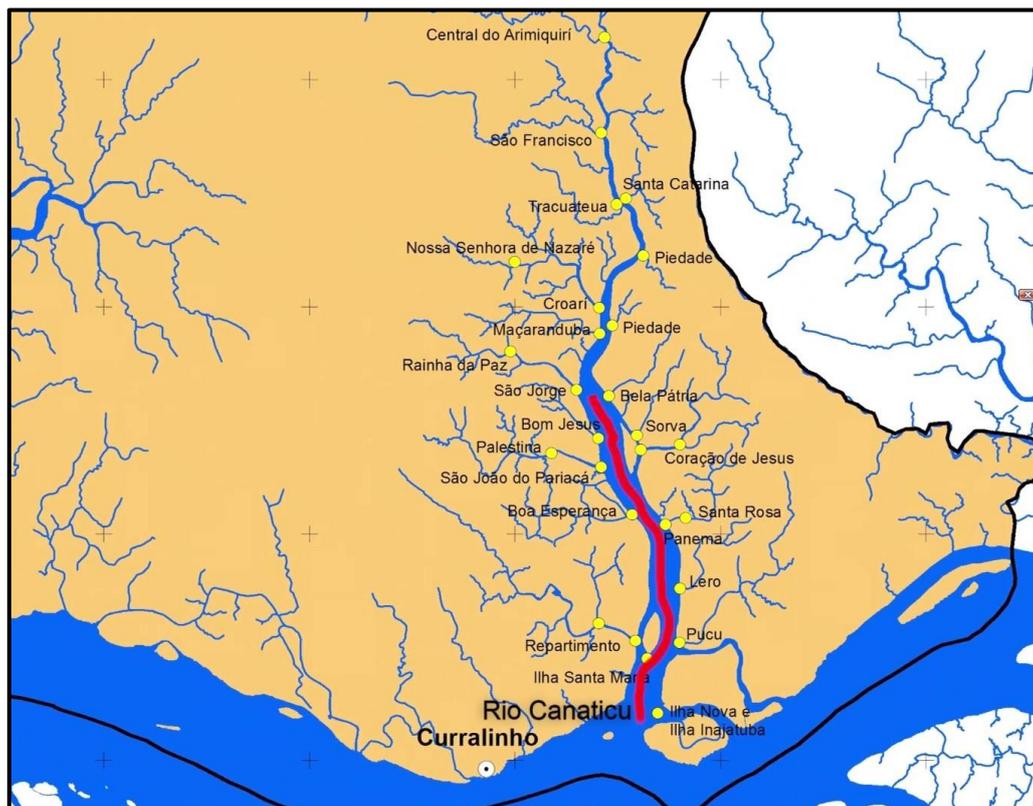


Imagem 2: Mapa do rio Canaticu

Com muito carinho que levo em minha caminhada, essas pessoas que se dispuseram a ajudar-me dividindo comigo seus segredos, suas memórias, que se fizeram gravar em minhas memórias, com a naturalidade que nos fala Benjamin (1993, p, 204) “quanto maior a naturalidade com que o narrador renuncia às sutilezas psicológicas, mais facilmente a história se gravará na memória do ouvinte, mais completamente ela se assimilará à sua própria experiência e mais irresistivelmente ele cederá à inclinação de recontá-la um dia”. Eis o que me proponho a fazer, (re) contar suas histórias.

O primeiro narrador foi seu Leogevildo, carinhosamente conhecido por Lolico, morador mais antigo do local. A segunda foi d. Benedita, que como missão de vida, vive para seu marido, seus filhos e netos, que junto com seu Benedito, o terceiro narrador, tem uma história de vida muito forte, de superações desde o seu nascimento, com a morte da mãe. O quarto narrador é seu Francisco, um senhor de alegria estampada no rosto, d. Tereza, sua companheira de toda a vida, é a pessoa que não lhe deixa mentir, em suas histórias, em todas, dona Tereza confirma a veracidade. O quinto é seu Manoel da Lúcia, o narrador que mais se emocionou com as memórias trazidas a tona. Seu Manoel me fez lembrar a leitura de Walter Benjamin, sobre a história do rei Psamênito ao ser derrotado pelo rei Persa Cambises, foi obrigado a assistir seus entes serem humilhados, sem esboçar nenhuma reação, no entanto, ao avistar um dos seus

serviçais “um velho miserável”, ficou em completo desespero. O fato não é que seu Manoel tenha servido de escravo, ou coisa assim, a morte lhe tomou duas pessoas que muito amou na vida, um de seus filhos e o seu melhor amigo, o pai. Entretanto, sua voz se enche de mágoa e saudade ao falar sobre a falta que lhe faz seu pai, pois como mencionou “a gente era muito amigo, ele me dava muito conselho”. Foi o narrador que deixou seus sentimentos e emoção fluírem, fazendo que seus olhos se enchessem de água. O último narrador é seu Garibalde, o “soldado da borracha”, como se declarou ao se lembrar dos tempos de trabalho na mata. Seu Garibalde não tem a mínima vontade de sair da Vila, vai à cidade quando obrigado pelas circunstâncias.

Dos sujeitos aqui escolhidos, somente um não nasceu no local, seu Lolico, mas reside há mais de trinta anos na vila. Os demais nasceram, cresceram, casaram, constituíram família ali. De suas memórias emanam a toda hora as paisagens do local e de suas vidas, imagens com potências simbólicas e, por isso, prenes de sentidos, porque são tocadas de uma forma subjetiva, o *ánimus* age de maneira diferente nos seres e se faz necessário seguir um caminho da *poiésis*, de aderir a poética e se deixar penetrar, se encher dela. É preciso aprender com ela sobre a “força” que faz com que as imagens se tornem uma constelação, e deixar que o fenômeno nos toque.

Dessas águas e dessas matas, as histórias que os moradores trazem consigo são paradoxais, pois era uma época de bonanças, nas caças, na pesca, nas frutas e de misérias ao mesmo tempo, de outras dificuldades de sobrevivência, apesar de terem fartura, muitos não tinham como conseguir com facilidade essas caças, “que quando nós ia pro mato, nós tinha um cachorro bom de caça, era na certa, era tatu, era paca, jabuti, era tudo, outras caças ele achava que era quati, esses negócio, mas ninguém matava que ninguém tinha espingarda.” (D.Ana, 20015) “O homem mira-se em seu passado, toda imagem é para ele uma lembrança” (BACHELARD, 2013, p, 69). E a partir dessas lembranças construo uma colcha de retalhos, ou melhor, “colcha de memórias” um intercruzar de vozes e memórias dos narradores com minhas memórias e as teorias que me deram suporte para tal. Traçando a seguinte forma: O primeiro capítulo “No subir e baixar das águas: a constante busca pelo imaginário marajoara” é tecida em forma de narrativa extensa, a minha experiência em campo, o meu eterno movimento do ir e vir pelo Rio Canaticu até o fechamento da “roda de contar”.

Apesar da objetividade que a academia nos exige, um trabalho que envolve o “outro”, acaba por ser uma experiência muito subjetiva. Com uma carga de afetividade considerável, pois “a experiência do trabalho de campo tem uma dimensão muito intensa de subjetividade” (BRANDÃO, 2007, p, 12). Permeio pelas orientações metodológicas de que tratam sobre o trabalho de campo, teço considerações sobre o que alcancei sobre a difícil arte de falar sobre o imaginário. Por fim, trago algumas considerações sobre os velhos, não sobre os narradores daqui, mas de maneira geral, sobre esses sujeitos que muitos têm a nos ensinar. A partir do que foi colocado aqui, em discussão, se inter cruzam as vozes de alguns narradores, como forma de desabafo dos mesmos.

O segundo capítulo “Aprender a (re) conhecer: as ilhas do Marajó” trago breves contextos, para a fim de situar o leitor em relação ao *lócus* da pesquisa. Um breve contexto histórico sobre a ilha do Marajó a partir das leituras de alguns pesquisadores, historiadores e alguns naturalistas do século XIX. Penso ser necessário isso, pois ao lembrar os leitores, penso nos narradores que participaram e, até mesmo, na comunidade em geral, que assim como eu pouco sabia sobre a história do Marajó, também podem estar alheios a muitos aspectos de nossa história que se guardam nos livros nas grandes bibliotecas da capital. Falo um pouco da cidade, do rio e da Vila a partir do que já tem como informação oficial e a partir das memórias dos narradores. Pois

É importante, também, considerar que os relatos não são totalmente e exclusivamente exercício do imaginário, nem simplesmente a descrição dos eventos, ele próprio é um evento, uma vez que, através dele, pode-se deduzir a subjetividade dos narradores, os elementos de imaginação e os desejos que investem em sua relação com a história. Quando uma versão errada da história se torna senso comum, não se trata só de ratificar a reconstrução dos fatos, mas de se interrogar sobre como e por que esse senso comum foi construído, o que significa e para que serve.
(PORTELLI, apud VELÔSO, 2005, p, 28)

Dessa forma, construo um caminho por meio dessas, que podem ser individuais, mas também “coletivas” (HALBWACHS, 2004), para falar desse lugar que é o espaço da vivência e das experiências. Observo também, a sensibilidade das crianças, em sua relação com o rio. O rio que também carrega águas infantis.

No terceiro capítulo, “Os narradores ribeirinhos guardiões da memória”, apresento aos leitores os verdadeiros mestres, da tessitura deste trabalho, os donos das vozes, “a voz é querer dizer e vontade de existência, lugar de uma ausência que, nela, se

transforma em presença” (ZUMTHOR, 2010, p, 09) e que se fizeram presentes no aqui e no agora, num tempo sincrônico. Antes de adentrar no quarto capítulo, esboço algumas palavras sobre os espaços que se transformam, ou sofrem transformações pelo homem. Senti necessidade a partir do que ouvia de como os espaços, nos quais aconteciam as narrativas, foram sendo transformados, naturalmente. Também coloco algumas considerações a respeito da grande importância que o aparelho de parabólica tem nessas comunidades ribeirinhas, de certa maneira, é o que os liga ao mundo afora.

No quarto e último capítulo, inicio com a escrita do texto, Conto e cura de Benjamin, que nos mostra a possibilidade da cura por meio da narrativa, para enfim, colocar as narrativas que envolvem: imaginários e simbolismos, encontradas no decorrer da pesquisa na Vila Calheira por esses seis narradores. Como em forma de dosagem, coloco uma a uma e lhes dou a devida atenção. As narrativas encontradas envolvem quase todos os elementos da natureza, a terra, a água e o fogo. Nas narrativas que envolvem a terra, a floresta, surgiram as que falam sobre macacos, visagens, aves, bichugas¹, uiara e cobras que se escondem nas matas. Nas que envolvem a água, apareceu o boto e a cobra grande, as mesmas histórias contadas por narradores diferentes, o navio encantado. E o último elemento que é o fogo. A bola e fogo, que correm pelo rio, ou que aparecem e desaparecem em instantes.

À guisa de esclarecimento ao leitor, em relação às citações, todas se colocam de acordo com a formatação padrão ABNT 2012, entretanto para as narrativas orais aqui no *corpus* do trabalho, foi utilizada a fonte COMIC SANS MS, em tamanho 12 com espaçamento 1,0. Esse caminho feito a partir da experiência de Guilherme Fernandes onde concordo sobre as transcrições dessas vozes merecerem um destaque maior, tanto pela importância das falas, quanto pela melhor visualização do texto, entretanto o tamanho do espaço foi escolha minha. As narrativas estão na íntegra, sem recortes, e algumas são necessariamente longas, de acordo com as características próprias que cada narrador tem de contar. Outro ponto é em relação às imagens. Algumas vêm com alguma descrição, outras somente a numeração, por muitas não necessitarem de explicação, mas não vi necessidade de descrever a fonte em cada uma devido não fazer uso de imagens doutrem, todas as imagens aqui utilizadas, fazem parte do meu arquivo pessoal, coletado durante toda a pesquisa.

¹ Nome dado ao sangue-suga.

CAPÍTULO I: NO SUBIR E BAIXAR DAS ÁGUAS: A CONSTANTE BUSCA PELO IMAGINÁRIO MARAJOARA

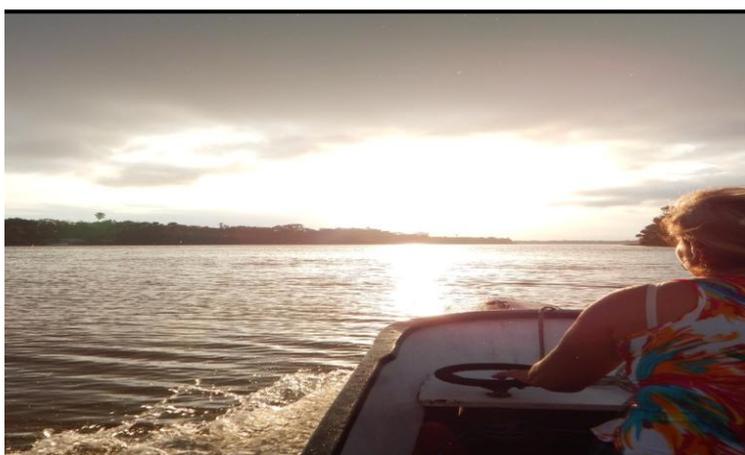
Tenta esquecer-me...Ser lembrado é como
Evocar-se um fantasma...Deixa-me ser
O que sou,o que sempre fui,um rio que vai
fluindo...

Em vão, as minhas margens cantarão as
horas,
Me recamarei de estrelas como um manto
real,
Me bordarei de nuvens e de asas,
às vezes virão em mim as crianças banhar-se...

Um espelho não guarda as coisas refletidas!
É o meu destino é seguir...é seguir para o
Mar,
As imagens perdendo no caminho...
Deixa-me fluir,passar,cantar...

Toda tristeza dos rios
É não poderem parar!

Mário Quintana



1.1 O rio que conduz as narrativas do trabalho de campo.

O eu lírico da epígrafe acima, metaforicamente nos traz a semelhança entre ele e a fluidez do rio, que é inconstante, sendo o seu destino o de seguir em frente. Hoje percebo que meus caminhos também são rios que desaguam em histórias. Entretanto, mergulhar nessas águas, mostrou-me a difícil arte de alinhar palavras e pensamentos, vozes e memórias. Nesse sentido, trago algumas palavras escritas, as quais fizeram parte das minhas observações, e dos meus pensamentos, sentidos em campo, nas idas e vindas entrelaçadas com momentos e a companhia dos narradores. Alvarez (2012) nos diz que conhecer não está em somente descrever o objeto, ou colocar informações para outros, mas deduz que o movimento de inter-relação com o campo é muito forte, implica em engajar-se literalmente nele, comprometer-se com o que se propõe.

Pela falta de experiência, as folhas em branco ainda são muitas em meu caderno de campo, mesmo assim, inicio a dura arte da escrita de campo, pois “a cartografia pressupõe uma política da narratividade” (PASSOS, 2012, p, 132). Por esse caminho da narratividade, é que trago mais adiante, observações feitas em campo, resalto a importância do olhar direcionado a campo, de certa maneira ele já está em processo de domesticação, pois “ao decidirmos o lócus, já criamos expectativas sobre o mesmo, isso porque, a partir do momento em que nos sentimos preparados para a investigação empírica, o objeto, sobre qual dirigimos o nosso olhar, já foi previamente alterado pelo próprio modo de visualizá-lo”. (OLIVEIRA 2006, p, 19).

A pesquisa inicia-se. Pego um barco de porte médio de carona com d. Rose². Por ser noite, a paisagem é confusa, mas logo outra se mostra, a de pontos de luz. A pequena cidade, aos olhos noturnos é mais bonita do que possamos imaginar. As atividades não vistas corriqueiramente, agora se mostram: os pescadores aproveitam a água grande para jogarem de seus casquinhos, a rede - a tarrafa -, se estiverem com sorte, conseguem algum alimento. Que espetáculo de equilíbrio: em um pequeno casco ficar de pé com a tarrafa nas mãos, a espera do momento certo para a jogarem no rio. A cidade acaba, e os pontos de luz ficam cada vez mais distantes.

As casas que avistamos de dia, à noite se transformam em pontos luminosos que refletem lindamente nas águas calmas, do rio Pará. Adentramos no rio Canaticu e os pontos de luzes se afastam cada vez mais.

² Moradora do Furo Santa Maria que ajudou na procura pelos narradores



Imagem 4: A cidade e a noite

Início uma conversa com d. Rose³, mas o barulho do motor é muito alto, e então paramos. Ao observar o escuro, que até aquele momento era um nada, só uma escuridão, com atenção surge o contorno da floresta. Só os contornos de árvores grandes e de árvores pequenas, delineando sombras, parecendo pinturas. E disponibilizo-me, abro meus olhos, ouvidos e o coração. As águas com tonalidade escura, confundem-se com a sombra da floresta naquele momento ela é mais turva que o céu. O rio tem um percurso longo e escuro, mas a imagem dos pontos vindo das casas às margens, ilumina-o, mesmo que espaçados, torna-o mais cheio de mistérios. É a “liquidez” da linguagem humana de que nos fala Bachelard (2013), onde a palavra que é água é uma continuidade da palavra do homem., e na sua visão continua:

Este consistirá em provar que as vozes das águas é uma realidade poética direta, que os regatos e os rios *sonorizam* com estranha fidelidade as paisagens mudas, que as águas ruidosas ensinam os pássaros e os homens a cantar, a falar, a repetir, e que há, em suma, uma continuidade entre palavra da água e a palavra humana. (BACHELARD, 2013, p, 17)

E nessa interrelação entre palavras³, atravessamos, eu, d. Rose e Lucas, que guiava o barco, e entramos no furo Santa Maria, onde mora. Jantamos e dormimos, no interior se dorme cedo. A lembrança do sonho na noite passada, vem logo, “o verdadeiro olho da terra é a água. Nos nossos olhos é a *água* que que sonha” Bachelard (2013, p, 33). Descubro mais tarde que meus sonhos são sonhados por elas. O cantar do galo, o canto do tucano, o cheiro do café, tudo, o cheiro de infância na casa enorme do meu avô

³ A pessoa que fez a aproximação entre mim e os narradores. Trabalha como agente de saúde e atua em algumas comunidades dentro rio Canaticu.

Wanzeler. O cheiro da casa, o cheiro dos bichos, a árvore de cuieira, a flor de boto⁴, até a longa ponte para chegar ao banheiro, a ponte que leva ao rio, a ponte que transporta a um passado feliz. O rio, parece, também, estar acordando: lindo, calmo, preguiçoso, leva devagar os mururés, os buçús, seus viajantes silenciosos a remo e os barulhentos, de barco.

Depois do café tomado, e o percurso combinado, demos início a busca pelos narradores. Depois de um dia inteiro percorrendo rios e furos, com os narradores já conhecidos e marcado o retorno, voltamos para a casa de dona Rose. O conhecimento e a minha ligação com o campo está sendo alinhavado, pois como diz Passos: “diferente de uma pesquisa fechada, o aprendiz-cartógrafo inicia sua habitação do território cultivando uma disponibilidade à experiência” (PASSOS, 2012, p, 136).

No retorno para casa, a sensação de quando se entra nas águas é a mesma de agora, ao entrarmos em um trabalho dessa natureza, não saímos os mesmos. Depois de tamanha experiência, arrisco-me a dizer que o homem é conexão com a natureza, o homem , aqui é natureza, é água. E, assim, inicia-se a primeira viagem até os narradores para a pesquisa. Mas o tempo dessa pesquisa, é o tempo as águas e das matas, e no inverno, tudo alaga, tudo muda, as águas estão a todo momento aqui, diferentes do Marajó dos campos, mas mesmo assim, ela tem seus tempos de soberania:

Quem manda aqui, não é o Presidente da República, não é o Governador, não é o Prefeito. Aqui, domina uma ditadura absoluta e incontestável, não baseada na Constituição ou nas Forças Armadas. É um dado de fato, quem manda é a água. É a água que dá o sustento e cria as dificuldades, consola e leva o desespero, condiciona a saúde, o trabalho, a vida da gente: sem levantar a voz, sem violência, mas implacável e total. (GALLO, 1981, p, 63)

Para essas bandas de cá do Marajó, as águas também ditam as regras. No dia do retorno marcado para conversar com os narradores, recebo a informação de que ele não poderia me receber, estava com uma viagem marcada à capital. Mudança de planos, ou melhor, de maré. Decido ir à casa de seu Lolico, o segundo da minha agenda. A partir de então, começam de fato as minhas viagens, as minhas idas em marés enchentes e as minhas vindas em marés vazantes, só que engraçado, ao ir na maré enchente, ia “vazia”, e ao voltar na vazante, aí sim, vinha “cheia” de conhecimentos.

⁴ Espécie de planta que nasce na beira do rio.

Atentos ao que desconhecemos, com uma atenção fora do foco, orientados por uma atitude de espreita (ethos da pesquisa) o cartógrafo se guia sem ter metas predeterminadas. Seu caminho (*hodos* da pesquisa) vai se fazendo no processo, indicando essa reversão metodológica que a cartografia exige (*hodós-metá*) (PASSOS, 2012, p. 137-138)

Pouco tempo depois descubro que o *hodos* de minha pesquisa tem sua direção certa. Ao meio dia de nove de fevereiro de dois mil e quinze, pego o barco que faz linha Curralinho-Canaticu, para iniciar minha pesquisa com seu Leogevildo, mais conhecido por seu Lolico morador da vila Calheira. É uma viagem não muito confortável, por causa do barulho vindo do motor, mas que é compensada com uma bela e extensa paisagem, bem diferente daquela de sexta à noite. Tudo se leva nesse barco, passageiros, mercadorias, encomendas entre outras coisas. Na viagem conversei com algumas pessoas. Todos têm algo a resolver na cidade. Alguns vão para resolver problemas no banco, outros para levar o filhinho para vacinar, e tem gente que faz o caminho inverso e vai passear com a família enquanto as aulas não começam.

Peço informação e me dizem como encontrar seu Lolico. Chego a sua casa e o senhor me mostra logo a reforma em sua casa: “Eu queria fazer ela de dois andares, queria fazer meu quarto e da minha esposa, lá em cima, bem na frente, que era para ficar olhando esse rio, pegando esse vento que vem do oceano. Mas não deu, ela adoeceu!”

Sinto uma enorme tristeza em sua voz nesse momento ao falar da esposa, sua companheira de toda a vida, que adoeceu. Depois da conversa, ele vai descansar. Eu, não consigo a ansiedade não me deixa nem fechar os olhos. Passos (2012) nos orienta das incertezas que um campo territorial pode nos trazer, e o que nos guia são outros sentimentos, “para o aprendiz-cartógrafo, o campo territorial não tem a identidade de suas certezas, mas a paixão de uma aventura” (p,138). Aventura de uma inexperiente, em terras de gentes desconhecidas, até o momento. Uma cartografia que institui o mapa de narrativas poéticas que emanam dos narradores locais. Foram três dias de muitas experiências, de muitas histórias boas de ouvir, mas a despedida é necessária.

Para o segundo narrador, quiseram as forças das águas que eu voltasse para a vila. Agora fui ao encontro de d. Benedia Sá, Seu Sá e seu Garibalde. Para chegar no dia combinado pedi carona a um senhor que estava indo para o rio na embarcação chamada de ‘Profeta de Deus’, lembrei de Gallo (1981) preocupado em entender o motivo dos nomes das embarcações. Depois de muito trabalho conclui: “os nomes são um espelho dessa realidade complexa onde fé e superstição encontram uma pacífica forma de simbiose.”

Estão na viagem, uma conhecida do dono do barco, a tia dele e mais uma mãe com dois filhos. Sentada no banco, no lado esquerdo, a tia, não tira os olhos da cidade. A mãe está tranquila, acomoda o filho mais velho no porão⁵ do barco, quanto ao caçula, deita-o em suas pernas e puxa de uma sacola, um novelo de linhas: começa a tecer um tapete, enquanto a maresia se agita, ela tece. O barco é o famoso pôpôpô⁶, então depois de hora e meia chegamos ao meu destino.

Quem me recebe é Rose⁷, uma amiga. Às cinco horas da tarde, Rose, Melque, seu marido, e eu, saímos pela vila para encontrar com seu Garibalde. Fomos caminhando e conversando. A vila tem uma ponte de madeira que passa na frente de todas as casas, tudo acontece, as mulheres lavam suas roupas, crianças correm, os idosos ficam sentados nas portas de suas casas, mulheres preparam seus matapis⁸, para mais tarde colocá-los no rio, os homens ajeitam a malhadeira⁹. Tal cenário me remete a WAGLEY (1988, p, 214), quando afirma sobre o seu *locus* de pesquisa, que “como na maioria das cidades pequenas, o ritmo da vida é lento em Itá e são poucas as modalidades de divertimento. A maneira de sua gente se divertir deve parecer esquisita e antiquada aos moradores das grandes cidades”. Aqui não é uma cidade, como na narrativa de Wagley, mas em muitas coisas os dois mundos se parecem, certos aspectos de sua descrição. Muito se aproxima com as situações vividas por essa comunidade nas estruturas sociais observadas.

A noite surge, a claridade vem das lâmpadas acesas das casas que iluminavam a ponte, avistei três crianças sentadas de frente para o rio, pescando ou tentando. Mostram-me dois acarás pequenos, menos de um palmo, pergunto se me permitem que eu tire umas fotos deles, riram meio sem graça, mas aceitaram.



Imagem 05: O pescador infantil

⁵ Parte interna da embarcação

⁶ Apelido dado a uma pequena embarcação, muito comum no local.

⁷ A pessoa que me apresenta a seu Garibalde

⁸ Armadilha feita de tala de miriti, para apanhar camarão.

⁹ Armadilha para peixes.

Logo depois, a avó chama por eles. Ela conta-me que são seus netos, mas é ela quem os cria, pois perdeu seu filho para a doença de Chagas no ano passado, a mãe foi embora, e os filhos ficaram. Desde então, eles estão sob a sua responsabilidade: “Ah, Mana! Se eu deixar é o dia inteiro na beira desse rio. Eles pegam caniço, colocam matapí, ficam brincando”. Nossa caminhada continua. As pessoas na frente de suas casas, o banco é o beiral da ponte. É o pastor que espera seus fiéis. É a chuva que se prepara, e de repente, as pessoas se preparam junto com ela, tiram as roupas dos varais, se recolhem e fecham as janelas e portas. Parece que vai ser um temporal muito forte, recolhem-se rapidamente.

No dia seguinte, estou à porta da casa, observando a movimentação na ponte, e o nascer do sol, logo veio um filho de d. Benedita, seu Raimundo, e convida-me para um café. Apresentou-me sua esposa, mostrou-me sua casa, conversamos um pouco, falou de seus filhos que estudam para Belém e da falta que eles fazem na casa, pois agora moram só os dois. Nas férias a casa fica pequena. Aqui nesta casa, d. Benedita, uma das narradoras, conta sobre um fato, que como ela mesmo diz, estranho, que aconteceu com a cunhada de seu Raimundo:

Às vezes acontecem certas coisas... Uma vez aqui, uma irmã da Léia, essa minha nora.... De tarde, mana, eles tavam tomando banho lá no trapiche onde é a igreja, e, tinha um assoalho¹⁰ debaixo da escada, lá embaixo pra tomar banho, era bonito. Aí... Elas estavam tomando banho lá. Aí elas saíram de lá, e ela foi e se deitou numa rede que tava na frente da casa, na sala, foi se embalar. Nessa ocasião que ela se embalou, parece que deram... Carregaram ela e jogaram ela lá pro canto da parede... Mas minha querida, quer vê essa menina forcejar? Três homens não aguentavam ela.. Saía... Mas se bateu todinha, seguraram ela até que... Fizeram oração em cima dela, foi, foi, até que passou. Nós calcula... Só pode ter sido boto, né? Para malinar dela... Não tem explicação... Por que isso já?... Muita das vezes tem menina que tá menstruada que não se resguarda. quem sabe não foi isso... Nós calcula!

As narrativas poéticas começam a bubuiar¹¹. Depois do café fui convidada para ir à casa de seu outro irmão, Nazareno, novamente para mais um café e mais algumas conversas. Dessas conversas surgiu o convite para irmos até a casa do seu sogro, pai de

¹⁰ Espécie de plataforma para se pôr de pé.

¹¹ Segundo Veríssimo (2013) refere-se a flutuar, boiar, sobrenadar. Mas uso aqui com o sentido de surgir, está em uma camada meio submersa.

Ana Lúcia, que ficava na vila, mas a ponte não chega até lá, só pelo rio. “O papai tem umas histórias... O papai já passou na vida”, diz Lúcia. O meu objetivo não era fazer as entrevistas sem conhecer um pouco mais sobre o narrador, mas novamente as marés me levam, foi assim com seu Garibalde, está sendo com seu Manoel. Começo a perceber que, tanto para a memória, quanto para as narrativas orais, o contar não tem idade e nem momento certo, qualquer momento as pessoas podem estar dispostas a lembrar de algo, e em qualquer idade se tem algo a contar.

Três minutos de rabetá¹², e estávamos na casa de d. Maria e seu Manoel. Chegamos e um clima calmo e acolhedor nos recebe, estavam só os dois na casa. Seu Manoel ajeitando uma ponte da parte de trás da casa, e d. Maria na cozinha arrumando as coisas, os outros filhos estavam para o mato. O retorno para casa é necessário, no entanto, mais confusa do que cheguei. Pensei nessa teia de encontros que foram surgindo, do caminho que tracei para a pesquisa e da forma como ela faz seu próprio percurso. Agora tenho certeza, não mais me governo, algo me direciona, direcionando minhas expectativas:

Como numa viagem a uma cidade desconhecida, no início temos muitas expectativas e formas gerais a respeito do lugar em uma abertura receptiva e afetiva para lá penetrar. Após a habitação da cidade, os modelos gerais vão se esvaindo e as experiências concretas vão se encarnando em novas ideias e conceitos corporificados (THOMPSON & ROSCH, 1993, apud PASSOS, 2012, p, 140).

Essas expectativas dão lugar para a receptividade, e tudo se concretiza. Quando será que verei essas pessoas novamente? Pessoas que estampam o sofrimento de sua infância no corpo e na voz? Quando cruzarei meu caminho com a de seu Manoel? Minha cabeça fervilha, e os meus olhos choram. Mais uma etapa a ser concluída. Subo no barco e, ao ligar do motor, percebo que o meu *hodus*, novamente, quem traça é o rio, é essa água e esse povo contador, tímido, que pensa no futuro, no entanto, vive o passado, o qual lhe marcou mais forte.

O sol me mostra o caminho, o rio se acalma para eu chegar sã e salva em casa. No percurso de uma hora e meia, observava tudo em minha volta, as águas que parecem sem fim, e pude pensar em tudo que estava acontecendo, as pessoas com suas rotinas, pescadores com anzóis, malhadeiras, outras tiram seus matapís da beira, pessoas com pressa indo a motor, e outras indo na companhia do ritmo da maré, não adianta ir contra.

¹² Pequena embarcação, muito usada para viagens rápidas e próximas.

O sol me agracia com sua luz, os pássaros com suas companhias. Nesse momento percebo que meus pensamentos não são mais meus, minhas ideias não são mais minhas, minhas palavras não me pertencem São de quem então?.A aura desse lugar impregnou em mim.Quanta simplicidade! Para se viver, necessita-se de tão pouco.

E os sinais surgem a cada momento. Mostram-me o caminho das narrativas: as águas e as matas. E de repente a natureza me traz a metamoforse do boto. O boto gosta de acompanhar canoas, principalmente quando as mulheres sangram as águas levadas por elas.



Imagem 5: o imaginário e a imagem

Maffessoli (2001) nos mostra o imaginário como produção de um grupo no qual está socialmente inserido, o imaginário não produz pronomes possessivos. E a partir do imaginários surgem as imagens: “Não é a imagem que produz o imaginário, mas o contrário. A existência de um imaginário determina a existência de um conjunto de imagens. A imagem não é o suporte.mas o resultado”(p,76).

Ao lembrar da narrativa de d. Benedita, e do susto que as duas tiveram, quando crianças, percebo a semelhança entre a imagem acima colocada. Ao primeiro olhar vimos um homem a nadar no rio, mas se olharmos com atenção, se trata de uma árvore chamada miritizeiro¹³ no leito do rio, a parte de cima da árvore se iguala aos braços humanos e a uma cabeça coberta com uma espécie de chapéu de palha, essa imagem reportou-me às narrativa de um grande personagem dessas regiões:

Olha! Nós estudava ali do outro lado e, aí, quando foi um dia, nós fomo estudar, e a professora disse :

¹³ Árvore muito comum na região que dela retira-se o fruto, miriti, muito apreciado na região.

- Benedita, tua mãe ainda não chegou? Ah... Benedita se ela tiver trazido piquiá não vai deixar eu sem comer piquiá.

Eu disse: - Não, professora, deixe que eu trago pra senhora!

Quando eu cheguei, a mamãe já tava em casa, já tinha chego...

- Ah, mamãe, a professora quer piquiá!

-Tira logo uma dúzia e amanhã tu leva lá pra ela.

-Não, mãe! Eu vou lá deixar logo agora! Eu tinha chego.

Quando deu umas quatro horas, aí... Eu com a Noca, minha prima:

- Bora lá, mana, deixar piquiá pra professora?

- Bora!

A água tava assim... Baixa, tava parada, não tava ventando nem nada. Nós ia, remando e conversando, quando chegou confronte lá a boca do Lenho¹⁴, que quando vê ,rapaz... Ia buiando... Rapaz... Que quando vê, esse boto passou por cima de nós! Ah... Pronto! Essa piquena largou o remo, não queria mais remar. E eu gritava pra ela pegar o remo, e ela não queria, gritava pra ela remar, pra me ajudar, que nada!... Quando vi, de novo! Três vezes ele pulou por cima do casco, de um lado pro outro... E aí essa pequena gritava, gritava, e eu gritava pra ela remar... E aí fomos, fomos, fomos embora, até que chegamos. E quando chegamos, nós contamo pra professora.

- Olha, deixa acalmar mais pra vocês irem!

Então, deixamos passar mais um pouco e voltamos, mas graças a Deus, chegamos bem em casa.

A narrativa de d. Benedita, nos mostra uma situação bem comum que acontece principalmente com as mulheres ao viajarem pelo rio sozinhas, aparentemente o boto quer acompanhá-las, mas a sua fama de bicho namorador, faz com que as mulheres fiquem temerosas com sua presença:

O boto sente atração especial pelas mulheres menstruadas, as quais, por conseguinte, nunca devem viajar em canoa nessas condições. Se o fizerem, os botos machos seguirão a canoa tentando virá-la. Às vezes nem é preciso que estejam menstruadas para os atrair. Uma mulher nunca deve olhar para um boto quanto este aparece à tona, pois ele tentará raptá-la. (WAGLEY, 1988, p, 240).

Culturalmente, podemos entender o medo das mulheres por esse animal, e por conseguinte, entender o medo de d. Benedita e sua prima ao se depararem com uma situação como essa que passaram, pois “O boto de água doce que habita a bacia amazônica é também encantado e dotado de poderes mágicos e sobrenaturais”(p, 237).

¹⁴ Entrada do rio Lenho

É dia de mais uma maré enchente, mais um narrador, uma nova viagem. Hoje o barco está lotado, o destino é a Vila Calheira para entrevistar Seu Benedito Sá. A água é meio marrom, barrenta, o homem da cidade grande não a bebe, o ribeirinho, o índio, o negro bebem, não todos, mas muitos. Por isso e por outros motivos, muitos ainda estão cheios de vermes, como nos disse Dalcídio Jurandir, da professora e da mãe de Biá¹⁵ “em casa o pau de lenha à espera do aracu que o pai há de trazer – peixe anda arisco, arisco. Veio a mãe, amarela, seco e solto o cabelo, um trapo em cima da pele, verme até os olhos” (p, 70), não só pela água, isso é certo. Entretanto, continuam com a mesma esperança de que tudo vai melhorar, apesar das mais feias visões de desgraça. As pessoas parecem estar mais atentas, não se deixam mais ser enganadas, já sofreram muito, hoje exigem mais escolas, exigem professor, exigem saúde. Sujeitos de direitos sim, senhor! Seu candidato vem uma vez, não cumpre o prometido, nunca mais!

A viagem inicia-se. O que pensam essas pessoas? A viagem de barco é uma viagem solitária, todos estão ocupados com seus pensamentos, seus problemas, todos calados. O barulho é perturbador, temos que gritar para sermos ouvidos, alguns são mais silenciosos, mesmo assim, ainda gritamos para falar.

O barco começa a parar. E em cada parada desce uma esperança, desce alguém que foi resolver alguma coisa na cidade, atravessou o rio, pára na ilha. Mais uma, de muitas, muitas ilhas, muitas gentes, muitas pontes, muitas histórias; motor pára, barulho diminui, quem vai descer? Quem vai subir? E a água continua a correr, primeira parada, desembarca. Força. Jeito. Desce frango, desse café, desce gelo, desce bolacha, ainda descem as mesmas coisas, e outras novas colocadas na mesa dos ribeiros pelo progresso e pela tecnologia.

Seu alimento, hoje, é frango congelado, quase todo dia. Desce óleo, desce gasolina, desce o ribeirinho, desce o caboclo¹⁶. Crianças comem, se embalam, rede bem colocada. Viajante dorme, viagem demorada, alguns dormem, barulho louco. O barco sai, ponte, pontes, mais pontes, agora elas se ligam, longas. Roupas no varal. O vento e o sol ajudam. A cabocla trabalha. Trabalha em casa e trabalha no mato. No barco a criança come farinha com carne em conserva, embala seu pezinho no chão, deita

¹⁵ In FARES. Josebel Akel. (Org.) Texto e Pretexto: Experiência de Educação Contextualizada a partir da Literatura fita por autores amazônicos. Belém: Cultural CEJUP, 1992.

¹⁶ A partir de Lima (1999), trato aqui o termo Caboclo como “uma categoria geral de referência e identificação”. No entanto, como esse termo carrega um estereótipo negativo de exclusão pela maioria das pessoas de fora, e pelo que percebi no percorrer da pesquisa que a maioria não se reconhece como tal, utilizo nesta pesquisa o termo ribeirinho, aquele que vive na ribeira, às margens do rio.

impaciente, se embala de novo, divide o prato com a mãe. As crianças seguem os passos dos pais.

Caboclo, mora longe, mas o longe “encurtou”. De casco¹⁷, não mais, só de rabudo que faz a distância encurtar. Tem gente que foi à cidade para receber seu salário, benefício. Teve gente que foi procurar médico, a saúde do caboclo ainda é forte, mas os vermes ainda atacam, não mais sozinhos, hoje caboclo tem medo do barbeiro¹⁸, que já matou no rio. Desce, paga a passagem, não é caro, cinco reais, mas ontem ele não tinha: “Tira aí o de hoje e o de ontem, tá?”

O comandante o levou o para a cidade, fiado, mas hoje, depois de receber, não sei de quê exatamente, pagou a sua dívida e vai para a sua casa carregado de coisas que deu para comprar: bolacha, café, açúcar e carne de boi. É quando comem carne vermelha, quando trazem da cidade. O barco chega, desço, junto com outros passageiros, mais mercadorias para a vila, a passagem é cobrada, o barco saiu, para onde vão? Que horas vão comer? A que horas vão chegar? Quais seus sonhos? Muitas perguntas ficarão sem respostas. O barco continua sua viagem, mas a cabeça, atordoada pelo barulho parece que ainda está lá dentro. Aos poucos ele desaparece nas curvas do rio, e o ruído na cabeça diminui., e começo a “ouvir” o silêncio. Estou na vila Calheira. Por quê Calheira? Silêncio, um pouco de música? Longe escuto música. Gostamos de música! Rádio à pilha. Pilha ainda faz parte! Luz elétrica? Tem. Mas, também, tem hora, no final do dia, lá quando o sol fica escuro e deixa escuro o rio, o rio fica escuro e a beirada igual à cidade luz, linda! Toda iluminada!

Lamparina¹⁹? Não. Não usamos mais, temos somente como lembrança. Mas está lá no cantinho da cozinha, qualquer coisa, quando falta gasolina no motor, ou pilha na lanterna, ela surge triunfante. O chapéu de palha está pendurado na parede, o remo também está no canto. A casa? Melhorou. Agora o caboclo tem casa de alvenaria, tem os mesmos direitos que qualquer um. Querem melhorar.

A novela acabou. Como será o capítulo de amanhã? Ah! Mas amanhã é domingo. Dia de reza! O motor é desligado, minutos depois o vizinho, desliga o seu, o barulho agora é só da mata, o grilo se torna rei, o porco resmunga, o sapo realiza sua orquestração, o peixe bate no rio. A noite na floresta, toma sua própria forma, é do jeito que tem que ser. Boa noite! Todos dormem, mas fica a luz da lanterna ligada no canto,

¹⁷ Aqui é o nome mais conhecido e dado à canoa.

¹⁸ Inseto muito comum na região que transmite a doença de Chagas.

¹⁹ Utensílio feito de lata ou vidro, que colocado pavio e querosene e acesso com fogo, emiti luz.

meus ouvidos atentos, não deixam meus olhos fecharem, e da rede remeto-me a seu Pepira²⁰ que contava histórias quando no meu tempo de infância ao passar as férias escolares no interior.

O sono chega. Dormi, ou estou acordada? Não sei mais. Só sei que algo aconteceu, quero acreditar que estava sonhando, alguma coisa me olhava e não via nada, me prendeu a voz, não pude gritar, fiquei presa, o corpo, a voz, lembrei-me do alho, mas como pegar? Pensei em alho e comecei a rezar, e aquilo foi saindo de mim, e então, não lembro mais, só lembro que acordei, já era dia. Os mais velhos disseram que era boto, querendo mexer comigo, fiquei muito impressionada e assustada. Entendo, assim, que “cartografar requer habitar de modo receptivo territórios que se avizinham, deixando-nos impregnar [...] penetra [r] esse campo numa perspectiva de composição e conjunção das forças” (PASSOS, 2012, p,137). Perpassando pela Antropologia, é a dimensão muito forte de subjetividade que carregamos em nós mesmos da qual nos fala Brandão (2007).

O velho caboclo ainda usa a ponte que o leva para o rio e a outra que o conduz à mata. O peixe está escasso, a caça fugiu, e começa a repensar seus atos, e a pensar em outras saídas. Penso que antes era muito sofrimento, mas pelo jeito o futuro vai ser pior, se não começarem a tomar providências. A noite passada, o sonho veio novamente. Um sonho esquisito, e o boto surge próximo à rede, fitou-me. Apareceu da metade para cima e ficava olhando, só olhando, com o focinho para cima, só a metade, como se estivesse com a outra metade dentro da água. Percebo dentro deste campo que os caminhos do imaginário tomam formas e mostram suas dimensões, conforme (MAFFESOLI, 2001, p, 75) “O imaginário é uma força social de ordem espiritual, uma construção mental, que se mantém ambígua, perceptível, mas não quantificável”

Durante algumas semanas dos meses de março à abril de dois mil e quinze, consegui fechar o círculo dos narradores para a pesquisa. Durante o percurso, conheci e conversei com dezenove idosos de vários lugares do rio, entretanto, para esse trabalho, tive que fazer um recorte. Permaneceram como interlocutores seis moradores da Vila Calheira, cinco homens e uma mulher, todos com mais de sessenta.

²⁰ Morador do interior onde visitávamos quando criança, que em noites de luar ia até a casa onde parávamos e junto com mais compadres, meu pai, tio e tia, enchiam nossas noites de medo e imaginação, ao contar as histórias de boto, cobra grande e visagens ali do local.

1.2 Entre furos e igarapés: o caminho metodológico

A pesquisa etnográfica consiste em estudarmos o Outro, como Alteridade, mas justamente para tentarmos conhecer o Outro. A observação é, então, esta aprendizagem de olhar o Outro para conhecê-lo, e, ao fazermos isto, também buscamos nos conhecer melhor (ECKERT & ROCHA 2008, p, 3-4). Não se trata aqui de um estudo etnográfico, pois para fazer tal estudo seria necessário um tempo maior de inserção no campo. No entanto, em partes, pelos caminhos percorridos e teorias lidas aproxima-se de tais estudos, e pelas orientações do método cartográfico, como acompanhamento de processos no qual não encontramos um único significado, dessa forma:

“a cartografia surge com princípio do rizoma que atesta, no pensamento, sua força performática, sua pragmática: princípio *inteiramente voltado para uma experimentação voltada para o real* [...]. a realidade cartografada se apresenta como mapa móvel, de tal maneira que tudo aquilo que tem aparência de “o mesmo”, não passa de um concentrado de significação, de saber, de poder, que pode por vezes ter a pretensão ilegítima de ser centro de organização do rizoma. Entretanto, o rizoma não tem centro [...]O método da cartografia tem como direção clínico-política o aumento do coeficiente de transversalidade, garantindo uma comunicação que não se esgota nos dois eixos hegemônicos de organização do *socius*: o eixo vertical que organiza a diferença hierarquicamente e o eixo horizontal que organiza os iguais de maneira corporativa.[...] Grosso modo, podemos dizer que a operação de organização hegemônica/majoritária do *socius* se dá na forma da conexão entre variáveis menores em oposição a variáveis maiores. (PASSOS, 2012, p, 10-28).

Podemos perceber que o método cartográfico diz respeito ao modo como se intervém para entender como uma determinada realidade se organiza, coloca as diferenças entre gênero, classe social e etnia, que, de certa maneira, opõe as diferenças, que estão dispostas em eixos, e as tonam homogêneas e, assim, “equaliza a realidade” Passos (2012).

Trago um pouco sobre o conhecimento da cartografia, para falar sobre os ribeirinhos e suas vozes. E, ao falar das vozes, impressiona o verbo, a força da palavra, “esmigalhar”, a qual Zumthor (1993, p,139) faz um belíssimo uso, “as vozes cotidianas dispersam as palavras no leito do tempo, ali *esmigalham* o real”. A partir de outra palavra muito comum em nosso meio, que é o debulhar, tento, metaforicamente, fazer a debulha das narrativas, emprestar, tirar do seu lugar de origem, no caso das memórias, das vozes, dos corpos. Associando com o seu significado, tento fazer escorrer entre meus dedos, cada uma das narrativas encontradas aqui. Para isso, é necessário o

mergulho no plano da experiência, dessa que vos escreve: “lá onde conhecer e fazer se tornam inseparáveis” (PASSOS, 2012, p, 29).

Esse mergulho começa a partir da minha inserção em campo, onde aprendo e reflito sobre meu próprio olhar, talvez, mesmo que inconscientemente, esteja no momento da ruptura epistemológica, como nos fala Bachelard (1996). Busquei entender os caminhos da memória de narradores adultos, tanto do sexo feminino quanto do sexo masculino. Para isso, utilizei os relatos orais, retirados de um campo maior que foi a história de vida, que emergiram por meio de suas narrativas. Então, é a partir das histórias de vida dos sujeitos, das suas trajetórias inseridas nos ambientes sociais dos quais participam, que estudos como o que realizei “deparam-se frontalmente com a questão da relação entre o individual e o social, entre o pequeno e o grande, entre a parte e o todo” (GUÉRIOS, 2011, p, 09).

As fontes orais, especificamente neste trabalho, tornam-se um caminho para a compreensão das narrativas poéticas, no processo constante de construção da identidade por meio das vozes que se escondem, ou que estão distantes, comumente, dos grandes objetos de estudos e dos grandes centros urbanos. O interessante aqui é o que se conta ainda em locais como esses, como essas narrativas ainda sobrevivem por meio das inter-relações existentes: homem-homem, homem-natureza, natureza-homem.

Traço essas ações, por meio dos relatos pessoais gravados com a permissão dos sujeitos participantes deste trabalho, rememorados após várias conversas informais, sem prévias combinações. Os narradores ficaram à vontade para contar o que achavam necessário. Como se trata de oralidade há uma subjetividade intrínseca e própria a cada narrador. Para alguns, tive a necessidade de orientar a conversa, quando via que o assunto estava cessando, sem que chegássemos ao ponto das narrativas. As pessoas presentes em meu relato são moradores nascidos, ou moradores há mais de trinta anos no lugar, onde se encontram acostumados com as paisagens que seus olhos vislumbram, para conhecer a realidade tem que acompanhar como o processo se constitui.

Trabalhos desta natureza revelam-se como a metáfora de um remanso, pois para construí-lo é necessário astúcia e sabedoria de percebê-lo no seu caminho, e sair dele da melhor maneira possível, o remanso é o aprofundamento das águas, a reunião, a revisitação de um lugar, pois de maneira circular a água se movimenta e sai, continua seu curso normal, mas agora com mais serenidade, entretanto forte, completa. Dessa maneira, a metáfora do remanso é a mais singela para a etapa das leituras e revisitações das teorias que guiaram este trabalho, quando busquei entender como surgem e de onde

surgem, e quais narrativas são constantes na Vila Calheira, apesar de muitas vezes a percepção não nos acompanhar, conforme Fares (2013) “ainda que, muitas vezes, não percebamos, [que] o cotidiano é constituído de experiências poéticas que emaranham saberes e fazeres artísticos” (p, 06).

Essas travessias, de certa forma, aumentam a intimidade entre mim, as águas e as narrativas, é que fazem minimizar a dificuldade em relação à percepção das diversas potências que emanam dessas águas e dessas vozes. No entanto, é necessário mudar, abandonar, deixar o olhar antigo e atentar para um novo olhar, aprender a ver o invisível, a ouvir o indizível, a sentir o intocável, e é com o exercício que aprendemos:

“No exercício do olhar (ver) e do escutar (ouvir) impõe ao pesquisador ou a pesquisadora um deslocamento de sua própria cultura para se situar no interior do fenômeno por ele ou por ela observado através da sua participação efetiva nas formas de sociabilidade por meio das quais a realidade investigada se lhe apresenta”. (ECKERT & ROCHA 2008, p, 02).



Imagem 6: Seu Lolico e o exercício do olhar

Penso que, para isso, é necessário passar por uma transformação como pesquisadora, sendo assim, é preciso desgarrar-me, pelo menos parcialmente, do corpo e do olhar de moradora, do olhar de outrora em relação aos sujeitos e aos espaços nos quais estava inserida. Essa mudança de olhar é necessária, não que isso faça esquecer-me das experiências vividas, mas deve proporcionar um olhar mais sensível, do qual fala Durand (2012).

2 Os contos de lá, se entrelaçam com os de cá.

Minha voz se faz presente a partir das vivências que fizeram com que eu reconhecesse este mundo a partir das águas presentes em mim, como fluxo dessas

memórias pessoais. Ao segurar nesse fio sinto-me segura para não me perder nos labirintos de meus próprios devaneios, e não beber das águas da Lesmosyne, em um rio do esquecimento, e sim, caminhar por entre portos que levem a submergir em outras águas. As águas que entro são as do Rio Pará, que banham uma parte da ilha do Marajó e que desde muito cedo são constantes em minha vida:

À criança recebe do passado não só os dados da história escrita; mergulha suas raízes na história vivida, ou melhor, sobrevivida, das pessoas de idade que tomaram parte na sua socialização. Sem estas haveria apenas uma competência abstrata para lidar com os dados do passado, mas não a memória. (BOSI, 1994, p, 73).

Minhas estradas, minhas ruas eram as águas do rio. As brincadeiras foram dentro delas. As brincadeiras foram molhadas, a morada era molhada, a infância fora muito molhada. A inacabada casa ficava em cima d'água, de acordo com a maré. O medo dessas águas também era constante, quantos mistérios nas suas profundezas: “há mais mistérios no fundo das águas do que cabelos em cima da terra” já dizia minha avó. “A infância é larga, quase sem margens, como um chão que cede aos nossos pés e nos dá a sensação de que nossos passos afundam” (BOSI, apud BARROS, 1994, p, 01).

A todo o momento fui cercada pelas águas. Na casa do avô às margens do Rio Boa Vista no sítio Ribeira Nova lembro que contavam sobre a Cobra Grande que derrubou toda a terra da beirada da vila, levando para o fundo do rio casas, barracões e trapiches, uma tristeza. Hoje, entendo essas imagens a partir das leituras acadêmicas, como nas palavras de Fares (2013), ao citar Cunha, e fala sobre Rio-ruína “as terras flutuantes, desgarradas, puxadas pelo rio, se tornam migrantes e independentes do homem, procuram espaço”.

As muitas imagens da infância trazem à tona uma grande espinha de peixe que meu avô pegara nesse mesmo rio, e a pendurou como um troféu na parede da cozinha, eram maiores que meus próprios abismos. As águas também estavam na casa de minha avó paterna. Dia de domingo a família atravessava a ponte grande²¹, e ia para o igarapé Jaçuaana, lugar onde ouvi muitas histórias de botos que subiam nas pontes inacabadas.

Muitos banhos foram tomados naquele igarapé. Chegar à outra margem era um feito heroico. Lembro-me das poucas travessias conquistadas, pois tinha medo das águas escuras, nunca dava para ver o que tinha debaixo delas. As palavras de Fares

²¹ Apelido dado a uma ponte de concreto que substituiu uma ponte velha de madeira que uni duas partes do município.

ratificam meu medo: “um fenômeno curioso, e que provoca surpresa na bacia amazônica, é a cor diferente das águas em vários rios. Existem os chamados de água branca, de água preta e de água verde” (MORAES apud FARES, 2013). E as minhas eram pretas, da cor de nossos corpos, queimadas pelo sol, que descende dos índios. Quem poderia adivinhar o que elas carregavam? A imaginação surgia igual das personagens de Dalcídio, como Missunga: “Missunga²² metia a ponta dos dedos n’água como no seu tempo de menino, quando imaginava bichos do fundo dormindo” (JURANDIR, 2008, p, 35).

Todo o mistério que envolve os elementos da água e da terra, aquelas águas que hoje deságuam metaforicamente no ato de lembrar, uma vez que “pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, ‘desloca’, estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva, ao mesmo tempo profunda e ativa” (BOSI,1994, p, 47).



Imagem 7: A ligação entre os mundos

As histórias contadas eram às margens dessas águas ao final do dia, para ouvirmos as narrativas mais impressionantes, e a água estava lá a todo o momento. O tempo passa e, sem perceber, de bubuia, as águas me levam para a cidade vizinha, Currálinho. Por anos, fizemos travessias nesse rio para passar temporadas no interior desta cidade, até que um dia a notícia da mudança definitiva chegou. As águas me

²² Personagem de Dalcídio Jurandir

afastaram de meu lugar das memórias da infância, e faz com que nos aproximássemos de pessoas novas, águas novas, histórias novas, novos medos, quando novas memórias vão sendo construídas. Hoje, das leituras que fiz, percebo, coincidentemente, o entrelaçar das minhas narrativas, com as memórias de Lindanor Celina (1997), mais especificamente da “menina que vem de Itaiara”, ao mostrar sua narrativa com a mudança brusca de seu lugar para outro desconhecido:

Morávamos em Buritizal, quando meu pai, num de seus arrancos da mocidade, se mudou para Itaiara. Mamãe nunca lhe perdoou essa preseçada que considerou funesta em nossa vida. Falava constante daquela viagem em noite de breu, deixando, assim tão brusco, o nosso bom Buritizal para um incerto lugar. Não me dei conta da mudança. Quando abri os olhos para o mundo, me vi naquela casa de porta e janela, na rua das pedras. (p. 09)

Nossa viagem não foi de trem, e nem para Itaiara, mas o barco velho e lento trouxera o cachorro, as plantas, as sacolas, painéis, redes e esperanças de que tudo iria melhorar. Com o tempo, todos, perdoamos nosso pai. As águas tranquilas da infância me trouxeram para um lugar que não era familiar. Fomos morar numa casinha que as únicas janela e porta davam para uma rua triste e cheia de lama. A porta preferida ficava na parte de trás da casinha, de um único compartimento: era de frente para o rio. Naquele momento eu tinha o melhor quintal que qualquer criança poderia ter: as águas. Ao cair da noite, em dias de enchente, dava para ouvir o barulho das águas fazendo mesuras embaixo da casa. Era por essa porta que meu pai aparecia uma vez na semana, no seu barquinho sem tolda com o corpo cansado da lida do homem do mato. E por ela vi muitos botos e criei muitas histórias de medo.

Não demorou muito, e logo a mulher de branco²³ se fez presente. A partir daquele momento éramos estrangeiros, como nos fala Simmel (1983), ouvindo histórias que não eram nossas, mas belas e inquietantes histórias: o coronel malvado, a porca, o boi, e, como não podia deixar de ouvir, do boto e da cobra grande. São linhas de memórias intimistas, há um tom biográfico. O reencontro com o passado, o longe ou o perto no tempo e no espaço, fez-se necessário. Penso que “la biographie possède cette caractéristique, au fond assez mystérieuse, de nous parler, d’entrer aisément dans notre présent” (FABRE, 2010, p. 85). E se nada acontece por acaso, até escolha do tema desse trabalho não o é, pois evocam imagens, “são [como] águas de março esquentando o verão, é a promessa de vida no meu coração”, como diz Tom Jobim, e, como sempre,

²³ Narrativa comum de ser ouvida na cidade. Trata-se de uma mulher vestida de branco que aparece para as pessoas a noite ao redor da igreja Matriz

esse rio continua a ser meu lugar de travessias, a ponte que liga a todo tempo o ontem e o hoje.

2.1 Remando por águas e florestas: cartografia do imaginário ribeirinho

Durante o percurso da pesquisa, a todo o momento a memória dos narradores acendia a “lâmparina”, a luz, das imagens do imaginário local, mas muitas vezes com características universais, Maffesoli (2001, p, 76) nos fala de um espírito de grupo e não individual, “o imaginário é um estado de espírito de um grupo, de um país, de um estado, de uma comunidade, etc. O imaginário estabelece um vínculo. É um cimento social. Logo, se o imaginário liga, une numa atmosfera, não pode ser individual”.

As narrativas mito-poéticas dos narradores emanam lembranças de seus entes queridos: pais, avós, na maioria das vezes as pessoas que mais marcaram suas vidas, marcaram pelas histórias que lhes eram contadas, que lhes prendiam a atenção. “A memória, guardiã do tempo, guarda apenas o instante”, um passado que encontra “um eco”, que faz concluir que “a duração íntima é sempre a sabedoria” (BACHELARD, 2010, p, 37-50-88).

A memória guarda partes da identificação de uma cultura. Compõe em um jogo de idas e vindas, ali a memória se apresenta como lugar de recomposição do passado, propiciando a partir dessa recomposição a reflexão sobre o presente. “Ninguém em sã consciência pode negar a importância da memória no ato de narrar, de contar”, (JANETT apud ZUMTHOR, 2010, p, 52), pois “não podemos duvidar que a força de narrar tivesse formas antropológicas, e tudo que surge das narrações constituiem a maneira de como o homem se coloca no mundo”.

Coloca-se no mundo pelo ato de narrar, onde é desenvolvido e usado como fator social de interação de mundos, e de afirmação como ser humano, sendo usado para confirmar algo, explicar e convencer o outro. Porém, se esse “outro” não se disponibilizar a ouvir, a coerência de ter alguém para contar e narrar sem alguém escute a pessoa que conta, que esteja atento no seu papel de ouvinte, a dinâmica é quebrada e muitas as narrativas acabam por se perder na memória dos narradores. A esse respeito Barthes coloca que por mais que a narrativa seja prenhe de intenções, de informações, no entanto, é muito importante o sujeito ouvinte nesse meio falta uma ligação com a citação:

Mesmo que haja, o interior da narrativa, uma grande função de troca (repartida entre um doador e um beneficiário), da mesma maneira, homologicamente, a narrativa, como objeto, é alvo de uma comunicação: há um doador da narrativa, há um destinatário da narrativa. Sabe-se na comunicação linguística, que *eu* e *tu* são absolutamente pressupostos um pelo outro; da mesma maneira, não pode haver narrativa sem narrador e sem ouvinte (ou leitor). (BARTHES, 2013, p, 48)

A linguagem media as relações do homem com o mundo, e eterniza ensinamentos que são colocados por meio dela, assim como as palavras apresentam suas histórias, as pessoas também têm suas histórias e constroem seus próprios universos por meio delas. Esse homem transforma-se em narrador de seus próprios feitos e de feitos dos outros, torna-se porta-voz de muitas histórias, por meio de muitas linguagens: a linguagem verbal, a linguagem corporal e, porque não dizer, a linguagem da memória, se todo discurso é permeado do outro, da outra voz, aquele que o narrador sendo ele mesmo em outro tempo, já passa a ser outro no presente.

Todas as forças desses instantes se metaforizam em narrativas, riquíssimas em detalhes, que são próprias de suas vidas. A vozes dos narradores da comunidade, estudada, mostram as mais diversas formas de devaneios, todos os momentos fazem parte das suas vidas, como pudemos ver desde o começo o trabalho, sendo construído com e por essas narrativas. A Amazônia por si só, por ter um forte hibridismo cultural, social, religioso, já nos coloca em seu mundo “plural”. Tudo nela transpira o “maravilhoso” Zumthor (2010). Todos os lugares pertencem a entidades de outro mundo, a roça, o rio, a floresta, o animal, por isso, cabe ao homem o respeito, pois:

Permutas dessa ordem Possibilitam que cosmologias específicas aflorem em contextos culturais e ecológicos particulares, nos quais os grupos humanos estabelecem seus vínculos com o meio biofísico: mitos, fabulações, e lendas extravasam do universo imaginal como manifestações da potência subterrânea das imagens e o resultado das interações entre o mundo social e o ambiente experienciados no cotidiano, sendo este vivido enquanto “acontecer” no tempo (SILVEIRA, 2009, p, 75).

Pensamos um “estar no mundo” com o “outro” na ordem do sensível, do mítico e do místico, que sai da ordem do real (no sentido da materialidade das coisas) para ir ao encontro do devaneio, como diz Bachelard (2012), é sonhar acordado, é permanecer em estado de devaneio, e na agência do devaneio pensa-se, sonha-se a imagem, e no devaneio da vontade agimos e interagimos sobre a terra, sobre os elementos que são colocados, no mundo da alquimia, os elementos naturais são reconhecidos, os quais são evocados pela consciência e pela inconsciência sem diferença. “É um sonho contínuo. É

um trabalho em que se podem fechar os olhos. É, pois um devaneio íntimo” (BACHELARD, 2013, p, 112).

As narrativas cartografadas mostram as imagens a partir das memórias dos narradores e das paisagens nas quais estão inseridas, a qual também está preta de simbologias que emanam essas narrativas míticas. O imaginário é a potência da palavra humana que vem do (in) consciente coletivo, trazer as imagens que estão submersas nas narrativas e, no meu ponto de vista, é primeiramente trazer essas narrativas escondidas na memória de pessoas que as veem como intocadas e com um ar de segredos.

2.2 Os guardiões da memória

Sabemos que memória é vida e que a vida é constituída de experiências. Tais experiências estão carregadas de valores, constructos que nos ajudam a ter discernimentos e sabedoria para seguirmos em frente. Saber ler o mundo de hoje requer uma volta ao passado, e a perspicácia de nossa parte para que certos conhecimentos, sabedorias, não se percam no tempo, pois a informação, que é o que temos demais no mundo de hoje, e em velocidade assustadora, “na época da informação, a busca de sabedorias perde as forças” (BOSI, 1994, p,85).

É preciso que voltemos a olhar as coisas simples que nos rodeia, olhar com mais atenção a sabedoria vinda da simplicidade, consultar as vozes que já viveram o suficiente para construírem um vasto repertório dos saberes e fazeres da vida. As crianças não recebem somente os dados da história que foi escrita pelos homens, pois ao entrarem em contato com os idosos, elas são convidadas a mergulharem em suas histórias de vida, em suas emoções, em suas sabedorias adquiridas com o tempo.

Uma preocupação constante, nos dias de hoje gira em torno dos valores. Valores culturais, morais que mudam com tamanha veemência. Valores que cabiam para a sociedade ontem, não cabem mais na contemporaneidade. Nesse sentido, qual o valor que damos à sabedoria que os velhos carregam a partir das suas experiências? Pois sem a experiência dos velhos, a educação dos adultos não será alcançada plenamente no seu ser: quem lhe fará reviver o que viveu? Quem lhe contará sobre quem já morreu? Sobre as tradições existentes na família? Sobre como curar uma doença de maneira natural? “O narrador tira o que narra da própria experiência e a transforma em experiência dos que o escutam” (BOSI, 1994, p, 85).

D. Benedita Sá relembra sobre o que fazia em casa para ajudar sua mãe nas tarefas cotidianas, aprendeu com a mãe, muitas coisas que usou em sua própria vida, tirando a narrativa de sua própria experiência:

Olha! Aqui dantes a gente pegava muito camarão, peixe. É outro que a gente tinha porco, né? O papai matava um capado²⁴ aí a gente sargava, aí a gente pegava e levava sargado. Dantes o camarão, peixe tinha muito, a gente ia lancear de puiçá²⁵ e pegava de quantidade de peixe, muito! Agora, não! Quando a gente fazia farinha... Quando não tinha gente que tinha comércio, a gente comprava, nesse tempo era esse negócio de peixão sargado. A mamãe comprava meio quilo de café, uma quarta de café para torrar... A mamãe torrava e ainda colocava casca de castanha. pra render o café... Colocava a casca de castanha e torrava junto com o café! Aí a mamãe cortava aquilo miudinhozinho, torradinho... O café tinha que torrar. E era assim, mas credo! Torrei muito café... muito!

Como podemos perceber narrativas como essa de d. Benedita, não são por acaso colocadas nas vozes desses narradores, sendo assim, não podemos deixar que escapem por entre os dedos, isso faz parte do nosso presente, pois o passado transmitido pela memória dos velhos faz com que constituamos o nosso próprio presente. “É o passado centrado no presente que cria a natureza humana por um processo de contínuo reavivamento e rejuvenescimento” (HEGEL apud BOSI, 1994, p, 74).

Entretanto, pertencemos a uma sociedade, cuja época coloca cada vez mais esses velhos detentores do saber às margens, deixando-os de lado. É perceptível, que em muitos casos a sociedade industrial faz mal à velhice, pois quando jovem, suga suas forças, e acha que não precisa de sua experiência acumulada ao longo de toda uma vida. Bosi. (1994). Assim como a arte de um simples sapateiro, assim como o calçado se fez necessário, como um símbolo sacerdotal que estabelece a “ligação entre o céu e a terra” Durand (1995), o velho é a ligação entre o passado e o presente, entre a luz e a escuridão. A lembrança que aflora na memória de um idoso, pela voz, configura-se como “[a] *imaginatio vera* é a agulha e a linha que unem a intenção divina à natureza, isto é, a alma humana”. (DURAND 1995, p, 17)

²⁴ É o nome que dão ao suíno que é castrado

²⁵ Armadilha usada para pegar camarão pelas beiradas e pequenos poços dentro de igarapés.

Essas lembranças estão carregadas de sentimentos, às vezes, positivos, outras vezes, não. Suas vozes trazem conselhos, desabafos e anseios, como podemos perceber no relato de seu Duquinha:²⁶

Já trabalhei muito no pesado, pro centro, pra dentro do mato. Não desejo voltar de onde nós viemos, porque não é fácil, mas assim, temos que ter consciência, a gente temos que criar e plantar porque tem gente que não respeita. Peixe tinha grande quantidade nesse igarapé... Aqui só quem rema, que respeita a natureza, é eu, o Manoel de Oliveira, este Luiz da Silva, e outros meu vizinhos, que o resto nenhum... Quando você tá fazendo sua viagem de remo, por exemplo, para o igarapé... Você não está abalando a natureza porque você está a remo²⁷, remando, não dá choque²⁸ na água, não espanta o peixe, agora, esse aqui não, o rabudo, quando entra com a maré seca, o igarapé que faz curva, aí eles vão aqui no estirão²⁹ que quando eles dobram, entra lá debaixo da samutuma³⁰, onde o peixe deveria tá gasalhado, se escondendo, mas vai lá... Esse rabudo é muito cruel com a gente... Então ela tá acabando com os peixes e ninguém quer ouvir... Sendo... Antes começou com a malhadeira, foi diminuindo... Aí não temo mais nada, afastou o peixe, acabou com o peixe, agora o fim da picada nossa, que vai acontecer, vai ser o rabudo."

Estas palavras repletas de sentimentos, colocadas anteriormente, tornam-se visíveis na fala deste narrador, a força que outrora tinha no corpo lhe abandonou, fazendo-o, assim, frágil perante os outros mais novos, a sua única força é a indignação, indignação por conta do desrespeito para com a natureza, e ao mesmo tempo em que a tecnologia ajuda a diminuir distâncias, a tornar trabalhos que antes eram muito pesados, em trabalhos menos dolorosos, é a mesma que traz sérios problemas para população ribeirinha.

Dessa forma, a fim de ratificar o que foi dito em relação à importância do papel social que esses velhos têm para conosco, que trago a fala de Bosi: "Ele, nas tribos antigas, tem um lugar de honra como guardião do tesouro espiritual da comunidade, a

²⁶ Um dos 14 narradores que colaboraram com a pesquisa, mas que não fez parte do corpus das narrativas poéticas, mas suas experiências foram de muita valia.

²⁷ É um objeto de trabalho, espécie de palheta, feito de sapupema raíz da árvore de Pitaíca, por ser leve e de fácil talhamento.

²⁸ Quis dizer que o uso do remo não agride com barulho a água.

²⁹ Trecho marginal de um rio que corre em linha reta

³⁰ É uma espécie de esconderijo debaixo das raízes dos paus que ficam submersos na água, muito encontrado em igarapés.

tradição” (1994, p, 83). Mas, hoje, não é o que vemos. Deixo aqui um desabafo do senhor Germano de 74 anos, morador da cidade de Currálinho, quando perguntado sobre a situação atual da cidade, de como era na época em que era jovem, e de Seu Duquinha, morador do Rio Canaticu, respectivamente:

Olha, fui eu que ajudei a construir essa cidade, eu e os Bordalos. Esse menino aí (se refere ao prefeito da cidade) eu vi criança, o pai dele era da roça, eu vi eles tudo pequeno. E hoje em dia, ele passa por mim e finge que nem me conhece, eu acho um desrespeito, uma falta de respeito, eu acendia os postes a lamparina todinha dessa cidade, eu e meu cumpadre. Trouxe pra cá muitas coisas e ele passa por mim e finge que não me conheci! Isso eu não admito, eles tem que aprender a respeitar os mais velhos, é a gente que ensina, que sabe, que viveu mais tempo, tem mais experiência de vida.(Seu Germano)

A vida hoje tá complicado, e eu batalho assim... Eu leio a Bíblia, aí eu fico preocupado, já passei por tanto, ajudava mais os outros do que aqui em casa. Eu ficava nove dias fora discutindo, pra trazer recurso, pra cá pro povo, hoje não, se poderem passar por cima de mim, nesse igarapé... quer dizer, passaram a me desconsiderar e me desrespeitar.(Seu Duquinha)

Reitero que ao pretender ensinar, é o caso da sociedade atual, antes deveríamos aprender com a sociedade dita ultrapassada. É necessário darmos a importância aos saberes, aos conhecimentos que são rememorados pelos idosos e a partir daí deveríamos respeitar essas outras formas de saberes utilizados nas práticas sociais, ou seja, o saber que só encontra um caminho, torna-se cego frente à outras dimensões da realidade, pode causar cegueira Santos (2008). Em outras palavras, uma visão da sociedade que observasse apenas os fenômenos econômicos, por exemplo, seria unidimensional, esquecendo outros problemas sociais, de classe, de Estado, psicológicos e individuais. (MORIN, 2005 p, 99). Não devemos descartar essas sabedorias, como descartamos uma folha de papel, lembremo-nos das lições recebidas dos avós, em relação a algo que a ciência não explica, e nunca explicará. E essas lições iam surgindo, aqui neste, como se fosse um curso de rio, parece que não tem fim, e a cada dobra desse rio, seja em furo, um igarapé iam surgindo novos ensinamentos. O idoso é um mestre em narrar, “seu veio épico é oral” como nos fala Bosi (1994). Um mestre em deixar-nos em estado de êxtase com tudo o que viveu, aprendeu, ensinou.

CAPÍTULO II: APRENDER A (RE) CONHECER: AS “ILHAS” DO MARAJÓ

Marajó. Tanta terra que nem aparece ilha. Planura de terras a perder de vista. É uma terra estranha. Terra de duas caras. No poente, *aluviões* que rio trouxe. Zona de mata. Floresta densa. Região úmida, boa pra seringueira crescer. [...]

Afora isso, o litoral. O rio banha a maior parte da ilha. Gosta de mudar a feição dela. Na contra costa tem coisa pra se ver: a *pororoca*. As águas do mar brincando com as do rio! Bonito quando rio e mar se encontram. Paresque dois gigantes medindo força. [...] Caboclo marajoara só conhece duas estações: a seca e a cheia. [...]. Os rios são muitos. Todos de marés. [...] muitos campos nestas terras de matas ribeirinhas. [...]. Ah! É tanta água por lá! Transporte de caboclo é o *casco*, a *montaria*, a *igarité*. O rio é o caminho natural da gente do Marajó. [...]. À noitinha, caboclo gosta de uma prosa. Balançando-se na rede conta os acontecidos do dia e algumas estórias. Coisa de muita graça, botando tenência no contar. É a do Curupira, do Saci-Pererê, do Boto sedutor das cunhantãs formosas [...]

Assim é Marajó. Terra e gente. Só olhando de perto para se saber. (NETO, 2005, p.15 a 19)



Imagem 8: Mapa da ilha do Marajó

2.1 O lugar e sua movimentação: um breve contexto

O sol mordida a água que se arpejava toda, reverberando [...] O rio parecia crescer, mundiado pelo sol [...] Missunga pendurava os olhos nos cachos, verdes ainda, de açai. Metia a ponta dos dedos n'água como o seu tempo de menino, quando imaginava bichos no fundo dormindo. O rio ao sol parecia com febre. Pudesse os rios correr para o sol como o sonho dos homens, a força das árvores, o espanto e a curiosidade dos bichos! Ficaria estirado nas águas como um peixe-boi envenenado no timbó. Bem podia pensar, dentro de sua inércia, sob o vago rumor daquele remo tão ágil e flexível na água. (JURANDIR, 2008, p, 35).

Cada local tem sua história, sua memória. Cada ser cria imagens diferentes dos seus locais. Podemos perceber as formas como as pessoas veem esse arquipélago. As imagens de um lugar que reverberam em nossas memórias e em nossos sentidos.

Dalcídio Jurandir, em sua tamanha sensibilidade, nos traz uma forma simples e universal, um diminuto instante de reverberações de um sujeito que vive o seu local, com todo o seu mistério, nos trazendo a brincadeira do sol com o rio, que se entregava aos seus encantos e brilhos, descrevendo como todo um espaço que é seu e de muitas outras pessoas. Para ir mais além, busquei informações sobre essas terras descritas pelo autor, trazidas pela voz de Missunga.

Encontrei relatos que falam da existência de índios muito antes da chegada dos portugueses por aqui, por essas terras, entre os anos 400 e 1.300 d.C., vivendo de caças, pescas, plantações e embrenhados pelas matas, ou às margens do arquipélago. Alguns grupos tinham desenvolvido a habilidade de manusear o barro, transformando-o em cerâmica. Produziam, um vasto material feito desse barro: vasos, urnas funerárias, tigelas entre outros. Mais tarde esses materiais foram caracterizados como cerâmica marajoara, considerada uma das mais bonitas do mundo. Esses povos contavam suas histórias representadas nestes adornos, moldando o que a natureza lhes mostrava. O produto advindo do barro era certo caminho, um meio das relações entre o céu e a terra (STRAUSS, 1985, p, 20). Com um pouco dessa leitura, compreendo, como pesquisadora, e como nativa, muitas manifestações que ainda perduram em pleno século XXI, pois como nos colocam Hissa & Rios (2006, p, 07). “Os lugares são as manifestações de suas identidades”

A Ilha do Marajó, situada no estado do Pará é cercada pelos rios Amazonas, Tocantins e pelo Oceano Atlântico, com uma área de 40.100 km², sendo considerada a maior ilha flúvio-marinha do mundo. Tanta terra que nem parece ilha (NETO, 2005, p, 15). A história da ilha é mais uma entre tantas outras, marcada por guerras e imposições

de povos europeus que queriam conquistar novos territórios, o que culminou com o extermínio de culturas, memórias e povos que aqui moravam antes da chegada dos estrangeiros. Entretanto, muitas tribos resistiram, fossem elas escondidas pelas curvas dos rios e nos caminhos da mata, ou pelas negociações com os brancos, fazendo com que nem tudo fosse dizimado, marcando assim, o início de um novo tempo para os nativos, uma nova construção social estava por vir, mesmo sabendo que um povo não nasce do nada: “uma nova sociedade não pode nascer do nada; deve ser construída a partir de seus antecedentes” (WAGLEY, 1988, p, 15) e aqui se misturaram nativos, invasores e desbravadores.

Ao analisarmos o mapa da ilha podemos perceber que ela seria um ótimo lugar, realmente, para a existência de muitos povos, pois o fato de oferecer dificuldade para aportar em suas margens, as grandes extensões de matas e suas habilidades nativas de sobrevivência, deixava seus habitantes livres, como Pacheco (2010, p, 19) indica: “Situados em diferentes pontos geográficos da grande ilha de Joanes, essas nações lutaram em defesa de seus territórios, modos de ser e de viver. (...) habilidades em lidar com canoas, remos, arcos, flechas, táticas de esconderijos entre matas e rios (...)”.

No entanto, a ganância dos portugueses necessitava de mais poder e mão de obra escrava. O Marajó era moradia de muitos grupos humanos, muitas culturas e línguas. Os relatos dos viajantes da época narram que guerras foram travadas, mortes em massa ocorreram com o objetivo de extermínio ou de domesticação, até que foram aos poucos sendo vencidos pelas guerras, praticadas associadas à religião imposta e as doenças trazidas pelos europeus.

A conquista dos índios pelos religiosos culminou com a diminuição dos grupos indígenas resistentes ao domínio, e essa conquista resultou na livre passagem dos navegadores pelos rios do lado Sudoeste da ilha, pois esse era o caminho mais rápido para entrar no Amazonas. Navegar por entre as florestas do Marajó, entre os furos e estreitos de Breves, agora, sem ataques dos índios, em meio aos seus labirintos, foi um grande marco para os viajantes.

Após as reformas pombalinas, os eclesiásticos não possuíam mais o poder temporal, apenas o espiritual. Porém, os missionários continuavam a exercer uma função na colonização dos índios, através da catequização e de alguns descimentos de índios para as vilas estabelecidas em lugares estratégicos. (PATACA, 2005, p, 161).

Muitas águas rolaram e muito se perdeu da memória do Marajó mediante o genocídio, pois a história da descoberta e da posse da Amazônia abafa um passado plural dos povos marajoaras que aqui viviam muito antes da presença europeia, história essa que se arrasta com sérios problemas sociais até os dias de hoje.

2.2 Currallinho: mais uma “comunidade amazônica”

Viva Currallinho!
 Pedaco de chão verdejante,
 Mas um pedaco do Marajó,
 Um pedaco do Pará,
 E um pedaco do Brasil!

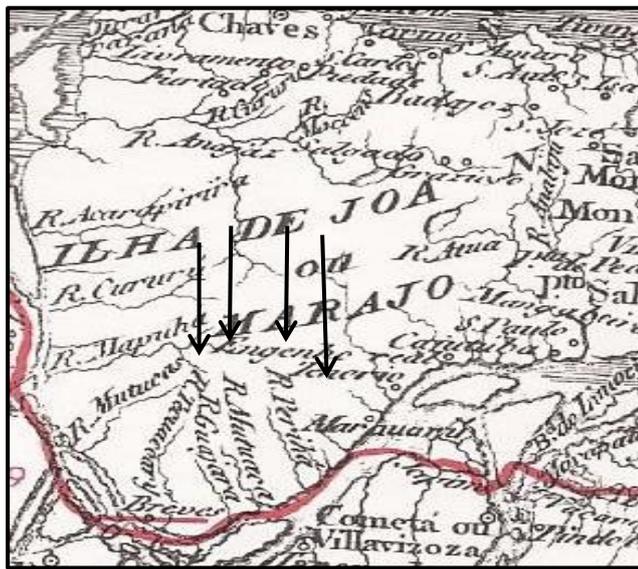
A Ilha está dividida em 13 distritos, entre esses se encontra o município de Currallinho. Uma das mais intrigantes características da ilha é a diferença de territórios que há em sua extensão, “o dualismo geográfico é marcante; a área de *campos* distingue-se nitidamente da zona das *matas*, que cobre a maior parte – sudoeste” (NETO, 2005, p, 27). A cidade está localizada justamente, na Costa Sul da Ilha de Marajó, na zona das matas onde “a água barrenta dos dois braços do Amazonas dá um aspecto todo peculiar ao solo de suas margens; a exuberante mata de *igapó*, cortada por inúmeros igarapés, paranás e furos, é o cenário mágico da fauna regional” (NETO, 2005, p, 30). Às margens do Rio Pará, a cidade se distancia 157 km da capital, Belém, em linha reta.

Historicamente, o município não tem o seu nome marcado nos livros dos grandes navegadores, nos relatos dos viajantes, como falam da aldeia de Breves, de Ponta de Pedras, de Chaves, entre outras. No entanto, alguns estudiosos locais, “arriscam” que aqui por essas terras largas, habitavam os índios da nação dos Cambocas.

Os relatos de Spix e Martius³¹ (1981) descrevem a sua passagem por um local onde, provavelmente, foram constituídos os territórios de Currallinho. No mapa abaixo

³¹ Viagem pelo Brasil. 1817 –1820. Vol.3.1981

se pode observar a rota por onde passaram, e pontuam quatro rios que fazem parte do município, rio Marauaru, Piriá, Mutuacá e Guajará. Rios, hoje, muito conhecidos pelo grande contingente populacional e pela suma importância econômica para a sede do município.



Os viajantes descrevem que ao saírem da Baía do Limoeiro, encontram-se nas águas do Tocantins e seguem descendo na vazante, até adentrarem nas águas do Rio Pará. Quando relatam sobre os rios demonstram o intrincado das paisagens, “de novo nos metemos num labirinto de canais” e continuam:

Essa parte do mar de água doce do Pará, como poderia ser propriamente chamada, pois não é somente o desaguadouro do Tocantins, mas a confluência de muitos extremamente caudalosos rios e correntes, é designada pelos habitantes com o nome da Baía dos Bocas ou Rio das Bocas, porque a nação dos Cambocas estava aldeada na missão de Araticum ou Oeiras, dos Jesuítas, à margem do continente. Os limites dessas águas são, segundo a linguagem dos navegantes: ao norte a Ilha do Marajó; a *foz do Canaticú*, a leste; a do Rio Parauaú, a oeste; ao sul, isto é, no continente, as fozes do Cupijó e do Jaguarajó (...) raramente chegamos a ver o continente ou a ilha de Marajó, diante da qual estavam ilhas dos mais diversos tamanhos e formas (SPIX E MARTIUS, 1981, p. 74).

Pela sua localização e, como podemos perceber no mapa acima, logo aquele local, depois de muitas águas enchentes e vazantes, tornou-se um ponto de parada para as embarcações, para os vapores e os famosos regatões que por ali passavam, os quais subiam e desciam o rio, pois "era uma fazenda particular com posto fluvial que

constituía escala quase obrigatória” (NETO, 2005, p, 190). Daí que os interesses comerciais foram surgindo com o processo de ocupação regional.

Com o tempo o local tornou-se mais habitado, sendo o habitante da região mestiço, dessa forma “o elemento étnico predominante é o caboclo marajoara, resultante da miscigenação branco-índia e, posteriormente branco-negra” (NETO, 2005, p, 73). Complemento a fala de Neto, colocando a relação entre o índio e a branca, e posteriormente os negros somados a essa miscigenação. Com a posse das terras, inúmeras pessoas ligadas aos proprietários para lá se dirigiram, e estava ali formado um núcleo populacional de relativa expressão. Com isso, a localidade prosperou, e, em 1850, adquiriu categoria de Freguesia sob a denominação de São João Batista de Currálinho. Em 1865 de Vila, até que se constitui município de Currálinho alguns anos mais tarde. A localidade, logo, tem a paisagem muito parecida com a de outras vilas e cidades que foram criadas ao longo do rio Pará, como podemos ler no trabalho de Pataca (2005, p, 158) ao analisar a imagem, da então Vila de Joanes. Essa descrição me faz comparar a, então, iniciada Freguesia de São João Batista:

As construções assinaladas no prospecto distinguem-se das outras por serem cobertas de telhas e construídas com pedra e cal. As casas estão alinhadas geometricamente às margens do Rio, urbanização característica das vilas amazônicas da segunda metade do século XVIII. Tal geometrização urbanística enquadrava-se na política urbanizadora do Marquês de Pombal e mostrava a ocupação portuguesa e a efetivação da prática colonizadora. Aos fundos das casas está representada a vegetação.

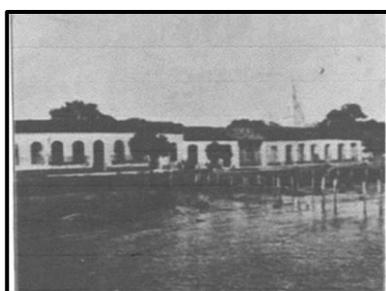


Imagem 10: Currálinho Fonte: arquivo municipal



Imagem 11: Currálinho. Fonte: arquivo municipal

O lugar foi administrado por poucas pessoas, especialmente os famosos coronéis, de uma época conhecida por muitos, onde as leis eram tais pessoas que faziam e aplicavam. Conta-se que os fazendeiros que passaram foram deixando seus agregados construírem residências e deram afazeres a eles. A comunidade participava, também, da economia da borracha, e da catação de sementes, fazendo com que o lugar prosperasse com o passar do tempo.

2.3 A Curralinho dos narradores

É sabido que a construção e a ressignificação da história de um povo perpassam pela capacidade dos próprios sujeitos registrarem os fatos, acontecimentos que constituíram a linha de tempo, além da capacidade de retomarem a memória individual e coletiva em face do revivificar a história pessoal de cada um, como única, mas também a história coletiva do grupo e das comunidades, fazendo perdurar no tempo muitas sabedorias. E é desse povo, que tem vivências, experiências, que se transformaram em sabedorias, perpassadas aos outros pela memória que emanam ricas narrativas. A memória individual em prol de uma memória coletiva tem relação com a construção da sabedoria de uma população, que se marginaliza com a indiferença de uma sociedade mecanicista e tecnológica diante de seus saberes e fazeres.

A partir deste momento, embarcada junto às memórias dos narradores, traço uma imagem de Curralinho, por meio das lembranças de uma cidade da infância. A memória, segundo Halbwachs (2006) é “coletiva”, pois o indivíduo nunca está sozinho no passado. Ele está inserido em um contexto familiar, social e nacional. Para os historiadores essa memória pode ser coletiva, entretanto ela tem que demonstrar fatos recorrentes e repetitivos. Esses fatos e recorrentes foram perceptíveis nas narrativas deste trabalho, que nos trazem a imagem de como era a cidade no período dessa infância, como o local era constituído de fazendas, por muito tempo ela se parecia mais rural do que urbana, como a maioria das cidades do interior. Como perceberemos nos relatos de d. Dalila e d. Ana³²:

Eu estava muito doente, doente mesmo, quase morta, então meu pai foi me buscar pra me trazer pra cá pra Curralinho, aí eu vim. Naquele tempo ainda era aquele Sabalão...Sabá³³. Não tinha doutor aqui na cidade, aqui era só tucumã³⁴, era só um tucumanzal. Ih! Eu ainda vi esse Curralinho. Mangureira, mangureira, mangureira, era tucumã pra cacete! (d. Dalila, 20015)

³² D. Dalila e d. Ana foram entrevistadas no decorrer do trabalho, mas não participaram do corpo das narrativas míticas, pelo fato de não viverem no local escolhido para a realização da pesquisa de campo, mas suas narrativas são de suma importância para a compreensão do lugar. D. Ana foi a narradora mais velha que conversei.

³³ Tratava-se de um morador da cidade que fazia o papel de médico, enfermeiro e farmacêutico.

Curralinho era só um campo, tinha só três casas, sabe o que tinha aqui, era muito boi... Pra se batizar era difícil, meu padrinho foi o coronel Estórdio, um comerciante daqui. (d. Ana, 2015)

A primeira narradora nos traz a imagem de uma cidade muito comum de ser encontrada na época, a natureza ainda era dominante, os caminhos eram batidos de terra, uma árvore muito encontrada por essas terras, até final da década de 90 eram as árvores de tucumã, que d. Dalila relembra, e que se tornaram relevantes para ela. No momento em que se encontrava muito doente, seu pai lhe trouxera para procurar por ajuda, e outra figura, importante para ela e para o local, foi a de um homem que fazia o papel de médico do local.

A narrativa de D. Ana nos traz a figura dos coronéis, das fazendas e dos ciganos, desses d. Ana se lembra de uma história em que seu Padrinho Estórdio foi avisado pelos próprios ciganos, que iria acontecer uma tragédia envolvendo o seu filho e as águas.

Olha! Se eu conto que andava aqui aqueles que lê a sorte como é? Que lia a sorte! Então o meu padrinho tinha um filho, bonito, alto, ele era, ele leu a sorte dele e ele tinha que morrer afogado. Ah! Meu padrinho ficou agora com cuidado nele pra não tomar banho! Não tomar banho! E olha menina como deu certo, não?

Um rapaz assim grande, que quando ele tava assim gordo; meu padrinho levava ele pra tirar um pouco da banha do coração, dizque era assim! Pois olha piquena, naquele tempo tinha muito boi, né? .Tá bom... Meu padrinho tinha cuidado com ele:

-Não vai tomar banho no porto, mas não vai, não vai!

Era um cuidado com ele, Deus o livre! Ele dizia.

-Papai sei lá. Mas eu digo que eu não morro afogado que eu sei nadar!

Pois olha, pois, quando chegou o tempo dele morrer, quando chegou o dia, né? ele foi:

-Papai eu vou passarinhar aí pro campo!

Era campo, campo grande aqui.

- Eu vou!

-Tá bom meu filho, vai!

Pra terra ele não tinha cuidado, e ele foi, mas naquele tempo tinha boi, boi, boi, naquele tempo era de rastro de boi né, e tava cheio de água... Pois olha como é a sorte da gente, né? Pois ele foi passarinhando por aí, não sabem como foi, só que acharam ele morto, com a cabeça, o nariz dentro do rastro do boi, do poço de água. Pois foi. Foi passarinhar e demorou, demorou,

demorou. Aí foram percurar ele e acharam ele bem morto, foi uma cigana que entro por aqui lendo a sorte dos outros!

D. Ana lembra perplexa deste fato, e se assusta ao lembrar-se do aviso dos ciganos, ao fazerem a premonição da morte do filho de padrinho: iria morrer afogado. Essa lembrança lhe deixa, por uns instantes, pensativa. Percebe-se a memória sendo trabalhada nessas narradoras, dessa forma notamos que a memória é uma evocação do passado, é a capacidade humana para reter e guardar o tempo que se foi salvando-o da perda total à luz do presente. A lembrança conserva aquilo que se foi e não retornará jamais. Como consequência da diferença temporal, passado, presente e futuro, a memória é uma forma de percepção interna, chamada introspecção, cujo objeto é interior ao sujeito do conhecimento: as coisas passadas lembradas, o próprio passado do sujeito e o passado relatado, ou registrado por outros em narrativas orais e escritas. (CHAUÍ, 1996, p, 25-126).

Os relatos de d. Dalila, mas principalmente de d. Ana, remete-me à voz de um autor como Wagley (1988), que relata a sua própria experiência em uma comunidade amazônica, e, nos fala, entre tantas coisas, sobre as relações de compadrio existentes em Itá, assim como na narrativa de d. Ana:

Como acontece na maior parte do mundo latino, a gente de Itá estende suas relações, além do círculo da família, por meio de compadrio (...) Os padrinhos assumem a responsabilidade pelo bem-estar material e espiritual da criança, e estas devem respeito aos padrinhos – “ainda mais do que a seus pais” (...) ajudam-se reciprocamente, dando um ao outro conforto financeiro e moral. (p, 162).

E complementa:

A força dessa relação de compadrio, acrescidas à de família, manifesta-se grandemente na vida social, econômica e política do Brasil. Os compadres geralmente prestam favores políticos e econômicos, uns aos outros e aos seus afilhados. (p, 163).

A imagem que posso ter, por meio das vozes dos narradores que passam por este trabalho, mostra um caminho de pessoas “importantes” que passaram pelo município. Já em meados do século XX, Currealinho era terra de duas famílias, a Família Fonseca e a Família Bordallo, ambas eram fortes empresários do local. A Família Fonseca comandava as terras que iam do meio da cidade até o Rio Canaticu, os domínios da Família Bordallo iam da outra metade até o extremo que vai até o Rio Piriá, como nos mostra o relato de seu Benedito Sá:

Aqui no Canaticu era Fonseca e lá pra cidade era Bordallo, eles não brigavam. Da prefeitura pra cá era tudo Fonseca e da prefeitura pra lá até pro Piriá era tudo Bordallo. Aquele prédio que o Pastana tem o comércio, aquilo lá era dele, do Fonseca.

Curralinho é constituída por muitos rios, além de grandes e importantes igarapés. A sua população está mais centralizada nos interiores do que no centro urbano, foi antes e continua sendo assim até hoje. Dentre as muitas vilas da cidade, duas são de muita importância para os habitantes e para a economia do lugar: a Vila Piriá, no Rio Piriá, e a Vila Calheira, no contexto do rio Canaticu. O município por muito tempo se desenvolveu, como muitas cidades do Pará, por meio da venda de gado, do comércio e do recebimento de sementes como andiroba, copaíba, ucuúba, bem como da extração de madeira e de borracha. Esta última, diferente de outros lugares foi o carro chefe da economia, as pessoas tinham a borracha como uma “poupança”, como nos conta seu Sá (2015).

E aquela borracha que nós tirava no fim da semana, de quinze em quinze dias, dez dias, nós ia botando n'água pra vender no fim do ano, é porque a farinha, a despesa da roça, se garantia né? A borracha era como se fosse uma poupança, a gente tinha um varal lá no porto, e em cada uma vara amarrava um paneiro³⁵, desse paneiro grande, assim, botava a borracha e colocava ele n'água, e ficava lá guardada.

As pessoas, de acordo com os narradores, não sobreviviam somente da borracha, pois quando não estavam riscando seringueira, estavam cuidando de suas roças, ou vice e versa. O tempo dos coronéis, da borracha, dos grandes navios, dos patrões, foi se extinguindo. A venda e/ou a compra da borracha acabou, da mesma forma a procura pelas sementes. Os coronéis foram embora e Curralinho e seus moradores, continuaram à própria sorte. Hoje, ainda, o rio Pará, é um dos principais meios de subsistência de muitos ribeirinhos, que tiram dele o camarão, a pescada, o filhote e o mapará³⁶, onde pescam para vender no pequeno mercado interno, ou para seu próprio sustento. Com uma população aproximadamente de 25 mil habitantes, distribuída numa área de 3.492 km quadrado, o rio Pará é a principal e única via de chegada e de saída dos moradores

³⁵ Cesto de tala de palmeira e trançado largo, geralmente forrado de folhas, muito usado para depósito de frutas.

³⁶ Peixe da região de água doce muito conhecido pelas regiões de Cametá.

da cidade, ou de visitantes. A cidade possui uma área reservada para aterrissagem de aviões de pequeno porte, os quais são usados em casos de emergências, para abastecer os postos de pagamentos, ou na chegada de políticos que visitam a cidade em momentos estratégicos. Com o decorrer do tempo, as pessoas continuaram a viver de acordo com o novo contexto político, muitos recebem benefícios do governo, ou são assalariados da prefeitura e/ou do pequeno comércio que se constitui. Se existissem investimentos para aproveitar de forma consciente suas potencialidades, muitas coisas poderiam mudar, pois como a cidade é rodeada por florestas e rios, há um forte potencial para o turismo ecológico, por ter muitos igarapés, trilhas de matas fechadas, entre outras coisas. Alguns estudiosos perceberam os potenciais que a própria natureza oferece, em relação à essa parte do Marajó:

De outro lado, a zona da mata, [...], onde o homem e meio interpenetram, resultando daí condições peculiares ao gênero de atividades sazonais, mercê da natureza que plasma o caráter nômade do vivente desta região. Deste lado o rio domina a vida. “*O rio imprimindo à sociedade rumos e tendências, criando tipos característicos na vida regional*” (grifo meu). O espírito do rio no homem. O rio é tempo. O rio é seu universo, seu horizonte. (NETO, 2005, p, 77)

Mas, infelizmente, Curralinho, assim como outras cidades da Ilha, carrega um fardo, grande e pesado de subdesenvolvimento, com um dos menores IDHS do Brasil. Tal situação, nos mostra às duras penas, as correntes da escravidão amarradas aos pés da história da ilha, sendo arrastadas até hoje, apesar dos séculos que nos separam das grandes invasões, guerras, torturas, explorações e dominações, essas cidades dos interiores não conseguem se libertar, já que os seus dilemas são significativos, a miséria é constante, o esquecimento é comum, e o domínio também. Entretanto, o domínio se dá por outras vias. Preocupado com a situação precária da Amazônia como um todo, Wagley (1988), em seu livro nos traz as palavras de outro pesquisador Paulo Almeida Machado, preocupado como ele, pois:

A história da Amazônia é por si um sério aviso e um eloquente exemplo da confusão que se faz entre prosperidade econômica e desenvolvimento. Não importa qual seja o volume de circulação monetária; só haverá desenvolvimento quando se conhecer melhor o ambiente e as riquezas naturais e quando o homem, de acordo com esse conhecimento, mudar o seu comportamento. Somente pela educação e pela pesquisa se poderá garantir a perpetuidade do novo impulso progressista que existe na Amazônia brasileira. Se o homem puder desenvolver e estabelecer uma convivência com o meio ambiente amazônico, a Amazônia sairá definitivamente do seu estágio de subdesenvolvimento. (p, 17)

Esqueçamos um pouco as mazelas, uma vez que “qualquer que seja o campo, ele é objeto de luta tanto em sua representação quanto em sua realidade” (BOURDIEU, 2004, P, 29), e continuemos a falar dessas águas, pois são elas que levam e buscam pessoas, as quais, ainda, trazem consigo, uma bagagem de histórias que são abençoadas logo na frente da cidade por uma das igrejas mais lindas do arquipélago, a Igreja de São João Batista, patrimônio do local. Currallinho, hoje, em muito ainda se parece com Itá em meados do século XIX:

Vista do rio, a cidade é uma pausa repousante na monótona sucessão de matas que cobrem as margens do Amazonas. Destaca-se a nítida e colorida, do fundo verde-escuro da vegetação. A igreja branca e luminosa, com o seu telhado cor de barro, é o primeiro edifício que se distingue. (...) assim vista do rio, a cidade parece um quadro emoldurado pela folhagem verde-escura das mangueiras enormes e das palmeiras majestosas que lhe guarnecem as beiras. Parece um recanto sedutor. (WAGLEY, 1988, p, 45).



Imagem 12: Igreja da Matriz

3 Canaticu: o rio artéria

Primeiramente, o proposta desta dissertação era de executar a pesquisa de campo na área urbana de Currallinho, mas ao longo do processo fui levada pelas marés para outras “águas” mais distantes, típicos espaços dotados de certa autonomia em relação à cidade, com leis que lhes são próprias Bourdieu (2004). Nos tempos das grandes descobertas e das navegações, dos estudiosos naturalistas, sabe-se que as águas dessa parte da Amazônia já eram descritas com uma aura de mistério, pelo fato de não

conhecerem muito bem seus percursos, por possuir um rio gigantesco e, por isso, tudo o que não conhecemos direito, naturalmente nos deixa temerosos, como destacam os viajantes Spix e Martius em sua passagem pelos rios do Marajó:

O gigantesco rio não forma aqui um canal estreito, mas um vasto braço de mar, e leva as suas águas por este caminho realmente para a capital. Navegando rio acima tem-se que lutar contra a constante correnteza de, no mínimo três milhas marinhas por hora, e, mesmo durante a vazante, ela é bem sensível. Resta ainda a interessante tarefa de determinar exatamente, como se comunicam estas águas. (SPIX e MARTIUS,1981, p, 75).

E as correntezas dessas águas levaram-me a optar por um campo de estudo onde as pessoas tivessem um contato maior com os rios, com as florestas, pois “um campo não se orienta totalmente ao acaso” (BOURDIEU,2004, p, 27). Levei em conta, alguns aspectos como: tempo, locomoção, distância entre outros, decidi procurar entender e conhecer mais sobre o Rio Canaticu. A cada vez que submergia na pesquisa, descobria algo importante e, assim, encontrei relatos de passagens por esse rio, como o de 1817, parte da viagem pelo Brasil dos autores acima citados, que o mencionam por encontrarem cal em suas margens:

Na outra região evidentemente mais baixa, que é atravessada de canais até longe, no interior, e revestida de floresta de igapó, acham-se, em diversos lugares, bancos de conchas, como, por exemplo, ao longo da margem do Rio Canaticu, moluscos, que os índios chamam de *cernambis* dos quais não se encontram vestígios nas costas setentrional e oriental (SPIX e MARTIUS,1981, p, 78).



Imagem 13: Entrada do rio Canaticu em dia de chuva

Ao olharmos a imagem do rio, observamos uma grande veia com inúmeras ramificações, é como se constitui imageticamente o Rio Canaticu, e muitos outros também. “Henry Walter Bates — cientista com sensibilidade de poeta — descreve suas aventuras de caçador no mistério sombrio dos igarapés perdidos na mata, dentro da paisagem maravilhosa de Marajó” (SILVA BRUNO, p, 33)

O rio vai passando e outros, rios afluentes, igarapés e furos vão construindo, não só paisagens, singularmente, e sim “paisagens” (SILVEIRA, 2009), e então percebemos as inter-relações desses furos, igarapés como “fomas labirínticas” criadas naturalmente a cada dodra do rio, em cada margem. As comunidades surgem e vão se estruturando ao longo do tempo. A partir dessa correlação entre homem e local, penso que o “estar no mundo” com o “outro” desde a ordem do sensível, do mítico e do místico, seria de alguma forma sair da ordem do real para ir ao encontro do devaneio:

“é sonhar acordado, é permanecer em estado de devaneio, e na agência do devaneio pensa-se, sonha-se a imagem, e no devaneio da vontade agimos e interagimos sobre a terra, sobre os elementos que são colocados, no mundo da alquimia, os elementos naturais são reconhecidos os quais são evocados pela consciência e inconsciência sem diferença, ‘É um sonho contínuo’. É um trabalho em que se pode fechar os olhos. É, pois um devaneio íntimo” (BACHELARD, 2013, p, 112).

A partir da interação do homem para com a terra, a paisagem naturalmente é alterada, dessa forma ao falarmos em “paisagens como fenômenos culturais” (SILVEIRA, 2009), é inevitável a interação impactante do homem em relação à natureza. O impacto nessa paisagem, muito se deu pelo grande crescimento populacional e, por outro lado, pela possibilidade de novas culturas para a sobrevivência.

Até meados do século XX, a população do lugar se concentrava nos centros dos afluentes e dos furos, as margens dos rios eram pouco habitadas, constantemente as pessoas que moravam nos centros, nas “cabeceiras do rio³⁷”, no final dos grandes braços e igarapés, como costumam dizer, tinham outros pequenos pedaços de terra às margens, mas se fixavam por mais tempo longe dali. No verão, os moradores iam para os grandes centros dos rios cuidar de suas roças, criações, seringueiras e, faziam suas farinhas, mas ao chegar o inverno arrumavam novamente seus pertences e voltavam para as margens do rio, até passar o tempo das águas grandes. As palavras de Silveira, nos mostram o movimento dessa paisagem, a qual é cheia de mobilidade, o paradoxo da paisagem,

³⁷ Trata-se do final do percurso do rio, também muito conhecido como centro.

quando o homem tem que se adequar ao seu tempo, que é diferente daquele do homem. Precisa lidar com, o tempo da cheia, da seca, do verão e do inverno:

A paisagem vibra em si mesma, existindo assim, uma mobilidade que lhe é inerente. Carrega consigo a representação e todo o fundo mítico aderido ao seu corpo persiste nas suas características biofísicas, re-situadas em ordens de significação de imagens. Através do processo de culturalização do ambiente surge a aura da paisagem e, a conseqüente, nomenclatura do lugar (...) a paisagem é um paradoxo criativo: complexidade ecossistêmica e produto humano que abarca o sujeito e está para além dele, encompassando-o no espaço-tempo. (SILVEIRA, 2009, p. 77)

Essas paisagens que vibravam, e ainda vibram, que traz em si a mobilidade, era que faziam com que muitos maridos deixassem suas esposas e filhos em lugares distantes das margens, embrenhados nos longes centros, como chamam, na estação da seca, pela facilidade do cultivo das roças e pela presença de caças, e voltavam para as margens, no período das grandes enchentes no período voltado para a retirada da madeira, como nos relata seu Benedito Sá, quando tinha que trabalhar para sustentar sua família:

A roça era no verão, a madeira no inverno. Chegava no mês de Janeiro... Em dezembro já estava com a roça tudo capinada. E aí, a gente fazia uns arqueiro de farinha e vinha simbora. Deixava ela aqui, e ia me embora com a turma³⁸, pra Sucupira³⁹... Ia ganhar diária pro centro. O centro do Rio Jatiboca, aqui no Canaticu. No verão lá pro centro e, no inverno pra cá [nas margens do rio],
Trabalhava janeiro, quando não... fevereiro, março, abril, maio... De lá eu vinha embora... Quatro meses fora, pra tirar a sucupira. (seu Sá, 20015)

O rio não tem muitos históricos de brigas de conflitos por terras, mas nas falas dos narradores percebemos a imposição dos grandes comerciantes que foram se estabilizando no rio, onde o empregado ou fornecedor de matéria prima, tinha que vender os produtos somente para ele, o patrão.

Com alguns relatos em mão, tento montar um quebra-cabeça em relação a construção da história do lugar. D. Ana⁴⁰ conta que antes de nascer, isso antes do início do século XX, já moravam no Canaticú dois irmãos de origem italiana: o senhor Aristeu

³⁸ Um grupo de pessoas que trabalhavam para um só patrão.

³⁹ Madeira típica da região

⁴⁰ Uma das 14 narradoras que participaram da pesquisa, mas devido ao recorte não entrou com as narrativas das poéticas orais, d. Ana é a narradora mais velha. 96 anos.

e o senhor João Marques. De acordo com seus relatos, ambos trabalhavam há tempos no rio onde ficaram até mais ou menos no ano de 1945. Pouco antes de partirem, chegaram por ali os irmãos Fonseca: o senhor Manoel Fonseca e o senhor Antonio Fonseca, dois portugueses que seriam muito importantes economicamente para o local, primeiramente, ambos, se fixaram em um lugar chamado Santa Rosa, onde colocaram um pequeno comércio, como podemos entender no relato de seu Benedito Sá:

Os Fonseca quando vieram de Portugal, eles vieram pro Cocal⁴¹, no Cocal o Zé Fonseca era tio deles... era Português... Eles vieram, era um bocado de Português que vieram pra lá e aí espalhou... botou o velho Antonio Fonseca pra se virarem procurarem pra onde ir... Eles vieram e se assentaram bem alí defronte na Santa Rosa..

O lugar também foi abrigo para muitos cearenses, que tentavam fugir da seca, e que vislumbraram no lugar a possibilidade de ascensão financeira, como podemos ver no relato de seu Sebastião⁴² ao falar de sua mulher.

Minha mulher era filha de cearense, era mais velha, nasceu em 1928, nós tinha 56 anos de casado. Ih...Veio muita gente do Ceará pra cá, se acabaram tudo. Tinha muita gente lá pro Aramaquiri.O pessoal do finado velho José de Matos, era cearense... Muitos faziam crime por lá e vinham pra cá... só sei que o avô da minha mulher era da Serra do Baturité... .E aí ele veio simhora pra cá, porque ele fez arte pra lá, era avô e pai de criação, a mãe dela morreu, morreu o pai dela...Veio a mãe dela ter essa filha pra cá... lá pro alto Canaticu... Hoje em dia tem os netos.

D. Nazaré, a mulher de seu Sebastião, veio com sua família ainda no ventre de sua mãe, foi mais uma entre tantos imigrantes cearenses que vieram com a promessa de mudar de vida, muito antes do período da tentativa de reativação da venda da borracha, pois “no período da II Batalha da Borracha, de 1941 a 1945, *o exército dos soldados da borracha* incorporou consideravelmente de cearenses, paraibanos, pernambucanos, rio-grandenses-do-norte e baianos” (BENCHIMOL, 2009), “a gente era tipo um soldado nestas matas”, lembra seu Garibalde.

⁴¹ Vila que pertence ao município de São Sebastião da Boa Vista

⁴² Um dos 14 narradores que participaram da pesquisa, mas devido ao recorte não entrou com as narrativas das poéticas orais.

Quanto aos portugueses, o motivo da sua chegada na Amazônia, também foi o mesmo, a promessa de enriquecimento fácil. Sendo assim, muitos filhos de pais pobres, oriundos de Portugal vinham tentar fazer seu “pé de meia” no Brasil, e centenas, chegaram ao Pará e se espalharam por todo o Estado, inclusive, pelos rios marajoaras, de onde surgiram muitas histórias desses forasteiros. Boa parte deles já chegavam por meio de algum conhecido, que já residia no lugar, conforme Benchimol:

As numerosas famílias que sobreviviam de uma pobre agricultura [...] incentivavam seus filhos a emigrarem para além-mar; outras vezes, a chamado de tios, irmãos, parentes e amigos que, no Brasil, haviam conseguido um pé-de-meia e procuravam pessoas de confiança para ajudar a administrar os negócios [...] No caso da Amazônia, além desses estabelecimentos varejistas, os portugueses dominavam as casas aviadoras e o comércio de borracha e gêneros regionais, e assim muitos imigrantes eram chamados para aprender seu ofício com caixeiros, balconistas, viajantes e prepostos dos patrões como pessoas de confiança. (BENCHIMOL, 2009, p, 83)

Foi o caso dos irmãos Fonseca. Seu Sá relatou que lembra de quando ele tinha dez anos de idade, eles já estavam por aqui, no início da década de cinquenta. Os irmãos tinham um tio português, que já trabalhava na vila Cocal. Ao chegarem, indicou-lhes esse lugar. De acordo com seu Sá, o primeiro lugar onde fixaram morada foi em frente à Calheira, na então Santa Rosa, onde colocaram logo uma venda: *“Eles vieram e se assentaram bem ali defronte na Santa Rosa, e arrumaram uma área lá com a D. Antonia Gomes. Ficaram lá! E português é danado, botaram uma casinha e lá botaram uma marretagzinha, vendia tudo, desde cachimbo enfeitado o cabo!”*

Seu Sá descreve logo a intenção dos portugueses e a tendência para os negócios por meio do comércio, de produtos vindos de fora em troca dos produtos que o rio oferecia. Tempos depois, os irmãos Fonseca, compraram a terra dos italianos, e para lá mudaram o seu negócio. Os italianos atravessaram o rio e passaram a negociar na localidade da Ponta Alegre⁴³. Mais tarde, novamente, os Fonseca se mudam, agora para mais longe, seguindo o curso do rio vão parar próximo ao Rio Massaranduba⁴⁴, e de acordo com os narradores, é lá que acontece um fato interessante, o qual os moradores associaram a maneira como os irmãos evoluíram nos negócios: Seu Sá comenta:

⁴³ Nome da Vila desse local

⁴⁴ Afluente do rio Canaticu

"Aí contam, viu? Contam eu não sei, eu ouvi contar isso depois, que um preto velho que botaram pra roçar lá o mato deles, dos Fonseca, né? Uma boa área né, um aningal danado, chegou lá, ele encontrou dois forno boca com boca, lá dentro do mato, aí voltou de novo:

- Seu Manoel... (Manoel Fonseca o nome dele, o outro era Antonio)...
- O que é, meu caboco?
- Olha, aí tem dois forno...
- Aonde?
- Ali, encontrei lá, boca com boca...
- O caboco não mexe! Não mexe que não sabe o que é! Vamos lá!

Aí o preto velho levou ele:

- Caboco, deixa aí... Não volta mais, não mexe porque tu sabe como é... Ninguém sabe o que é isso... Isso é da antiguidade... Ele dizia.

E ele agarrou com pouco tempo, os Fonseca surgiu com uma riqueza aí... Foi pra Belém, levaram pra lá trocaram...

Depois desse forno, que o velho achou lá pra ele, disseram que foi dinheiro que tinha dentro, ou ouro, cordão, essas coisa que tem, ele não deixou o homem mexer...

Trocaram pra Belém... Enricaram... Depois que eles vieram de lá.

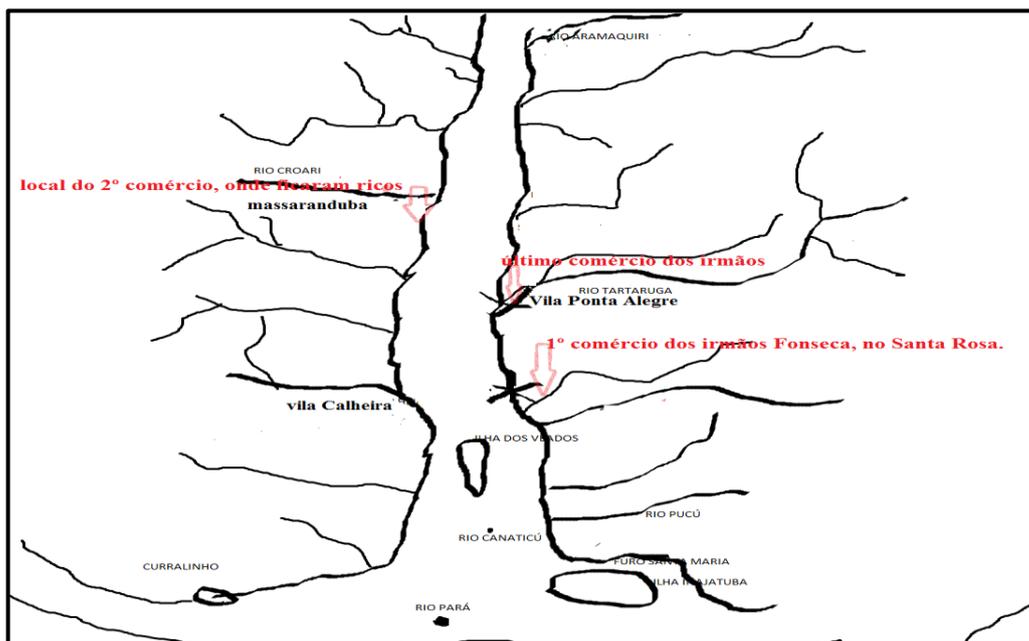


Imagem 14: croqui do espaço

Conta seu Benedito Sá, que ficaram ricos após encontrarem um “pote de dinheiro” por aquelas bandas, depois disso, eles despontaram no comércio, na compra de sementes, de borracha e, pouco tempo depois, conseguiram comprar as terras dos italianos, que vão embora do local do rio, a partir de então os Fonseca, constroem juntos, aos olhos dos ribeirinhos, um grande patrimônio. Toda voz, traz um mito de fundação, narrativas que surgem com o intuito de explicar algo incompreendido. Por toda a Amazônia existem inúmeros mitos de fundação, “este complexo narrativo mítico representa as formas de pensar e indica os modos de agir dos habitantes das comunidades abeiradas do rio ou moradoras da floresta, próximas ou não, das zonas urbanas” (FARES, 2008, p, 103)

A partir daí e com muito trabalho, os irmãos ficaram ricos, e, passaram a comandar o comércio nessa área, passaram a comprar muitas propriedades. Eles chamavam pessoas para morar naquelas terras, em troca o inquilino tinha que vender toda a sua produção de borracha, de sementes, plantações somente para eles, deixando-os sem escolha. Dessa forma, garantiam que os produtos não saíssem de seus domínios. No entanto, se descobrissem que os moradores estavam fazendo negócios às escondidas, com outros fornecedores, as pessoas eram expulsas da terra, conforme seu Sá informou:

Aqui eles eram brabos, quando sabiam da notícia que vendiam óleo fora, óleo de patauá, tiravam muito né, tudo isso ele comprava, o caboco tirava muito, né, naquelas latas de querosene, levava pra eles duas latas, quatro latas conforme tiravam, tinha muito patauá... E eles compravam tudo isso. Quando eles sabiam a notícia que eles vendiam a borracha fora... Vendiam óleo fora... Qualquer coisa do gênero do terreno dele, ele ficava brabo, mandava prender, botava fora do terreno, era! Aí todo mundo respeitava ele... Nessa parte eles eram brabo.

Como podemos perceber na fala de seu Sá, há um tipo de negociação muito comum para a época, o dono da terra dava a terra para alguém trabalhar e, em troca, queria fidelidade na relação entre empregado e patrão. Os irmãos Fonseca, conseguiram estabelecer uma boa relação com as pessoas do local, não eram violentos, de acordo com os narradores, a não ser quando eram passados para trás.

Com o bom desempenho dos negócios dos irmãos, e de outros negociantes que foram surgindo mais acima do rio, essas águas viveram tempos de grandes movimentos, tanto de pessoas, como de grandes significações econômicas. Nos idos dos anos 70, os

irmãos abriram compras de madeira. O trabalho era realizado com machado, para a retirada de dormente⁴⁵, pois no início da venda de madeiras não existiam serrarias. O rio, nessa época, era referência de ótimos negócios, como lembra seu Sá: “Aqui, o Canaticu era muito movimentado, antigamente a gente não ia em Currálinho, o barco era do Fonseca e levava pra Belém”.

O senhor lembra com saudosismo sobre o movimento no porto dos irmãos Fonseca, no dia marcado em que o navio entrava no rio para desembarcar produtos que os negociantes compravam, ou para embarcar os produtos dos comerciantes a fim de levá-los à capital, Belém. Seu Sá nos faz imaginar a grande movimentação existente nesses dias em que o navio entrava. Movimento daquele tamanho, nunca mais viu acontecer.

Pra você despachar lá de quarta-feira em diante, você tinha que passar o dia todo, de gente dentro do comércio... Era oito, dez cacheiro que tinha.. Eles tinham tudo também... É... Vinha esses navio grande daqui do Amazonas... Entrava aí chapado de pirarucu, peixe liso, jacaré e tudo quanto, eles compravam de toneladas. Eles descarregavam quase tudo o navio aí... Queria que tu visse como é que ficava, eles tinham uns aviado lá pro alto Canaticu comprando borracha, pro Aramaquiri, Pimental, trabalhavam na borracha pra eles, roçado de arroz eles financiavam, mês de abril um tempo desse, o pessoal tava se despachando pra fazer roçado, arroz... E eles tentaram fábrica de beneficiar o azeite, o óleo de ucuuba, andiroba, tudo eles tinham aí.. E aí eles cresceram... Ixi era inquilino pra tudo quanto era lado.... Essas terra tudo era dele.

Em relação às movimentações econômicas do local, é muito parecido com as movimentações que ocorriam em Itá, em que Wagley nos descreve o grande alvoroço nos dias de arrecadação das matérias primas locais que iriam para Belém ou outras cidades:

A quinzena, no posto de Francisco Firmino (...) é geralmente marcada para a véspera da chegada do “Union” o vapor fluvial (...) durante algumas horas é grande a atividade dos marinheiros que descarregam os fornecimentos, enquanto a borracha e outros produtos são pesados e carregados para bordo. (...) o dia mais movimentado do mês para o posto, é o

⁴⁵ Era uma espécie de quadrado de madeira de lei com três metros de comprimento, lavrado com machado, e eram usados na construção de linhas férreas.

dia da véspera da chegada do vapor, pois é o dia em que a maioria dos fregueses e suas famílias vão fazer suas compras. (...) é dia de transações comerciais mas também de divertimento para as famílias." (1988 p.113)

Os irmãos Fonseca foram os últimos empresários de grande porte dentro do rio, tudo ia bem até uma noite, véspera de Círio, quando sua propriedade ardeu em chamas, perderam tudo: estiva, equipamentos, redes, espingardas, botijas, serras de fita, tudo explodiu. Como conta seu Sá:

Era véspera de Círio... Fim de setembro, véspera do Círio já... Aí se arrumaram pra passar o Círio em Belém. Aí morava com eles um pretinho, foi cria deles, desse tamanhinho assim, mas não sabe nada, nada, nada, não quis nada, não aprendeu nada com os Fonseca. E quando foi nesse dia ele queria ir com eles, o velho Antonio paresque, entregou pro Zalazar que era o gerente deles, filho do velho Manuel;

-Nós vamos pra Belém passar o Círio. Ele disse:

- Eu quero ir! O preto falou.

- Não, não vai não! O que que tu vai fazer, meu caboco? Fica aí.. Ajuda o Zalazar aí... Toma conta das coisas!

- No que vocês vão, eu vou largar fogo nessa porcaria aqui!

Ele falou... Falou.

Pois atrás dele piquena... Quando eles saíram, quando foi umas onze horas da noite zoada praí... O Reginaldo veio daí, o Raimundo, clarão, clarão que aparecia por cima... Aí ele disse:

- Papai, olha! A Ponta Alegre tá ardendo!

Escutava estrondo... Era botijão de gás, era não sei que mais, eles tinham depósito de óleo diesel, gasolina... E aí era um estrondeiro danado.

- Olha, meus filho, vocês vão lá?... Eu vou com vocês, pulei na canoa e de longe a gente via um grande fogareiro, tava ardendo a vila toda... aí fomo, fomo, a haja montão de gente a jogar água. Chegemos lá o Salazar e aí ele...

- Olha, Sá, o que aconteceu...

- O que foi isso?

- Eu não sei. E aí ficamos até de manhã...

O Velho Antonio, sobe logo no outro dia. Depois ele voltou tava tudo queimado. Passado alguns dias jogaram o resto tudo embaixo. E com isso eles se desgostaram, ainda tiveram um comércio por aí, e depois foram embora.

O incêndio foi uma tragédia que assolou a grande Ponta Alegre⁴⁶. Depois disso, os irmãos ainda tentaram reatar os negócios, mas agora sem motivação, e com o fim total da compra de borracha e do diminuto comércio de sementes, venderam as terras para outros que, posteriormente, venderam para outros, até que a Vila Ponta Alegre retoma um cotidiano sem muitas movimentações, apenas com as memórias de um tempo de muito trabalho.

Entretanto, não foi somente o fato do incêndio que fez com que o trabalho no rio percesse, os problemas vinham de alhures. Com as mudanças de infra-estrutura do Estado, os interesses pelos negócios, também mudam para os políticos e os grandes empresários. Várias estradas foram iniciadas para interligaram outros caminhos e outros interesses, fazendo com que essa parte do Estado, por inteiro, literalmente, fosse esquecida, sendo deixada a própria sorte:

A vida para os habitantes da região mudou desde a década de 1960. Já não se organizou mais a partir dos rios, uma vez que os interesses que se projetavam dos escritórios oficiais, localizados no Sul do país, começavam a se definir pela exploração de subsolo [...] - estradas e energia- As estradas fluviais deram lugar às grandes rodovias. (PIZARRO, 2012, p. 166 -167)

Como podemos ver nas explicações de Pizarro, os motivos vinham de cima para baixo, as mudanças já estavam traçadas, sem pensar como ficariam as comunidades ribeirinhas. Mas foi em meados dos anos 90 que o rio entra em crise profunda com a proibição da extração de madeira, naquele momento, centenas de pessoas tinham na madeira o único meio de sobrevivência. Algumas saídas serviram como válvulas de escape, como o corte desenfreado da palmeira de açai para retirar o palmito. Foi outro momento difícil no rio, até que as pessoas tomaram consciência que seria mais rentável o manejo, pois o fruto começara a ser um produto conhecido e apreciado noutros locais.

E, no decorrer do tempo o rio mudou, a paisagem mudou, e só ficaram as lembranças guardadas nas memórias dos narradores. Para alguns foram “tempos bons”, para outros “tempos difíceis”. “Podemos guardar a necessidade de um olhar histórico, e a idéia de que não é possível entender a paisagem sem entender a ação humana” (SILVEIRA, 2009, p, 128)

Hoje em dia, ao longo de seu leito, pelas margens e centros, existem associações organizadas pelos próprios moradores. Essas associações viabilizam junto a outros órgão parceiros, projetos de recuperação e de conservação dos recursos pesqueiros. São

⁴⁶Nome da vila onde ficava o comércio dos irmãos

grupos de pessoas que estão levando para o local outro olhar em relação à subsistência, devido a grande reclamação dos próprios moradores de que os peixes “sumiram” do rio.

Como saída, projetos como os de criação de peixes em cativeiro, estão sendo experimentados e vem dando certo. Outro ponto importante é a manutenção dos açazais, viabilizando um grande movimento econômico na safra do açaí. O rio é um dos grandes responsáveis pelo abastecimento do fruto na cidade de Currálinho e em outros locais. Atualmente, boa parte do açaí produzido no Canaticu é exportada para outros destinos, como Belém e Macapá, por exemplo.

Muitos moradores tem nas suas “fazendas” de açaí, um produto que lhes garante, principalmente, no verão, o sustento da maioria das famílias canaticuenses. Há dois anos, o rio conta com um barco que faz linha todo dia, Canaticu – Currálinho, Currálinho – Canaticu, trazendo para a população um deslocamento mais rápido. Mas, ainda é comum vermos a solidariedade nas viagens combinadas por compadres e vizinhos, onde dividem as despesas do combustível a fim de economizarem um pouco mais.

3.1 Vila Calheira: o lugar das memórias

Igual ao curso das águas, assim foi a pesquisa. Levada a traçar seu próprio mapa e espaço. No ir e vir, os narradores, suas histórias e seus lugares foram mapeados. O rio Canaticú é cheio de afluentes, mas as localidades são conhecidas e divididas em comunidades, e quase todos os nomes dessas comunidades tem relação com a religião católica. A comunidade que participou da pesquisa foi a Vila Calheira, mais uma comunidade que cresce olhando para o rio onde “o sol era um olho de boto vermelhando nas águas crescentes” (JURANDIR, 2008, p, 367).

Do início do rio, que chamamos de baixo Canaticu, está localizada a Vila Calheira, segunda maior vila do município, como podemos visualizar no desenho feito por um morador. A localidade à sua frente é banhada pelo rio Canaticú e, pelos fundos, todo o verde da floresta. O desenho é a forma como o sujeito pode representar o seu espaço, por meio de uma espécie de mapa mental, podemos perceber como esse lugar é representado pela visão de um morador.

Podemos observar que nos espaços desenhados, foram colocados apenas algumas casas, em sua maioria de parentes mais próximos e de instituições importantes



Imagem 16: Calheira e suas pontes

que lá existem, como por exemplo: a casa do patriarca da Vila, seu Benedito, a maior da direita para a esquerda, as duas igrejas, a primeira é católica e, mais na frente a evangélica, outras casas no meio e a última casa da vila. Hoje a vila conseguiu algumas melhorias para a população, mas perdeu outras. De acordo com as informações dos moradores, ela é constituída de 74 famílias, quase todas parentes, a não ser três famílias, os professores que vieram para trabalhar e ali acabaram por fixar moradia.



Imagem 15: Desenho da vila feito pelo morador Maciel

O acesso à vila se dá pelas águas. É comum cada casa ter seu próprio porto, cada um de acordo com suas condições, para atracarem suas embarcações. A ponte, é um símbolo de grandes relações, seja ela a ponte porto, ou a ponte passagem. São 51 casas que se interligam por 1.200 metros de ponte. Ponte que interliga vidas, trabalhos, interliga o que se passou com o presente e o que está por vir, o presente e o futuro, como se fossem de mãos dadas por meio das histórias, do seu próprio passado. As

pontes que levam o ribeirinho para o rio, ou que levam para a floresta, cada uma com seu ritmo, lugares esses que transportam os narradores para um outro tempo, que produzem o belo e de onde surge o devaneio, debulham do lugar todo o imaginário impregnado em seus corpos e vozes, “o mundo da casa e o mundo do rio - onde estão, teoricamente o trabalho, o movimento, o lúdico, a surpresa a tentação” (PINTO, 2004, p, 297). E essas pontes de hoje, lembram histórias de quando a vila tinha somente um caminho feito de moinha⁴⁷. A forma oral ainda, “reflete de forma predominante a relação do homem com a natureza e se apresenta imersa numa atmosfera em que o imaginário privilegia o sentido estético dessa realidade cultural” (FRAXE, 2004, p, 296)

Aqui, não tinha nada, nem ponte, era um caminho, e o meu conhecido foi andando... E quando chegou ali, onde é a escola... De lá pra diante, um bode enfrentou ele.

Um bode grande e preto... E ele lutou, ele é um homem destemido, ainda, já está idoso, mas ainda trabalha comigo aqui... Ele é carpinteiro... E ele lutou com esse bode, de umas sete horas da noite, até umas oito e pouco... Só ele, sem ter quem ajudasse, e quase o bode mata ele.(seu Lolico,2015).

Essa narrativa lembra o início da vila, sem muitas estruturas, a maneira rústica, onde os fatos e os encontros eram feitos em cima da terra mesmo. Hoje em dia, para o lazer ao final do dia, após mais um dia de trabalho há o campo de futebol, que foi feito pelos próprios moradores, “mandei fazer pros meus filhos, eles gostam, não tem outra coisa, né?”, relata seu Sá sobre a falta de opções de entretenimento. No entanto, aquele espaço era o local onde aparecia e pulava um pretinho, onde tinha muita mata de urucuri⁴⁸. De acordo com o senhor:

Tinha um pretinho, que a minha mãe, minha tia contavam que ele corria atrás deles... Aqui era um cacual bonito. Ali, tinha uns árvores de urucuri... Ainda tem... E aí, eles iam aí pra trás, o pretinho pulava no cacual, eles olhavam, era o pretinho, e aí eles correram pra sacudir o cacuri⁴⁹, pulava e corria, correu e eles corriam atrás, chegava lá na frente subia

⁴⁷ Resíduos de madeira que ficam pelo chão ao serem cortadas pela serra das serrarias.

⁴⁸ Árvore silvestre que se espalha muito rápido.

⁴⁹ Armadilha tecida com a tala do miritizeiro e colocada às margens dos pequenos rios

. E ele se metia pra lá, pulava lá e largava fogo e pulava de lá em baixo e corria...Viam... Depois que tiraram o pote de dinheiro tudo... Sumiu!

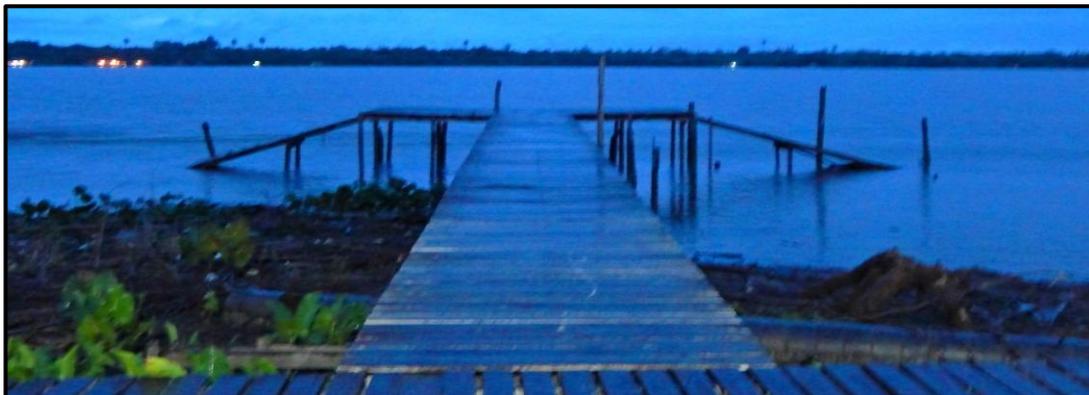


Imagem 17: A ponte para o imaginário

O pote de dinheiro sumiu e com ele todo os mistérios do pretinho também , e “sob o olhar do caboclo- ribeirinho, a região se torna um espaço conceptual único, mítico, vago irrepitível, próximo e ao mesmo tempo distante” (FRAXE, 2004, p, 306).

Com o tempo, aos poucos, a vila foi crescendo e com os esforços dos moradores, conseguem se estabilizar para que tenham minimamente o básico para se viver, possuem também uma escola e uma nexo, um galpão que serve de lugar para reuniões ou de ensaio e apresentações de atividades escolares, uma padaria, que no momento não funciona, uma oficina mecânica, dois comércios de estiva que abastecem as casas, um galpão de serraria. A igreja tem papel fundamental nas comunidades ribeirinhas, tanto no local quanto no rio todo. Na vila já existe uma igreja evangélica, como dito antes. O prédio da igreja católica está agora, com a ajuda dos próprios moradores, sendo construído, pois juntos fazem bingos, sorteios de prêmios, arrecadam doações para terminarem a igrejinha da vila, pois “o lugar é outra produção puramente humana, produzido pela ação intencionada sobre a natureza, produzindo cultura” (OLIVEIRA, 2008, p,31). Como diz o autor que o lugar é o homem que produz, dessa forma eles produzem a importância de certas instituições nesses espaços, sendo assim, da igreja para aquele local, de suma importância como podemos perceber nas falas de seu Manoel e seu Sá, respectivamente:

Pois é! Num tempo atrás você não facilitava, porque não existia a comunidade, não existia a Bíblia pra ninguém se basear por ela. E quando vinha um padre, era de ano a ano, pra fazer um batizado, aí não tinha uma comunicação com Deus. E realmente tudo aparecia. O inimigo estava a solta, rodeando aí... né?

Até hoje tem, mas a gente, que já está com pouquinho de um conhecimento. A gente já não se entrega tanto assim. Mas isso acontecia. Hoje, eu estou falando porque não tem, não existe mais. Porque o evangelho tá arrodado o mundo todo. (seu Manoel))

Nesse tempo, eu acho que fazia esse negócio de misura, visage, porque naquele tempo não tinha uma religião. O pessoal não era chegado à Igreja, nem existia esse lado (aponta para a parte esquerda da vila), antigamente era uma padaria aqui, antigamente, por aqui era assobiu, e assobiavam, e faziam uma misura, e assobiavam. Não viam o que era, só escutava a zoada, com isso muita gente tinha medo de vim pra Calheira, por isso que não era habitado, tinham medo, apareciam muita coisa. (Seu Sá)

Seu Sá relembra que na época de sua mocidade, na ausência da igreja, acontecia um fato curioso sobre um esmoleiro⁵⁰ que vinha a remo, desde de São Sebastião da Boa Vista, fazendo rezas pelas casas do rio. Descia o rio até o final e voltava. Vinha com o casco cheio de oferendas, tudo que conseguia arrecadar em nome do Santo São Benedito da Barra:

Tinha um senhor de nome Manuel Bobo, que vinha numa canoa batendo tambor desde lá da cidade de São Sebastião da Boa Vista, e parava na casa onde estava combinada a reza. Aí ele vinha passando, levava meses, e voltava. Chegava aqui com porco, pato, galinha, dinheiro. Aí que as pessoas dizem que dinheiro não ficava com o Santo, porque ele jogava baralho com o Santo. Ele encostava na beira e jogava com o Santo, o São Benedito da Barra, principalmente, que era o mais milagroso aqui, era o que mais ganhava.

Ele encostava na beira com o Santo, abria a urna aonde o Santo ia, sentava ele (o santo) e jogava baralho, ele pegava o dinheiro que o pessoal davam e aí jogava, colocava o baralho ajeitado na mão do santo e jogava pife, o Santo não falava nada, só ele que ganhava (risadas).

⁵⁰ Devoto de santo que viajava pelos rios pedindo doações aos fiéis

O pessoal contavam, encontraram muitas vezes ele jogando baralho, aí ele chegava só com as coisas, o dinheiro que tinha ganhado do Santo, não! Pagava o sacrifício que passava. O Santo não dava nada, e perdia no baralho pra ele. Dava uma reza, saía e marcava outra já, chamavam de irmão de ponto, era a casa que tinha a reza, por tudo por aí ele andava, por Muaná, por Piriá, Jararaca, meses, eles confiavam nele, pegava porco, galinha, dinheiro, tudo a remo!

As festas aos santos eram muito comuns. Mas a ideologia de comunidade era mais forte, onde as pessoas se ajudavam para fazê-las. Eram em grandes salões, ou oferecidas nas próprias casas dos moradores, depois das rezas tinha o momento da diversão, como não tinha luz elétrica, era na lamparina mesmo.

Muita festa, muita festa... Eram várias e várias, eram umas festa que existiam respeito, era muita fartura, não era vendido, como hoje. Naquela época .matava um porco, era milho, era tanta coisa, tudo a coisa era dado tinha gente que fazia aquelas sociedade enorme, tinha muitos de fora e cada qual dava seu, sua ajuda. Ih, rapaz! Só casas grandes que eu conheci! E tinha Santos que eles festejavam sabe...E aí tinha Massaranduba e Nós festejava o Divino Espírito Santo, uma vez por ano...Era uma festona...Era sempre dois dia de festa! (Seu Sabá Gomes,2015)⁵¹



Imagem 18: Construção da Igreja Católica



Imagem 19: Igreja Evangélica

⁵¹ Um dos narradores participantes da pesquisa, mas não ficou no corpus do trabalho sobre o imaginário, por conta do recorte feito.

Tudo na lamparina, depois nós compramos um sonzinho, na época da lamparina, nós ia tocar festa por aí...aí chegava lá era só com a lamparina na festa, lamparina em todo canto...era sim...quando começava a porrada ficava tudo no escuro. (d. Dalila, 2015)⁵²

Esses momentos de reza com o senhor Manoel Bobo, e algumas festas oferecidas aos santos que fomentavam as interações sociais, ali era o momento também das conversas, dos causos, das histórias que surgiam do seu cotidiano.

As terras da vila, pertenciam a duas famílias, à família de seu Garibalde e d. Benedita, que são irmãos, e à família de seu Benedito Sá, marido de d. Benedita. Para construir a vila, o trabalho foi árduo. Com a união de seu Benedito com d. Benedita, o local ficou praticamente sendo da Família Sá, que tornou-se uma família numerosa. A divisa dos terrenos são os igarapés que cortam a vila, com a serraria que ali foi implantada na década de setenta, e com os casamentos de filhas, sobrinhas com os trabalhadores, o local foi crescendo, sendo habitado e se organizando como vila no tempo do auge da madeira. A interação do sujeito com o espaço da ribeira para a construção de características próprias da comunidade, “graças a essa relação no/com o meio, o espaço é peculiar a cada localidade, como o das comunidades-riberinhas, visto a diferenciação de relações que se desenvolvem nestes locais” (OLIVEIRA, 2008, p, 27). Da Calheira de antes, nos descreve seu Sá:

Desde quando eu me entendi, era uma casa aqui, uma mais adiante, do pai dela, e outra mais lá no final... Depois dos Fonseca, foi nós aqui, tinha uma serraria grande, uma mercearia, e a gente ia dando serviço e depois... Filha se amaziando, sobrinha também, e foi juntando e foi crescendo. Aqui fazia muita visagem, fazia....Tá... Assubiavam. . Me lembro!

3.2 A Calheira do devir acordado

A lembrança da fundação do local é toda envolta de histórias que causavam espanto aos moradores. Os saberes encontrados ao longo da pesquisa, muito se parecem com os estudados por Fares (2008, p,103), dessa forma em seu estudo “o cotidiano aparece nos repertórios, nos temas, nas concepções espaciais e temporais, refletem as

⁵² Uma das narradoras participantes da pesquisa, mas não ficou no corpus do trabalho sobre o imaginário, por conta do recorte feito.

concepções de mundo, como os medos, os azares e as proteções, formas de driblar o infortúnio”.

Para conhecer um pouco mais da vila, d. Benedita ao cair da tarde, convida-me a andar pela ponte. Fomos, e percebi como a senhora é muito respeitada, todos a cumprimentam. Mostrou-me a igrejinha católica que estão mandando construir - **“olha, aqui era sede de festa”** - vieram a tona as lembranças de seu tempo de mocidade.

Andávamos um pouco e parávamos. Paramos para tomar café na casa de sua filha, conversamos um pouco e seguimos viagem. A ponte tem, de acordo com seu Reginaldo, mil e duzentos metros, saímos da casa de sua filha, que está situada na metade, foi uma boa caminhada. Chegamos na penúltima casa, a de sua prima, “lá”, me diz d. Bena, os filhos dela nasceram todos surdos e mudos, só dois que não, dos oito, seis nasceram assim, chega uma certa idade eles param de andar, **“vão ficando doido paresque, vai, vai, até que morre, é muito triste piquena, ah! Minha Nossa Senhora!”**.

Chegamos e encontramos sua prima sentada de frente para o rio, seu marido estava colocando uma fumaça na frente da casa em cima da ponte, **“tem muito maruim⁵³”**. Era uma simples fumaça para ver se conseguiam espantá-los. A situação daquelas pessoas é muito difícil, conversando com d. Maria, ela me diz que os médicos não sabem o que seja, e estão morrendo, tem só quatro vivos, dos oito que teve.

Com um sentimento de impotência saí dali. Saímos antes de cair a chuva que se formava. No retorno vimos seu bisneto admirando com uma jacarerana⁵⁴, que estava na água. Seu outro parente, sentado na ponte, escutava um radinho à pilha, dois dedinhos de prosa e a caminhada continua. Fala com um sobrinho que acabara de voltar dos estudos: **“tudo bem?”**

A tarde finda. A maré está boa? É hora de colocar o matapí! A malhadeira! É hora de pegar o camarão. Como? Do mesmo jeito de anos. Armadilha fácil, o farelo ainda é o mesmo. Vais à cidade agora? É só ir para a cabeça da ponte esperar alguém que estiver de baixada e pedir passagem. Barco a vista! O aceno em ação. Vai para a cidade? Sim! Pula! E lá se vão. Ao chegarem na cidade, ainda pegarão mais um barco para aportar na capital. A ponte é onde tudo acontece. Os encontros, desencontros, as

⁵³ Mosquito de até 2mm de comprimento.

⁵⁴ Lagarto amazônico, de hábitos semelhantes aos do jacaré.

conversas, os desabafos. É o símbolo que liga uma vida à outra. Onde os ribeirinhos, passeiam, ou simplesmente sentam para olhar, admirar as águas do rio, ou os barcos parecem que ficam em estado de transe, pensando em algo distante. Seus pensamentos também estão de bubuia igual o mururé⁵⁵.

Alguns voltam da escola. Outros ainda vão trabalhar. Outros arrumam suas crianças, pegam nas suas mãozinhas e vão transitar pela ponte. Vão e voltam. O barulho das rabetas fazem com que olhem a todo tempo também para o rio. Para outros o final da tarde, ali na ponte, é ponto de encontro para combinar qualquer coisa. A frente de suas casas se transforma em ponto de encontro para as conversas, para os conselhos, para a distração até o momento de ligarem o motor. O gerador que distribui energia para toda a comunidade está quebrado, então, quem tem condições tem o seu, quem não tem vai assistir televisão na casa vizinha. Hoje, o vento vai acabar cedo o passeio na ponte, pois está forte. Sabe-se que **"quando o boto pula pra fora d'água, é sinal de trovoadá"**, diz d. Benedita, portanto é melhor entrar para casa.

As principais atividades econômicas da vila são a pesca artesanal de peixe e camarão. Muitas famílias são sustentadas pelo benefício de aposentadoria que os velhos recebem. Há casas, por exemplo, onde três famílias dependem da aposentadoria de seu parente. A roça ainda faz parte das atividades de algumas famílias, e o caminho ainda é o mesmo de tempos atrás, para plantar a mandioca a melhor terra fica nos centros, onde tem terra alta. No entanto, hoje, as viagens são mais rápidas devido ao fácil acesso ao motor rabudo. Outra saída foi a comercialização do fruto do açaí que antes não tinha valor comercial, era só para o próprio consumo. D. Bendita lembra bem desse tempo: **"No verão gente ia lá pras cabeceira, e quando chegava julho a gente ia embora pro centro do rio... O açaí era só pro bebe, o açaí caía no mato, apretejava no chão. Se estragava, essa época não se vendia, né?"**

Com a popularização do açaí, os ribeirinhos foram encontrando no manejo dessa palmeira, um dos esteios de sustentação de suas famílias. Um dos filhos de d. Benedita, fala sobre a situação, do ribeirinho.

Esse Canaticú é muito rico! No verão tu não sabe o que é fome. Esse pessoal pega muito dinheiro do açaí, mas o povo não pensa. Eles vão de festa em festa, quase todo dia. Só sai da festa quando acaba o dinheiro. Aí ele vai

⁵⁵ Planta aquática

no mato pega mais açáí e faz de novo. Esse negócio de açáí, tem pessoa que tá bem de vida aqui dentro, pelo comércio, o mais fumado é aquele que fica esperando do governo... O caboco é perigoso... O governo não aguenta com o caboco!

Podemos perceber uma certa mágoa na voz de seu Reginaldo, com o próprio morador do local, fala da necessidade que muitas famílias passam, principalmente no inverno, quando o açáí acaba. Pensa que se muitos estão em estado de miséria, é por culpa de seus atos e pensamentos equivocados.

3.3 No rio, na roça e na raça: narrativas dos saberes e fazeres.

O rio navegante demora-se no porto durante a preamar. Para falar de seus botos e boiúnas.

Depois de conversar com os velhos pescadores, ele volta ao trabalho de levar os peixes, as ondas, as velas e o destino dos homens para os oceanos cadernos de Deus. (Loureiro

Paes Loureiro

O rio é um lugar de morada, de histórias, de lamentações, de devaneios de qualquer ser humano que tenha uma ligação mais íntima com essas águas. É lugar de morada, onde corpo, mente e voz se interligam à natureza. As histórias debulhadas dessas vozes, todas, estão emaranhadas com o trabalho, as experiências dos narradores ou de conhecidos.

Ao fazer um passeio, para (re)ver e (re)lembrar o trabalho dentro do rio, é perceptível a mudança, de comportamento, do homem para com ele, mas uma coisa não mudou, o uso do corpo. O trabalho ainda é “pesado”, o corpo ainda transpira muito, transpira o passado, transpira o futuro e respira o imaginário.

Bergson (2006, p.84), nos faz refletir sobre o uso do corpo interligado à memória, na necessidade de olhar mais de perto o que temos ao redor, a forma como as coisas são percebidas, “mede a nossa ação sobre as coisas”, e continua: “quanto maior a capacidade de agir do corpo, mais vasto o campo que a percepção abarca”.



Imagem 21: Destinos de mãos dadas



Imagem 20: A chuva

A paisagem marajoara, em especial da várzea, traz uma forma, muito singular da movimentação corporal. O corpo e a natureza, em alguns momentos se tornam um só, “um olhar sobre o corpo como dimensão existencial e sensível dos sujeitos no contexto amazônico pode auxiliar a compreensão das complexas interações bioculturais, como forma de nos aproximarmos da perspectiva do *homem total*” (SILVEIRA & BASSALO, 2012, p, 1051). O homem, ainda, movimenta-se por meio do ritmo da maré, pela interação com o próximo. É necessário ter equilíbrio para essa movimentação. O equilíbrio entre o corpo, a voz e o tempo, pois “o homem não é o produto do corpo, produz ele mesmo as qualidades do corpo na interação com outros e na imersão no campo simbólico. A corporeidade é socialmente construída”.(SILVEIRA & BASSALO, 2012, p, 1054).

O homem ribeirinho conhece o tempo da natureza. O ritmo da maré é o relógio natural. O horário das marés, o horário do sol, do vento e da chuva. A tecnologia do homem moderno entra nesse mundo e mistura-se com esses conhecimentos empíricos:

A vida depende da água, concebida como sobrevivência, como meio de navegação, e como demarcadora de tempo. Nas cidades ribeirinhas, as amarras racionais da urbanidade perdem-se em função de outra lógica, que considera o tempo das marés, a cor das nuvens, o soprar dos ventos, o esquentar ou o esfriar do sol, além das marcas do relógio industrial e da parabólica.(FARES, 2013)



Imagem 22: O rio testemunha

Sobre esse povo que vive um ritmo muito característico, a partir de sua morada, e a autora complementa:

São povoações longitudinais que acompanham o rio, espelhando-se nele, em vez de penetrar a terra firme e criar condições da vida autônoma, sem tanta dependência do meio físico. Estas povoações não fixam o homem, dispersam-no. São estações – no máximo estações terminais – onde o amazônida amarra a sua canoa ao fim da labuta diária. Os vizinhos estão rio abaixo ou rio acima, ou sobre as águas do rio, e é sobre a superfície líquida que se dão os encontros, que se efetuam os negócios, que se transmitem as notícias.(CARNEIRO apud FARES, 2013).

Os encontros que acontecem nas superfícies líquidas, a conversa informal, o negócio que se fecha, a preocupação com o dia de amanhã. O trabalho do homem do rio, é puro ir e vir. O ir e vir da mata, o ir e vir das águas, com seus cascos e remos, ou com qualquer outro instrumento. Fares (2013) retrata a imagem da vida real das comunidades, das pessoas que veem seus reflexos nas águas, de tão próximos que estão delas. A canoa, ou casco, mais conhecido aqui, ainda é possível de ser encontrado, não que ele esteja em vias de se extinguir, mas está sendo substituído a cada dia mais pelo motor rabudo. Por ser rápido e barato. O casco parece que virou sinônimo de velhice, pois os velhos são os que não gostam da ideia dorabudo e muitos, como se fosse em forma de protesto silencioso, não trocam o seu velho e silencioso casco.

Nos arraiais, nas vilas e nas cidades ribeirinhas a canoa, aportada na frente das casas, representa um cone de sobrevivência. O rio alimenta, transporta, enriquece, protege o homem: toda a população vive do e no rio, submissa e dócil aos seus caprichos, é “escrava do rio”.(CARNEIRO apud FARES, 2008).

As narrativas contadas aqui, todas elas, tem seus sentidos interligados com o trabalho dentro do rio ou das matas. Como podemos perceber na voz de seu Garibalde:

Eu trabalhei num lugar que era só ianga, um bichinho, tipo um passarinho, mas é invisível, a gente não vê... Só vê aquele assobio iaááá⁵⁶, chega carrega a gente em riba! Ela não fazia mal, mas se fosse arremedar ela? Tu vai dever pra ela! E tu não dorme, depois que ela inquisilha⁵⁷ com a pessoa ela mata a pessoa! Ela assombra! É espírito! Uma hora dessas, seis horas da tarde, era um assobio que passava aqui atrás disso, e ia embora... Tu não podia ir pro mato só tu, uma hora dessas que tu ia apanhar de visagem. Era sim! Ah! Só Deus mesmo!

Na primeira narrativa seu Garibalde nos traz a imagen da Ianga, como ele mesmo diz, é um pássaro, ou um espírito, pois é invisível, e só se pode escutar o som que ela emite, que assombra os mateiros. Em Wagley (1988) encontrei com o nome de Anhangá, uma espécie de fantasma que amedronta as pessoas que estão na mata, normalmente aparece como um pássaro “Inhambú”, mas pode tomar outras formas. Outro ponto que chama atenção, é a hora proibida de sair para a mata, mesmo que fosse pelas proximidades de casa, chamada “hora morta do dia”, hora que não pertence aos homens. Sendo assim, a terra de trabalho, também é lugar de acontecimentos inexplicáveis, onde muitas coisas acontecem e ficam sem explicação, como segue na narrativa de d. Benedita:

Olha! O papai, antes de ele adoecer, uns dois meses, a gente trabalhava com seringueira nas cabeceiras, na estrada... Daí por trás dessas casas do Pagão⁵⁸ nos trabalhava tudinho! E aí antes do meu pai adoecer... Ele me deu um sinal... Antes de ele adoecer eu vi ele!

Eu estava com ele, riscando a estrada lá dentro do igarapé. E aí quando chegava numa parte, ele entrava, a gente ia riscar umas duas seringueiras lá para o fim da ponta, abeirando o igarapé e quando chegava lá nesse meio a gente ia embora. Ele disse:

- Vai riscar logo aquela dali e espera aí!

E eu fui só eu, riscar duas seringueiras lá para a banda da ponta. Aí eu risquei ela. Saí de lá, e ia travessar uma baixa. Bem no canto dessa baixinha

⁵⁶ A transcrição foi como contada pelo narrador, por isso a necessidade da prosopopeia.

⁵⁷ A palavra e seu sentido se aproximam da palavra quizila. De acordo com o Houaiss é aversão espontânea, irracional por alguém ou algo; antipatia inimizade.

⁵⁸ Afluente do rio Canaticu.

tinha outra seringueira pra riscar... E na hora que eu saio de lá, que eu vim pra chegar nessa seringueira... Saiu um homem... Tudo, tudo o jeito dele.
 - Poxa, meu pai, o senhor já está na minha frente? Falei, assim mesmo.
 Depois eu cheguei lá na seringueira, não estava riscado! Aí pronto, fiquei quieta.
 Ele não falou nada, não falou nada... Foi... E se sumiu.
 Aí, quando eu vi, lá vem o papai assobiando!
 Também não falei para ele.... Devia ter falado, né? Quem sabe ele...
 Aí, com poucos dias ele adoeceu e rápido ele morreu. Foi um aviso, um aviso muito grande.... Poxa.... Todo, todo jeito!
 A camisa, que ele só andava de camisa no mato, ele morreu de dor, dor mesmo que só parou depois que morreu...

Aqui, d. Benedita relata sobre um fato que aconteceu com ela mesma. Acredita que foi um aviso, um preságio da morte de seu pai. Podemos estabelecer semelhanças com a Ianga da qual seu Garibalde falou, um espírito que ronda pela mata, que para d. Benedita, tomou a forma de seu pai. Poucos dias depois, seu pai adoece de uma dor que só teve fim com sua morte, deixando toda a sua família. O arrependimento em sua voz é nítido, pois pensa que se o tivesse alertado, ele ainda poderia estar vivo. Na hora ela não entendeu, mas só depois que seu pai adoeceu vindo a falecer, é que associou aquele fato dentro da mata, com um aviso da morte do ente querido.

Essas imagens advindas da memórias, só são possíveis devido a própria vivência dos narradores. As práticas sociais cotidianas, ainda são muito parecidas com aquelas de outrora, a interação do homem com o rio e a mata, ainda é intensa:

No transcorrer dos séculos, os índios e mais tarde os caboclos luso-brasileiros aprenderam a coexistir com o meio local e explorá-lo. Eles conhecem os solos, a flora e a fauna, a cheia e a vazante dos grandes rios, a época das chuvas e os períodos relativamente secos. (WAGLEY, 1988, p. 15)

Agora, não mais nas mesmas proporções do século passado, pois essas ações humanas para com a natureza, deixaram fortes cicatrizes, tanto nos rios quanto nas matas. As ações predatórias junto aos rios, os avanços nos instrumentos de pesca ou de caça, facilitaram a realização dessas atividades, bem mais do que precisavam. Na narrativa abaixo, d. Benedita fala da fartura dos alimentos naturais de outrora. No entanto, havia certa dificuldade em obtê-los, o que os forçava a apanhar somente o que iriam consumir no momento:

A gente mariscava⁵⁹, tapava igarapé e pescava. Naquele tempo tinha muito, né? A gente ia riscar pindá⁶⁰, era dois, três tucunaré, pronto, era assim minha mana! Eu vou te dizer a nossa vida, naquele tempo era muito farto!

Nós ia pro mato, nós tinha um cachorro bom de caça, era na certa, era tatu, era paca, jabuti, era tudo, outras caças ele achava que era quati, esses negócio, mas ninguém matava muito que ninguém tinha espingarda, era tanto que, foi assim!

As narrativas de seu Garibalde e seu Benedito Sá, ratificam a fartura que d. Benedita conta, mas acrescentam a dificuldade do trabalho pesado. Aqui narram o cruel esforço da retirada da madeira de dentro do rio, trabalho puramente braçal, quando eram muito mal pagos. Difícil era ganhar esse dinheiro, mas em contrapartida o que a natureza oferecia era em fartura:

Mas credo eu trabalhei num rio que dava a ianga, pra ganhar cinco cruzeiro, cruzado, lutar com sucupira, já pensou? Às vezes virava meio dia embuiando⁶¹ aquele pau, pra ganhar o pão de cada dia, que era ruim. Tudo tinha, madeira grande micidade⁶² de madeira tinha, tu queria comer um camarão, tu pegava o puiçá numa beira dessa ou um igarapé e pegava o camarão, muito. Que não existia o matapí. Tu queria comer um peixe tu puxava mesmo, que tinha! Era muito bom o passadio, mas era tipo um negócio... vamos dizer uma crise sabe?

Trabalhei em turma de aturar Sucupira, aturei Sucupira com machado naquele tempo não tinha motor serra, era aturado com machado trezentos de grossura. Era um sacrifício, espocava tudo a mão, era a madeira no inverno e a roça no verão, chegava no mês de janeiro, em dezembro já estava com ela tudo capinada, e aí a gente fazia uns arqueiro de farinha e vinha simhora, deixava ela aqui e ia me embora com a turma, pra Sucupira, ia ganhar diária... (Seu Sá)

O objetivo do dinheiro que se ganhava era o de comprar objetos que não conseguiam na natureza, como a rede, a roupa, o calçado, a cachaça, o fumo, entre

⁵⁹ Pescar pelas beiradas dos igarapés sem anzol, só com puiça.

⁶⁰ A narradora explicou que amarravam um pedaço de pano vermelho na ponta de uma vara curta e a riscavam na superfície da água, a cor do pano chamava a atenção do tucunaré e quando esse emergia eles o pegavam com paneiro, ou batiam nele.

⁶¹ Tirar a tora de madeira do fundo da água.

⁶² Uma forma hiperbólica de dizer que tinha algo em abundância

outros produtos comercializáveis, que só se conseguia por meio dos patrões. E continua seu Garibalde:

O papai riscava aquela seringueira, catava as sementes e atravessava para fazer uma compra no Fonseca. Ele comprava umas cem gramas de café em bago, não tinha esse café moído, ele comprava uma quarta de açúcar, uma quarta de sal, com aquela borrachinha! Aí o fósforo ele comprava uns quatro bago de fósforo, uns fósforo chato que tinha, quando ele chegava a mamãe rachava no meio pra fazer mais fósforo, pra ir pro mato pra não deixar apagar o fogo. Aqui em casa podia apagar, mas quando ela chegava do mato ela ainda trazia fogo aceso! Eu ia com ela, ela tinha um fachoquinho assim, ela acendia e eu ia só abanando, era de jupati⁶³ pra não apagar o fogo!

Uma simples brasa, tinha que ser bem cuidada, se não, ficavam sem condições para cozinhar o alimento. Quando não tinham esse fogo: "pegava camarão, descascava na beira cru pra comer, porque não tinha o fogo, porque só ia ter quando o velho chegasse pra trazer aquele fósforo". As narrativas contadas pelos narradores são muito parecidas. Todos passaram por muitas dificuldades desde a infância, e as dificuldades sofridas se assemelham em muitos aspectos:

Nós cortava muita seringueira, o ramo era esse! O nosso ramo foi esse, roça e seringa, aí a gente fazia, maio, roçava lá pro centro, deixava lá e ia cortar seringueira, dava agosto, queimava lá e plantava, mas trabalhava nos dois, sabe? **(Seu Manoel da Lúcia)**

Eu trabalhava desde criança, eu capinava, plantava, fazia tudo! A gente ia trabalhar na roça, pra lá a gente tinha roça madura e aí ia levava forno... Já ia com tudo, e a gente chegava lá e haja trabalho, e começava já com o convidado, praticamente já estava tudo certo, o convidado era pra quando chegasse, o pessoal já estava esperando, uns três dias mais ou menos aprontava uma roça e a gente ia fazer farinha, farinha sim, farinha quem fazia era só mesmo pro gasto e pra cobrir a despesa **(d Benedita)**.

Olha, nós levava seis meses dentro desse mato aí, a bom trabalhar em borracha e quando a gente baixava era em dezembro de lá, era cinco horas a

⁶³ Palmeira de folhas largas.

pé do porto lá, pro embarracamento, aqui nas cabeceiras do centro grande, no fim desse Canaticu, [...], Ah... mas nós passamos muito... seis meses de borracha nós tirava mil e duzentos quilos na safra **(seu Garibalde)**

Pois é..... Então eu trabalhava ali no centro do Curupuú, eu riscava seringueira, com meu tio e trabalhava na roça! **(Seu Manoel Francisco)**

Como podemos perceber nos trechos das narrativas acima, o trabalho faz parte da vida dos narradores desde a infância. Traz vozes que ecoam um passado sofrido, de pesar, de muita luta para sobreviver. Mas o que é intrigante, é que mesmo tendo ciência das suas dificuldades, enxergavam as situações favoráveis que o local lhes permitia na época.

Olha aqui... dantes a gente pegava muito camarão, peixe... e outro que a gente tinha porco, né? Era... o papai matava um capado aí a gente sargava, aí a gente pegava e levava sargado é... dantes o camarão... peixe tinha muito... a gente ia lancear de puiçá e pegava de quantidade de peixe, muito... agora, não! **(D. Benedita)**

Nós trabalhava em turma... O Martinho Soares... uns quantos... e não pegava nem um tostão, passava a ordem praí e tinha que comprar... Comprava fazenda, comprava louça pra casa, comprava a despesa toda, que farinha a gente tinha, não? Comprava mantimento. Acabava com o dinheiro assim: machado, terçado, prevenindo já pro verão! **(Seu Benedito Sá)**

A minha redinha lá no canto do quarto, o quarto todo emparedado de palha de miriti! Eu botava a minha rede lá no quanto, uma redinha gitita⁶⁴, tudo remendada ela. Eu tenho contado pro pessoal isso. Rapaz hoje em dia! Eu já sofria um bocado. Tinha vez que quando minha rede tava molhada eu dormia no chão! A mamãe comprava de umas traqueteira⁶⁵ grande que vinha não sei de onde, era caro pra comprar, e não tinha como, eles teciam aquele miriti, pra deitar em cima, era o jeito... Era horrível, rapaz! **(Seu Garibalde)**

No entanto, muitas práticas ainda resistem, e outras novas surgem. Para os narradores, a noção de trabalho de hoje em dia, está muito diferente do tempo deles.

⁶⁴ Uma maneira de dizer que é muito pequena

⁶⁵ Uma espécie de canoa grande que os regatões viajavam.

Apesar de ter fartura nas caças, na pesca, o trabalho em si era muito pesado, tanto para a mulher quanto para o homem, tudo era mais difícil, até mesmo pelo fato de morarem distantes dos centros urbanos da época. Hoje, a facilidade de se conseguir instrumentos de caça e pesca, inverteram os papéis, os instrumentos que facilitam as atividades de trabalho são diversos e fáceis de conseguir, mas o peixe e a caça diminuíram consideravelmente. Essas pessoas cresceram em uma sociedade cheia de intervenções culturais, em todas suas atividades locais, onde a pesca e a roça foram deixados pelos índios, e o trabalho de escambo deixado pelo forasteiros. Então, as noções de trabalho se adequam a cada narrador, de acordo com a forma que cada um vê pessoalmente o seu trabalho:

Se reconhecermos essa fantástica diversidade empírica de sociedades (tradicionais) e, portanto, de processos de trabalho, constituídos diferentemente em épocas diversas, teremos de constatar o quanto a noção de trabalho deve incorporar esse múltiplo, complexo da ação humana sobre o território. (...) Ainda que existam representações simbólicas e míticas que perpassem as diferentes formas de organizar o trabalho, cada uma delas defronta-se com as capacidades e os limites dos saberes e dos interesses de cada grupo, de suas formas de agir sobre o território. (CASTRO apud OLIVEIRA, 2008, p, 44).

Apesar dessas diferentes formas de organização do trabalho, e sua mudança de acordo com o tempo, o homem ainda cuida da sua roça de mandioca. Hoje, a farinha d'água, tem um forte valor no mercado e continua primordial para a subsistência da família. O cuidado com a roça é como antes, fazem o multirão⁶⁶ com os parentes ou vizinhos para ajudá-los.

A pescaria também faz parte do dia-a-dia dos ribeirinhos, o matapí é o instrumento mais comum para pegar o camarão da região, alimento básico em suas mesas. Prepara-se a isca e o matapí para colocar ao final do dia e vai buscar somente ao amanhacer. Outra forma de pesca é por intermédio da malhadeira, seja por motor mais afastado das beiradas, ou pelo casco às margens do rio. Os ribeirinhos compram o produto direto da geleira pelas mãos do atravessador que vem de porto em porto oferecer peixe do gelo, com um isopor improvisado e uma balança, sai pelas beiradas à procura de compradores. A madeira, outra fonte de renda dos ribeirinhos, ficou quase impossível, mas ainda existem pequenas serrarias que suprem as necessidades locais, pois as casas precisam ser construídas ou reformadas. Diversas formas de trabalho

⁶⁶ Reunião de pessoas com o intuito de ajudar na colheita da roça, vizinhos amigos, dessa forma o trabalho termina mais rápido.

surtem de acordo com o tempo. E, assim, continuam em eterna inter-relação, o homem, o rio e a mata.

A imagem abaixo, nos remete às falas , principalmente de seu Benedito. O que era trabalho em busca da sobrevivência, para os narradores em sua infância, hoje é distração, é brincar literalmente de catar o “lixo” do rio, não para se alimentar, mas apenas como brinquedos. Não pretendo mostrar uma realidade que não existe em todo o rio, pois muitas crianças ainda vivem a ajudar seus pais, mas agora, não com tamanha responsabilidade como outrora.



“não tinha o que comer, quando amanhecia chovendo deixava passar a chuva, e se juntava fruta pela beirada. Aí pegava andiroba pra tirar azeite, ucuuba, lá pela beirada comia miriti, sem farinha até estragado mesmo, lá pelo aningal ajuntando as coisa, se era meia maré de enchente, a gente vinha embora, eu vinha abeirando o rio e vinha grande quantidade de lixo” (seu Benedito).

As imagens que seguem, trazem um pouco da rotina dessas pessoas, que fazem tudo para manter suas famílias, de uma pequena roça tiram a farinha, do rio o peixe, o camarão, tudo isso atrelado à uma relação com o rio e a mata, que às vezes é delicada, e com as crianças que vivem juntos observando as ações dos adultos.



Imagem: 25 Mãos que ralam



Imagem 26: A força do trabalho



Imagem 23: O olhar atento



Imagem 28: os aprendizes dos saberes

3.4 O rio-criança e a criança-rio



Imagem 29: A criança e o rio morada

Durante o percurso do rio e da pesquisa fui percebendo a relação dos vários atores sociais com o meio em que estão inseridos, aqui no caso, o rio e as matas. Pouco a pouco fui notando a presença das crianças, comumente meus encontros com os idosos, traçavam encontros com elas. Seus netos sempre estavam por perto ouvindo as histórias, absorvendo por meio das narrativas os conhecimentos daquele mundo.

O rio, por outro lado, não é somente lugar de labor, lugar de pesos do trabalho. O rio é brincalhão. As águas muitas vezes são leves, suspensas de problemas e de lamentos. Se toda a criança, desde o ventre de sua mãe, já tem intimidade com as águas, pois estão envoltas no líquido que as permitem viver, o que dizer das crianças que nascem dos ventres que se banham todos os dias nos rios? Chon⁶⁷ afirma que “crianças existem em toda parte, e por isso podemos estudá-las comparando suas experiências e vivências; mas essas experiências e vivências são diferentes para cada lugar, e por isso temos que entendê-las em seu contexto sociocultural”

A imagem acima dá uma dimensão do envolvimento das crianças ribeirinhas com todo o meio que as envolvem, céu, floresta e rio. Essas crianças já nascem predispostas a serem íntimas das águas. Primeiro, aprendem a entrar nelas, acontece a relação de confiança a partir das primeiras nadadas, os primeiros mergulhos perto do trapiche, até conseguirem, sozinhas, mergulhar e aprender a voltar, não existe mais medo e somente a vontade de estar ali, uma espécie de “inocência e contemplação íntima” Bachelard (2013).

As águas que já alimentam as crianças em suas andanças de casco pelo rio, como alimentava Biá, personagem de Dalcídio Jurandir, nos retornos da escola, e que ainda não entendia a diferença social em que vivia: “Biá voltando remando, apanhava pelo rio algum taperebá que ia roendo, roendo”. A criança apresenta a inocência e a pureza, assim como para Bachelard (2013) as “águas primaveris” possuem “o frescor”. Possuem o frescor e a segurança ao comparar o embalo de uma mãe com os embalos da água, pois “ela embala como uma mãe”. As águas aqui nesse momento, são, para mim, as águas calmas que embalam as crianças a se jogarem, literalmente, em seus leitos, realizando mergulhos muito profundos.

O momento do mergulho é o momento do silêncio, nada se escuta a não ser o coração, o corpo fica de bubuia entre a águas: sutil flutuação, dono do mundo, tudo se pode fazer, quase peixe, quase boto, quase cobra, por uns instantes eternos, somos seres pertencentes àquelas águas. Parecidos com Missunga, de Dalcídio (2008), que imaginava os seres dormindo no fundo. E o devaneio infantil perdura até o momento em que a falta de oxigênio manda emergir. É necessário estarmos atentos e entendê-las, e ao mundo que as rodeia, pois, “as crianças não são apenas produzidas pelas culturas, mas

⁶⁷ Esta referência, não tem ano. Só o título de acordo com a bibliografia.

também produtoras de cultura. Elas elaboram sentidos para o mundo e suas experiências compartilhando plenamente de uma cultura” (COHN)

Rio e crianças, crianças e rios. A hora do banho é a hora do encontro, do grande falatório. É hora de quem sabe nadar ensinar quem não sabe a hora das melhores brincadeiras. Mergulha-se, mas o lugar para boiar ninguém se atreve a adivinhar, a água lhe deixa invisível. A hora dos pulos espetaculares, onde o saltador é a atração, a plateia é garantida. A melhor hora do dia. Não tem escola, não tem tarefa, não tem nada, é só o corpo e as águas. As brincadeiras dentro e fora das águas são todas carregadas de simbolismo, por isso “seremos menos capazes de entender o que elas fazem nessas brincadeiras se não entendermos a simbologia que as embasam, e essa simbologia extrapola o mundo das crianças” (COHN). As águas vazantes avisam a hora da saída, hora triste e de frio. A saída é forçada. Dessa saída já contava, com muita simplicidade, Celina (1997, p, 130) ao afirmar que “para nós, crianças, ô farra, só saímos do igarapé aos ralhos, de beijo roxo, dedos engelhados e dormentes, a água era um gelo”.



Imagem 30: Primeiros mergulhos



Imagem 31: O espetáculo nas águas



Imagem 25: O espetáculo nas águas



Figura 33: o triunfo

CAPÍTULO III: OS NARRADORES RIBEIRINHOS GUARDIÕES DA MEMÓRIA

Walter Benjamin (1993, p, 197) no seu texto, intitulado “O narrador” começa colocando um fato: a cada dia que passa é mais difícil encontrarmos narradores. “por mais familiar que seja seu nome, o narrador não está de fato presente entre nós, em sua atualidade viva”. A cada dia vivido, percebe-se que a experiência do cotidiano em narrar, está se extinguindo, para não ser tão radical, se esvaindo com a rotina corrida dos dias atuais, “é a experiência de que a arte de narrar está em vias de extinção. São cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente” (BENJAMIN, 1993, p, 197). O autor nos intriga sobre a falta de “intercambiar experiência”. Narrar é viver experiências, é estar em contato com o outro, essa experiência que é pura mobilidade, é o início para os narradores, que passa de um para outro.

No decorrer dos estudos sobre as narrativas orais, o elemento narrador, tornou-se por muitos, objeto de interesse. Eles aparecem de várias formas. O narrador viajante, que sai e a partir das suas vivências, experiências adquiridas, retorna com as bagagens cheias de histórias de fatos. O pesquisador, que envolvido apreende com o lócus ouvindo, e contador tradicional. “o contador tradicional narra aos ouvintes do afeto na rede, na sala, no quarto, no espaço da família, ou a grupos que o esperam na porta de casa, na ponte, na praça, na rua, nos locais públicos das comunidades ouvinte” (FARES, 2013, p, 08).

Dos grupos encontrados, dá destaque aquele narrador anônimo, e sem menor atenção àquele que não foi para longe, mas se coloca como narrador, pelo fato de ter muitas experiências que foram adquiridas de outras formas. Os narradores que colaboraram com esta pesquisa não são, viajantes, não são pesquisadores da academia, mas são os narradores que se encaixam mesmo no anonimato “escutamos com prazer o homem que ganhou honestamente sua vida sem sair do seu país e que conhece suas histórias e tradições”.(BENJAMIN, 1993, p,198)

São moradores mais velhos, acima de sessenta anos, que tem um vínculo afetivo com o local, ou mesmo, que pudessem representá-lo à sua própria maneira. o mundo pelo qual viajaram foi o mundo deste rio e destas matas, destes eles sabem contar. como já colocado, os narradores que contribuíram para com o *corpus* deste trabalho foram: Seu Lólico Farias, d. Benedita Sá, seu Benedito Sá, seu Manoel Francisco, seu Manoel da Lúcia e Seu Garibalde dos Anjos.

3.1 O homem das palavras: seu Lolico

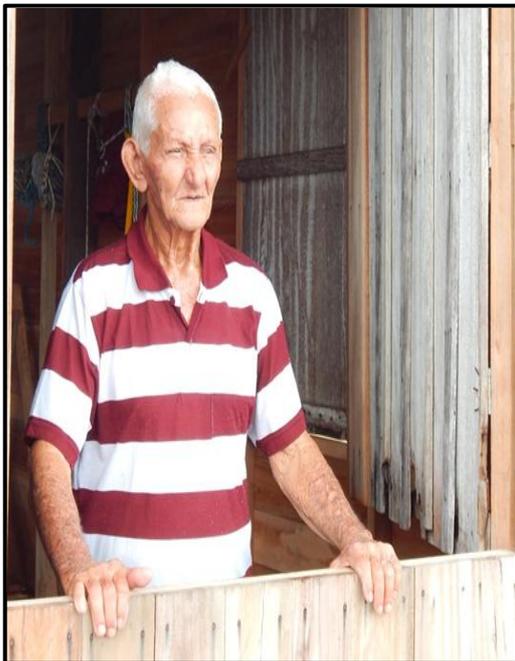


Imagem 26: Seu Lolico

Leogevildo da Silva Farias, 86 anos, é o mais velho narrador deste trabalho. Junto com sua esposa tiveram 13 filhos, 78 netos, 79 bisnetos e 01 tataraneto, número que muito se orgulha. Morador do Canaticu desde seus 51 anos, é natural de São Sebastião da Boa Vista. Seu Lolico é um senhor ativo, resolve cotidianamente os pequenos problemas que aparecem em casa, tais como: os problemas no motor bomba, um café que acabou e que precisa pegar na despensa (a chave da despensa fica somente com ele), vê o que tem para almoço, dá atenção para sua esposa. Na

hora do café, enquanto converso com ele são inevitáveis as lembranças de meu avô, que surgem a todo momento: a mesa de café, a rosca guardada na lata, a mesa grande, as panelas grandes, a oração pelo dia, os netos, entre outros. Durante o café, seu Lolico fala sobre seus sentimentos: da saudade que tem do irmão que morreu recentemente - a emoção surge evidente no rosto -, da doença de sua esposa, que agora se encontra no “fundo de uma rede” e as saudades de um filho que perdeu há alguns anos.

Todo dia seu filho mais velho, o único que mora perto do casal, vai tomar benção e saber como estão. Conversa um pouco sobre os negócios e sai. Vai cuidar de seu trabalho. Com esse filho, no outro dia tive a chance de trocar algumas palavras na hora que estávamos no barco, já de volta à cidade. Disse-me sobre minhas visitas, que essas “palestras” que ele estava dando, estavam lhe fazendo muito bem:

Ele gosta disso, de conversar, de contar sobre tudo, ele fica só, quando ele vai lá em casa eu já sei que ele não tá bem, e quer conversar. É um dia que eu não trabalho, mas eu não posso empatar meu tempo todo dia.

Infelizmente, para muitos, a conversa, o diálogo com um idoso é muito raro, pois o tempo de um adulto é diferente do tempo do idoso. Aquele, por hora ativo na sociedade, ativo precisa trabalhar, agora, para sustentar sua própria família e, muitos, os próprios pais. Como indica Ecléa Bosi, “para o adulto ativo, vida prática é vida prática, e memória é fuga, arte, lazer, contemplação” (BOSI, 1994, p, 60)

Seu Lolico em forma de devaneio, como nos diz Bosi, traz nas águas do passado e conta de como sua vida social era ativa, o seu momento ápice na sociedade a todo tempo é revivido, quando foi vereador da cidade. Guarda com todo zelo os documentos que comprovam o que diz, parece que sente necessidade de mostrar para comprovar suas palavras. As fotos estão expostas na parede, outras guardadas a sete chaves, seu paletó também está pendurado, esperando a melhor ocasião para usá-lo. Tudo ao seu redor tem uma história, tudo ao seu redor, tem um passado entrelaçado nas suas memórias:

O velho não se contenta, em geral de guardar passivamente que as lembranças o despertem, ele procura precisá-las, ele interroga outros velhos, compulsava seus velhos papéis, suas antigas cartas e principalmente, conta aquilo de que se lêo cuida de fixá-lo por escrito. “Em suma o velho se interessa pelo passado bem mais que o adulto” (BOSI, 1994, p, 60).

Ao cair da tarde, com ajuda de sua neta, acomodam sua esposa na cadeira de rodas e, juntos, ficam sentados na frente da casa, observando o rio, contemplando, olhando o movimento do curso d’água na ponte. Ao lado em um campinho improvisado, seus bisnetos brincam de bola, o campo é na moinha de uma serraria, o espaço é pequeno, mas a alegria é muita. Os meninos estão de férias e criam opções para brincar, inventam tudo, mais tarde é hora da peteca, logo mais é o banho na beira. Naquele momento de devaneio dos pensamentos, pergunto-lhe o que o aquele rio representa em sua vida:

Eu, pelo menos, considero esse rio aqui, moro há 37 anos, nesse local. Eu conheço esse rio da boca nas cabeceiras e conheço o pessoal, viu? Me acostumo muito nesse rio, e, tenho ele como um local que eu vivo aqui satisfeito, né? Me sinto bem, no local e com o povo, porque o povo todo me conhece, e eles dão referência do meu nome e da minha mulher. Então, eu tenho esse povo, como um patrimônio, assim que me agrada, né? Eu vivo aqui, porque eu gosto, né? Não vivo forçado, primeiro por que eu creio que quem me mandou pra esse lugar foi o meu Deus. Me sinto bem, gosto demais daqui!

O gerador ligado às seis e trinta da tarde, neste momento o barulho do silêncio é quebrado pelo barulho do motor e pela televisão. De repente, a sala da casa de seu Lolico é tomada por crianças que moram por ali, seus netos e vizinhos. Acomodam-se nas cadeiras, pelo chão, de qualquer jeito, de modo que não percam nem um capítulo da novela. O fim da novela é o aviso que o motor vai ser desligado, as redes são ajeitadas, começamos a nos agasalhar para dormir: eram cinco redes na sala, duas crianças, duas jovens e eu.

A única luz no local era de uma lanterna no chão da sala. De propósito comecei a perguntar sobre as histórias locais, se eles sabiam contar alguma coisa. Uma das crianças começou a contar sobre um fato que aconteceu com ele mesmo. Uma tarde quando jogava bola perto da escola, em um dos chutes a bola caiu dentro da escola. Ele decidiu entrar e pegá-la. Ao voltar, já com a bola na mão, sentiu uma sombra na sua frente, uma sombra grande e preta e saiu correndo de lá, com muito medo. Ele disse que não sabia o que era, mas sentiu muito medo naquela hora. Em seguida, as primas começaram a falar do bode que o seu Lolico mencionou a tarde, e de um homem preto que aparece na ponte, mas ninguém consegue ver o rosto dele. Lembro-me de um questionamento, de que as narrativas poderão ser esquecidas e acabar de vez, e, percebo que não é bem simples assim, a oralidade tem força própria.

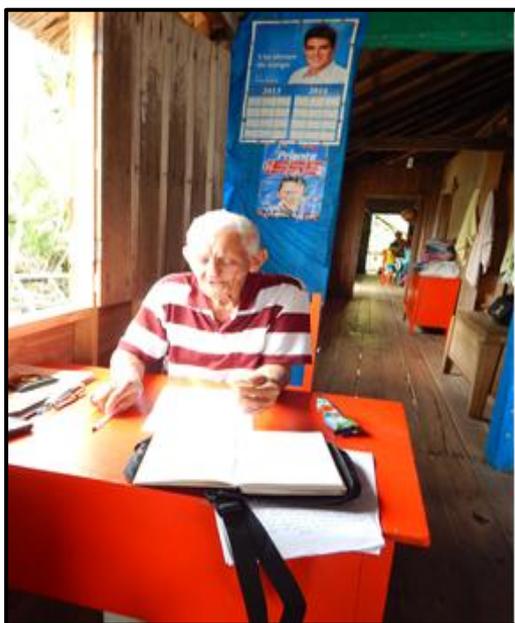


Imagem 28: Seu Lolico e sua Bíblia



Imagem 27: seu Lolico nos afazeres

3.2 A mãe coruja: d. Benedita



Imagem 29: D. Benedita

Benedita dos Anjos Sá, 77 anos, é casada com seu Benedito Sá. Ela criou dez filhos dos doze que teve. Até há pouco tempo todos moravam na vila próximo deles, até que uma de suas filhas, d. Maria, foi morar na cidade: “ela foi buscar o melhor pra ela, né?”. A história de vida desta senhora é mais uma entre tantas outras, de luta, sacrifício e superação. Da infância, lembra-se do trabalho que fizera desde cedo; brincadeiras, muito pouco. Foi crescendo e amadurecendo com o ir e o vir da maré - nas margens do rio no inverno, nos centros do rio pelo verão, entre

seringueiras, roças e sementes. Se tudo era difícil, ficou mais ainda com a morte de seu pai, quando tinha dezenove anos. Ao perder o pai para a malária, teve, junto com a mãe e seus irmãos, de tocar a roça e o seringal sozinhos. Wagley (1988) afirma que “as viúvas são particularmente competentes no que constitui idealmente o setor de atividade do homem”, e continua:

“Quase todas as mulheres ajudam os maridos nas roças, plantando e colhendo mandioca e são elas que fabricam, praticamente sozinhas, a farinha de mandioca. Muitas até extraem a borracha, encarregando-se das estradas de seus maridos, quando esses adoecem...” (WAGLEY, 1988, p. 172)

As palavras do autor nos mostram como era o papel da mulher na cidade de Itá, a mulher tinha lá, o papel fundamental na criação dos filhos, assim como aqui, em especial com o serviço braçal na roça. D. Benedita continuou a ajudar sua mãe, mesmo depois de casar aos vinte e um anos. Hoje d. Benedita está aposentada, não trabalha mais na roça, não cata mais sementes e, muito menos, risca seringueiras. Seu cotidiano de tarefas gira em torno de sua casa e de sua família. Com a ajuda de sua nora, cozinha o almoço e o jantar, trata a água que todos bebem, bate açaí para toda a família. Os filhos visitam os pais, para tomarem benção e tomarem um cafezinho, que já está posto à mesa: o primeiro café da manhã é na sua casa.

D. Benedita reservou boas conversas comigo, bons ensinamentos de vida. Numa dessas conversas à beira de seu fogão à lenha, enquanto fritava o peixe para o almoço, relembra dos momentos de que quando tinham serraria: Mostra a casa onde era o antigo comércio familiar. Nasceu, cresceu e vive até hoje no Rio Canaticu. Depois de muitos anos, ela e seu Benedito voltaram a sua vida de outrora. Agora, já com os filhos todos criados, tomam conta de um açaizal que fica no Rio Pagão, próximo à vila. No verão, tempo bom para o açáí, eles se mudam para cuidarem da propriedade.



Imagem 31: A mão que alimenta



Imagem 30: O caminho adiante

3.3 Um senhor de respeito: seu Benedito Sá

Benedito Rodrigues de Sá, 75 anos, nasceu marcado pela tragédia da morte de sua mãe.



Imagem 32: Seu Benedito

Seu primeiro alimento foi nos seios de sua mãe já morta, para que também ele não viesse a óbito, e caísse em mais uma estatística da época em todo o Brasil relacionada à mortalidade infantil. Seu início foi de um presságio que sua vida iria ser de muita luta. E foi. O sorriso alegre esconde momentos tristes, que não são fáceis de descobrir, pois não é um homem de fazer sentirem pena dele, e

sim, admiração. Casado com d. Benedita, criaram dez filhos. Suas narrativas possuem marcas fortes de luta pela vida e pela sua família.

Naquele tempo não existia esse negócio de leite, essas coisas, mingau de criança. Hoje tem que comprar mingau pra criança, essas coisa, a gente tinha mingau, mas era mingau de farinha, caribé⁶⁸, roupa a gente não tinha. Me contavam que eu tinha uma camisa de saca de sal, tinha umas saca de sal que tinha uns dezoito quilo, umas saca pequena assim. Compravam aquilo e faziam roupa, faziam cueiro, contavam, minha mãe contava que eu vim com aquilo, era só costurado por aqui (pela lateral), e aí dava o mingau e caía ali, chega tava duro aqui na frente (risadas) não é fácil, né? Mas graças a Deus cheguei pra cá, cuidaram de mim e eu venci na vida!

A história de vida casal em muito se parece. Seu Benedito aprendeu com a vida, cedo a se criar praticamente sozinho, desde a idade de oito anos ajudava em casa com a despesa, catava sementes, trabalhou como tirador de moinha quando criança cresceu porque “Deus é bom!” como diz, mas apesar de todo o sacrifício, se sente orgulhoso, pois, mesmo com todas as dificuldades venceu na vida. O vencer na vida, para seu Benedito, significa ver tudo pelo que passou, pelo que conseguiu junto à sua família.

Um homem do trabalho. Trabalhava de acordo com as oportunidades. Depois de casado, sua vida de nômade era constante, pois a vida do casal mudava de acordo com tempo da Amazônia, a várzea faz as gentes se adaptarem as situações mais diversas. Trabalhou muito para os “outros”, mas depois que seus filhos já davam conta do trabalho, suas vidas começaram a mudar, com a força braçal e sua experiência de vida, conseguiram construir um “pequeno patrimônio”, como diz, junto com sua família, também. Participou da economia do rio, na década de setenta, com a venda de madeira, da estiva e outros. Foi vereador e vice-prefeito na cidade, lembra com orgulho das coisas que conseguiu para o local nesse período: a ponte, da energia que trouxe e outras coisas:

Isso aqui era só um pontona de aturiá⁶⁹, um aningal, só tinha duas casa. Aí nós fomos trabalhar junto, sempre na lavoura... Sempre na roça... Aí... Aonde tem aquela sede grande lá... É da mãe dela, era da mãe dela... Da

⁶⁸ Mingau preparado com farinha de mandioca cozida e sal.

⁶⁹ Planta aquática que fica sobre as águas, ela só se gera na beira da praia com a presença de muita água, e vai constantemente formando pontas.

casa da Francisca pra cá... Era dos meus pais... E pra lá era dos pais dela... Era.

De todos os narradores, somente seu Sá, se reconhece como descendente de indígenas. Os traços são muito fortes no seu rosto. A cultura brasileira foi, ao longo do tempo, construída pela mistura de raças. Aqui não foi diferente, misturaram-se índios, negros, portugueses, italianos, cearenses, enfim, diversos grupos étnicos, como a história nos mostra. Lugar de morada desde a infância, hoje, uma das duas maiores vilas que o município tem, cresceu com os casamentos de filhas, filhos, sobrinhos. Como afirma Wagley a partir de sua leitura de Gilberto Freyre: “é a família e não o indivíduo e muito menos o Estado ou qualquer companhia comercial que desde o século dezesseis, tem sido o grande fator da colonização no Brasil” (FREYRE apud WAGLEY, 1988, p, 158).

Hoje, aposentado, vive com d. Bena, um filho, sua nora e dois netos na sua casa de alvenaria, que junto com seus outros filhos está sendo construída. Sentado à frente de sua casa vê o movimento da vila, os alunos, as crianças brincando, os professores, parentes. Fica atento a tudo. Muito rígido na sua postura, como homem de negócios, mas muito brincalhão também. Sente-se feliz por ter seus filhos ao seu lado, é uma família que preza muito pela solidariedade. Diz nunca ter se arrependido de ter casado com d. Benedita, “juntou a precisão com a necessidade”, e solta um leve sorriso. É uma figura de grande referência para a vila. Ele sempre busca saber como os parentes estão o que acontece. Ajuda d. Bena em algumas tarefas, recebe muitas visitas, o espaço preferido de seu Benedito para as conversas ou só para ficar contemplando a paisagem, é o banco localizado em frente a casa, perto da ponte.



Imagem 42: Memória



Imagem 43: descanso

3.4 O homem das visagens: Manoel Tenório



Imagem 33: Seu Manoel

Seu Manoel, 73anos, com d. Tereza, tiveram 14 filhos e tem apenas 11 vivos. Juntos cuidam de um poço de peixe, atividade que está se tornando muito comum entre as famílias bem organizadas e as associações que se espalham no decorrer do rio. Sua rotina é cuidar da casa e do poço de criação de tambaquis. Depois de muito trabalhar em roças, em seringais, na mata retirando madeira, e tantas outras atividades, o casal conseguiu realizar o sonho de terem seu próprio negócio. Com a ajuda

de financiamento da cooperativa local, e de seus compadres, conseguiram fazer um grande e bem estruturado poço, para mais de três milheiros de alevinos. Apesar de tudo, do trabalho árduo, dá um “lucrozinho”. D. Tereza se encontra muito doente, e, é perceptível a preocupação no rosto de seu Manoel, o casal parece ser muito companheiro e carinhoso um com o outro. Apesar de terem onze filhos, moram sós, os filhos residem nas proximidades, inclusive, dá para avistar suas casas da ponte da casa. Seu Manoel é um senhor ativo, limpa o poço, alimenta os peixes.

É o único narrador deste trabalho que não mora na vila, mas sua ida até ela é diária, tem uma ligação muito forte de parentesco e de trabalho com seu Sá e seus filhos. Hoje, vai à vila comprar mantimento, algum equipamento, ou concertar algo, ou simplesmente, para conversar com o compadre Benedito. Seu transporte preferido é o velho e conhecido casco. Pela beirada vai tranquilo assoviando e apreciando a paisagem. Uma ação comum de ver pelos rios são os barcos maiores darem caronas para as pessoas que viajam de casco, sua montaria e ajeitada até chegar no local onde tem que descer, entram novamente em seu casco e seguem a viagem. Seu Manoel, de vez em quando pega essas “caronas” até a boca do rio, desmancha seu caso e vai seguir seu caminho.

3.5 O apanhador de açai: seu Manoel da Lúcia



Imagem 34: Seu Manoel

Seu Manoel é um senhor de 70 anos. Junto com d. Maria, sua esposa, tiveram 06 filhos. Sempre morou no rio. Encabulado, isso lhe torna um homem de poucas palavras. Lembrou-se de sua vida, mas a melhor lembrança que todos, eu, sua filha, sua mulher e genro, percebemos, foi a lembrança carinhosa de seu pai. e de seu filho, que perdeu há uns anos, da falta que sente do trabalho na roça. Nossa conversa iniciou-se pela manhã, e quando eram quase onze da manhã e seu Manoel me diz: “Acho que tá bom, né? Tenho que

apanhar açai pra beber!”

Pedi que deixasse acompanhá-lo nessa tarefa. Fez um sinal positivo com a cabeça. Calçou sua bota, pegou seu terçado, peconha⁷⁰, paneiro⁷¹ e descemos para o terreiro para entrar na mata. Ele ia à frente, limpando algum cipó que estava no meio do caminho. Quem nos acompanhou foi o genro levando no ombro seu neto. Seu Manoel andava e olhava para cima, na esperança de achar o melhor cacho para apanhar. “Cuidado com a cabeça” aponta em direção a uma árvore de miriti pela qual passávamos por debaixo dela. Tempo de miriti⁷², eles caem a toda hora, e, é perigoso cair na cabeça. De repente, põe a mão na testa e percebe um cacho bom para apanhar. Põe a peconha nos pés e sobe. Fiquei abismada com tamanha força e destreza de um senhor de setenta anos: subir na açazeira, de bota nos pés, com um terçado nas costas. Com sua experiência vai se empurrando em direção ao cacho, dois cortes, um do lado direito e um do lado esquerdo, são suficientes para arrancar o cacho.

Guarda o terçado nas costas, quebra o cacho com as próprias mãos, e, lá vem seu Manoel, deslizando no açazeiro, com o cacho em sua mão direita, com a esquerda se

⁷⁰ Objeto que auxilia para subir no açazeiro

⁷¹ Espécie de cesto que serve para colocar o caroço de açai.

⁷² Fruto muito apreciado no inverno, que nasce em uma árvore muito alta.

segura, tira a peconha, pega o sexto e começa a debulhá-lo⁷³. Lembro-me de Bosi ao falar sobre o corpo, “parece ser próprio do animal simbólico” uma parte do corpo ter várias funções:

A mão arranca da terra a raiz e a erva, colhe da árvore o fruto, descasca-o e leva à boca. A mão apanha o objeto, remove-o, achega-o ao corpo, lança-o de si. A mão puxa e empurra, junta e espalha, arrocha e afrouxa, contrai e distende, enrola e desenrola; roça, toca, apalpa, acaricia [...] apanha os gestos o eu, o tu, o ele, o aqui, o aí, o ali, o hoje, o ontem, o amanhã [...] é a voz do mundo, é a voz do surdo, é leitura do cego. (BOSI, 1994, p, 468).

Ao acabar de limpar o cacho, o senhor pegou e rasgou a boneca⁷⁴ do fim até a ponta, bem ao meio, aquilo me chamou atenção e lhe perguntei o porquê, de tal prática. E ele respondeu: “Ah! Minha filha, isso eu aprendi com a minha mãe. E ela aprendeu com a mãe dela”. Ela dizia que era para próximo cacho ser maior, então eu faço assim, assim que eu aprendi, né? ” Dois cachos foram o suficiente para o almoço, seu Manoel levou para d. Maria que pôs na água morna (o processo de amolecer o fruto nunca mudou, no entanto, a forma de amassar, sim) amoleceu os caroços e bateu em sua máquina: “Nunca mais usei aliquidá⁷⁵, mas não é o mesmo gosto, no aliquidá eu acho mais gostoso”. Enquanto isso, seu Manoel, esperava na sala jogando dominó com os filhos, que acabaram de chegar do mato. Seu Manoel começa a falar com uma profunda tristeza:

Se Deus quiser, eu faço 71 anos agora, no mês de maio, mas só que esse mês, é um mês muito triste pra mim, o mês do meu aniversário, dia onze, meu pai, dia sete foi enterrado um filho meu. Oh! Minha Nossa Senhora! Que quando chega esse mês eu saio.... É muito triste pra mim! Dia dezenove é meu aniversário e, saio.... Vou me embora pro mato... É que eu não tenho força pra investir... É isso. Eu sempre sonho com ele [com o pai], nós conversando, olha, faz 35 anos, pra mim, parece que eu vou encontrar com ele (a emoção é visível em seus olhos), a gente era muito amigo, sabe? A gente tinha uma vida boa, o pessoal ficava olhando.

As memórias de seu Manoel lhes trouxeram as lembranças do pai, a dor é visível em seus olhos, o passado mistura-se com o presente diante de uma data especial para

⁷³ Ato de tirar o caroço do açaí do cacho, empurrando de cima para baixo.

⁷⁴ A parte do cacho que o fixa na árvore de açaí.

⁷⁵ Bacia feita de barro.

ele, o sonho aparece como momento paradoxal de encontro e de fuga, para sanar a saudade da distância causada pela morte. Entrar na mata, andar por ela, lhe parece como a melhor solução para esconder dos entes queridos a dor. Com seu Manoel sua memória foi a ponte para um mundo que não tem volta, ao pai, às lembranças que fazem uma evocação de entes que se foram (Bosi, 1994).



Imagem 36: O olho em direção ao cacho perfeito



Imagem 35: A subida

3.6 O soldado da borracha: seu Garibalde



Sentado no beiral de sua casa, apreciando a calma do fim de tarde, estava seu Garibalde Rodrigues dos Anjos, de 68 anos. Nasceu e se criou no rio Canaticu, na localidade onde hoje é a vila. Junto com sua esposa criaram 14 filhos. Homem de fala mansa e histórias de muito trabalho. Lembra que riscou muitas seringueiras, catou sementes pelas beiradas do rio, trabalhou como padeiro, plantou muita roça, foi e ainda é carpinteiro, marceneiro. Ele e sua família enfrentaram muitas

dificuldades ao perderem o pai ainda jovem. Ajudou sua mãe, com mais trabalho, para

terminar de criar os outros cinco irmãos. Mora com sua esposa e dois filhos, outros dois moram em casas ao lado da sua, e os demais moram em Belém. Afirmou que não pretende abandonar sua terra. Hoje tem uma propriedade de açaizal que se torna a principal fonte de renda para a família, principalmente no verão. Lembra, com pesar, dos trabalhos feitos para ajudar a sustentar sua mãe e seus irmãos, quando seu pai morrera. Possivelmente a figura paterna foi mais um dos casos de malária daquela época, como Wagley (1988) descreveu para o caso de Manaus, com um índice de 334,9 de pessoas que morreram, só no ano de 1941. Sabem-se lá quantos perderam a vida por aqui?

Nas narrativas de seu Garibalde percebem-se as dificuldades pelas quais passou na vida, podemos até ter uma noção de como essas pessoas viviam quase isoladas do mundo, como na narrativa em que descreve do barulho que ouviu nos céus. Chegaram a pensar que era o mundo que estava se acabando. Segundo o senhor:

Ah! Mas nós passamos muito, seis meses de borracha nós tirava mil e duzentos quilos na safra. Aqui quando eu me entendi, isso aqui era uma ponta de aningal e mangueiro, quem inventou televisão aqui, foi eu e o Benedito. Quando passou o primeiro avião aqui, eu tinha treze anos, nós ficamos com medo, nós pensava que era o mundo que ia acabar (risada), era!

Não tive condição de estudar! Era longe.... Tinha que remar ali pra banda da Ponta Alegre e, às vezes, tinha manhã que a gente saía daqui a remo! A gente nem sabia o que era motor! Só os Fonseca que tinha uma lancha velha... Era um sacrifício muito grande, eu tô lhe dizendo! Cobra nesse rio tinha demais.

A gente pegava cada um fueiro de vento nessa travessia, a gente não ia, às vezes, amanhecia chovendo.... Ah! O meu irmão Leopoldo acordava a gente meia noite pra estudar, porque a memória tá boa, né? Tá bem calmo. E quando eu começava a errar ele começava a me ralhar e eu começava a chorar e pronto! Tudo na lamparina!

Nessa segunda narrativa, entendemos porque as pessoas dessa época tinham dificuldades em começar e, até mesmo, em terminar seus estudos. Na zona rural era muito raro ter escola nessa época, e quando surgia alguém para ensinar, as dificuldades naturais apareciam. Foi assim com todos os narradores deste trabalho, sem exceção alguma.

3.7 Os narradores e as paisagens em transformação

As paisagens constituídas na Amazônia propiciam a emergência de inúmeras vozes, e essas vozes pertencem, por certo, às tantas gentes amazônidas cujas experiências de vida estão profundamente imersas/envoltas nas/pelas águas, florestas, bichos e marés. O homem integrado intencionalmente à natureza transforma e é transformado por ela: com as oscilações da maré, ora enchente ora vazante, que levam e trazem canoas, gentes, mururés, lembranças, alegrias, tristezas, esperanças e, por fim, histórias submersas nas águas da memória – por vezes, referidas a mundo subaquáticos, aos seres misteriosos do fundo das águas - histórias essas que não são separadas da suas vivências, porque vividas a partir do seu cotidiano, o que lhes permite o olhar calmo e sensível, evocador do maravilhoso.

As pessoas que tiram o seu sustento da terra hoje, são as mesmas que de forma admirável se prostram à grandeza e à exuberância das paisagens, diante de seus mistérios e epifanias. Muitas delas acreditam em castigos que merecem receber por suas atitudes do passado ou de agora mesmo. Elas, cujo passado está marcado por lutas, mortes e destruições em nome de um processo civilizatório que avança sobre as fronteiras, e que, atualmente, precisam lidar com o advento das novas tecnologias que alcançam as pequenas localidades, nem por isso, abandonaram certas práticas e crenças de seus antepassados, especialmente nas áreas interioranas.

Sendo assim, nota-se que as paisagens atuais ainda são muito parecidas com aquelas de outrora, como as que José Veríssimo (2013) descreveu, por exemplo. Mesmo considerando-se o “progresso” que com o passar do tempo chegou à região, quando percorremos os rios e as ruas das localidades é possível, ainda, perceber a mesma conformação das moradias descritas pelo autor, pois se as casas não são mais de paxiúba ou de miriti, muito menos amarradas com cipós, conservam uma estrutura que ainda lembra tais descrições, mesmo em contraponto com outras habitações muito mais elaboradas.

“Nos lugares alagados de beira-rio, com certas porções do Amazonas entre o Pará e o Gurupá e em todo o Litoral do arquipélago do Marajó (...) erguem as casas sobre paliçadas (...) Nada ali é vindo de estranhas terras, tudo (...) proveio, quase sem esforço, da natureza ao redor. O madeiramento para a casa, o cipó, que faz a vez do prego (...) a matéria do tipiti (...) o barro e a argila (...). O prato é muitas vezes a cuiá, como o pote ou o cântaro é a cuiambuca ou o jumaru (...) A mata fornece-lhes ainda a caça, o rio e o peixe, a terra frutos, com mão pródiga, e com tudo isso, que profunda não é a sua miséria”. (VERÍSSIMO, 2013, p. 94).

Entretanto, falar acerca das paisagens, em especial na Amazônia, é falar de contextos e territórios - detentores de complexidades que se colocam ao pesquisador que adentra tais universos, que no contemporâneo não se apresentam mais como lugares distantes e isolados, aliás, porque nunca foram totalmente assim, pois estão interligados física ou virtualmente (rádio; televisão; celular, entre outros) a outras localidades da região, ou mesmo, desde um processo de globalização cultural às demais partes do mundo.

Hoje em dia, um objeto básico que figura nas paisagens ao longo das margens do rio, é a antena parabólica, transformando-se em um adorno das casas, ela é a cada dia mais comum e imponente nos espaços ribeirinhos. Por meio dela as pessoas, assistem a programas televisivos que preferirem, tem acesso à notícias, informações com muito mais rapidez do que outrora, mas gostam mesmo, é das novelas. A televisão e a antena parabólica vieram substituir as rodas de conversas em frente de suas casas, as conversas de comadres, o momento das grandes “contações” de histórias. Obviamente, que elas não acabaram por completo com tais práticas, mas a roda só dura até o momento de o motor entrar em ação, para ligarem os aparelhos. E ali ficam, devaneando diante da tela, os de casa, e os vizinhos que chegam.

Outras comunidades mais bem organizadas, já possuem acesso à internet, e por meio delas obtém informações em tempo real; embarcações mais rápidas, que lhes fazem diminuir as distâncias, o que se torna algo de extrema necessidade, além do aparelho celular, entre outros objetos que estão cada vez mais acessíveis, não de todas as pessoas, certamente, mas de uma parcela significativa.

Por certo, muitas paisagens se transformaram ao longo do tempo, tanto pelas agências humanas quanto por aquelas de caráter não-humano. Das interações que ocorrem entre homem e natureza, emanam experiências que nos levam a pensar sobre a importância das agências simbólico-práticas, que, nos termos de Simmel “desdobrar-se-iam nos “formismos das paisagens” (SILVEIRA, 2009), e que seguindo Durand (1989), revelariam um conjunto de imagens/imaginário que constelaria nos lugares, quando a participação dual da natureza e da cultura se manifesta.



Imagem 38: Paisagem ribeirinha

Na imagem acima, dona Dulcineia é envolta por uma imagem que parece uma quadro natural. Todos os elementos que compõem a vida ribeirinha está presente, a ponte, a casa simples, a mata e a água, mas outro objeto está cada vez mais inserido nessa paisagem. A antena parabólica tornou-se objeto comum aos nossos olhos no decorrer de quase toda a extensão do rio. A imagem do comercial Barreto, acima colocada, de acordo com d. Benedita, era o lugar onde ficava a ponta de aturiá lugar que surgia o fogo que aparecia a noite assustava e intrigava os moradores. Agora a ponta deu lugar a um comércio que abastece a comunidade. Na subsequente, seu Benedito nos mostra o lugar onde era comum o aparecimento do pretinho que pulava nas folhas da árvore de urucuri. Tempo depois a mata deu espaço para um campo de futebol, lugar no qual a comunidade se reúne para grandes torneios organizados pelos



Figura 50: o lugar da narrativa



Imagem 50: o lugar da narrativa

CAPÍTULO IV: A HORA DO CONTO: NARRATIVAS DA CALHEIRA

CONTO E CURA

A criança está doente. A mãe leva para a cama e se senta ao lado. E então começa a lhe contar histórias. Com se deve entender isso? Eu suspeitava da coisa até que N. do poder de cura singular que deveria existir nas mãos de sua mulher. Porém, dessas mãos ele disse o seguinte: – Seus movimentos eram altamente expressivos. Contudo não se poderia descrever sua expressão... Eram como se contassem uma história. – A cura através da narrativa, já a conhecemos das fórmulas mágicas de Merseburg. Não é só que repitam a fórmula de Odín, mas também relatam o contexto no qual elas a utilizou pela primeira vez. Também já se sabe como o relato que o paciente faz ao médico no início do tratamento pode se tornar um começo de um processo curativo. Daí vem a pergunta se a narração não tornaria o clima propício e a condição mais favorável de muitas curas, e mesmo se não seriam todas as doenças curáveis se apenas se deixassem flutuar para bem longe – até a foz – na correnteza da narração. Se imaginamos que a dor é uma barragem que se opõe à corrente da narrativa, então vemos claramente que é rompida onde sua inclinação se torna acentuada o bastante para largar tudo o que se encontra em seu caminho ao mar do ditoso esquecimento. É o carinho que delinea um leito para essa corrente.

Walter Benjamin

4.1 Narrativas do rio

O mundo estava ali aberto na nossa frente; onda-rio-estrada; rio-no-céu-estrada-n'água; estrada-por-cima-de-rio; rio-por-baixo-de-estrada (...) Água e águas.(MONTEIRO,1997, p, 23) E o mundo realmente estava ali, ou melhor, aqui. Um mundo banhado pelo águas, “águas e águas”. Águas carregadas de mistérios, de cores, carregadas de djetivos, “águas claras, águas profundas, águas violentas” Bachelard (2013).Sobre as águas doces, Bachelard continua a falar sobre a evocação lendária de um rio pelo sonhador, e um certo sensualismo “profundo e complexo” que delas emanam. “ a água doce é verdadeira água mítica” (p.158). “Água que mata a sede, que leva os peixes que rega a terra” (BECKER,1999, p, 11) e rega o imaginário.

Águas que purificam o espírito. Dessas águas surgem as narrativas contadas pelos narradores da Vila Calheira.

4.1.1: Águas misteriosas narrada por seu Lolico.

Numa noite, quando eu vinha da cidade de Currealinho... Eu fui numa lanchinha do irmão Acácio, ele morava ali adiante... E ele mandou o Manoel comigo, ele era moleque. E quando eu cheguei da cidade, eu cheguei na casa do meu pai, lá onde é a igreja. Aí eu fiquei lá com eles, era um pastor que tava lá... Aí meu pai disse:

- Olha, meu filho, tu só vai depois da janta, né? Certo! Quando eu saí de lá era dez horas da noite, não tinha vento, nem um bocadinho... Aí viemos, eu com o menino... Quando nós chegamos aí na dobrada da ponta, que vem pra cá... Eu vi que o barco montou em cima de um negócio, mas era mole... Aí não tem canal, não tem areia, não tem nada! Aí eu vi que o barco com a força que vinha, ele subiu em cima de um negócio, mas já mole, né? Que não era pau... Quando é pau ele bate logo, pêi (imita o barulho), aí era mole. Aquilo foi ficando pra banda da pôpa⁷⁶, que quando chegou na banda da pôpa, segurou o barco... O barco não andou, com o motor funcionando... E aí eu disse pro menino:

- Meu filho, acelera mais o motor...

E o menino sentiu lá... Perto do motor... Ele disse:

- Irmão Lolico, olhe... Nós temo em cima de um bicho!

Mas eu, pra não meter medo nele, eu disse:

- Não, não tem é nada... Isso lá é o motor...

⁷⁶ Parte traseira do barco

Mas eu estava com medo lá... No comando, né? Porque segurou o casco, aquilo queria puxar o casco pro fundo... Aí viemos, viemos, viemos e botei logo pra beira... Com a ideia de chegar no porto do Fabriciano que tinha um trapiche lá, e, a gente pular pra terra e largar o barco.

Mas quando nós chegamos perto do trapiche... Aquilo soltou o barco... Sentou... Aí o barco deu uma carreira pra frente com a força da máquina, né? Quase nós se enterra pelo um aningal e viemos embora.

Então, não vimos o que era, tava escuro, mas era um bicho... Não sei o que era... Mas isso tem... Isso eu vi! Isso eu afirmo que foi verdade, né? Outras coisas eu não sei... Mas isso... isso tem aí... (aponta para o rio).

Olha! Lenda e não sei, mas que tem um bicho grande aí dentro desse rio tem porque eu já presenciei! E é a cobra!

4.1.2 A cobra encantada da Calheira, narrada por d. Benedita

Aí bem abaixo da casa do meu irmão... Lá tem... Uma tapera⁷⁷... Lá era uma família que morava lá... Eu vi essa casa, me lembro casa lá. A mulher teve um casal de filho, né? Mas foi encantado e foi cobra... Todos dois... E aí quando nasceu... Eles contavam, a mamãe... Eles que contavam isso. Porque a parteira era a velha Romana... A mãe que eu chamava de vó, elas que contavam.

E na hora que ela teve... Deu um grande banzeiro⁷⁸, e só thêi.. Direto pra água... E aí quando eles tavam com um mês mais ou menos ainda vinham, e depois, foi crescendo, crescendo e sumiu... Disque que de vez em quando, o pessoal via as cobras.

4.1.3 A cobra encantada da Calheira, narrada por seu Garibalde

A minha mãe era parteira, e teve um dia que ela foi partejar uma comadre dela daqui do Rio. Ela teve essa criança umas oito horas do dia. E a mamãe estava lá, eu fui também com ela. A água estava sequinha. Isso que todo mundo fica assustado, pensando!

Eu vi com meus olhos... A água estava sequinha aí, essa praia sabe? Era tepacuema⁷⁹ mesmo, ela teve o primeiro nenenzinho, primeiro foi a Zenaidia, aí... Atrás dela veio uma cobrinha.

Aí apararam na bacia sabe? Tinha um buraco assim no quarto, e a água veio... Veio um banco de maresia só, só uma e foi subindo em riba até... Foi buscar lá debaixo do jirau.

⁷⁷ É um lugar abandonado.

⁷⁸ É uma maresia que levanta com a força do vento.

⁷⁹ Virada da água. Fica bem baixa no final do dia ou no começo da manhã

E só fizeram soltar ela e ela foi junto, só um banco d'água! Foi sim! Estava sequinha, era tepacuema... Isso eu sei porque eu vi com meus olhos, eu era pequeno, era moleque eu estava com treze anos mais ou menos, e depois ela ficou aparecendo... Mas depois ela sumiu, isso faz mais de cinquenta anos.

4.1.4 Navio encantado, narrada por d. Benedita

Eu sei que foi na noite numa festa nossa, era uma festa que a gente fazia nesse tempo. As festas eram bonitas, dava muita gente, vinha gente de longe.

E aí dessa vez, a mãe tinha morrido, e eu não queria a festa, tava resguardando, e o Sá, disse:

- É, Bena, é só fazer. Tu não vai lá e aí eles vão lá!

Sei que fizeram pra lá a festa, aí eu fiquei só eu e Deus. Tinha uns bancos na frente da casa. A água tava assim... A água ia amanhecer seca, e aí no horário que ela estava grande, agarrei enchi água tudinho nas minhas vasilha.

Depois fiz café, tinha farinha de tapioca e fui tomar lá na frente... Sentada lá no banco, pedindo pra Deus que fizesse a festa bonita, tinha muita gente!

E aí eu olhei lá pra baixo (para o rio) e apareceu piquena... Um barco grandão! Mas alumiado vinha aquilo ali, confronto o chorão,⁸⁰ mais ou menos aí fora.

- Meu Deus do céu, tá vindo gente de Boa Vista⁸¹! Eu falei. Pedindo pra Deus, que não deixasse brigar na festa.

E tá... Eu bebendo café, e olhando aquele barco, e na hora que eu fui arriar a vasilha que eu olhei pra lá.

- Cadê o barco?

Na hora que eu arriei, desapareceu... É... Foi sim pequena... Foi em 97, no dia da festa.

Nas narrativas acima, temos três versões sobre a cobra, um dos símbolos de maior medo entre os ribeirinhos. Na primeira, seu Lolico deixa claro que o rio é fundo, não tem barrancos de areia, de acordo com o que lembra o rio estava calmo, sem vento algum, e isso faz com que ele acredite na impossibilidade de o barco ter encalhado em areia, ou coisa assim. O horário noturno era propício para que nada avistasse, no meio

⁸⁰ Nome do lugar

⁸¹ Refere-se a cidade de São Sebastião da Boa Vista

de um rio, tudo parece breu⁸² a sensação de seu Lolico de que iriam ser puxados para dentro do rio, lhe dá cada vez mais certeza de sua teoria sobre um bicho grande que mora nas águas do Canaticu.

Na segunda narrativa temos a história em que uma mulher dá a luz à duas crianças, aqui as duas são cobras encantadas, e são libertas por uma enorme onda que chega até o jirau⁸³ e leva as duas cobrinhas. Deixa claro que não viu o nascimento, pois pelo que conta era muito pequeno quando aconteceu, mas lembrança da história vem por conta da voz de sua avó. Lembra-se da parteira, da casa onde a família morava, e chega a apontar o local do acontecido.



Imagem 39: O lugar dos encantados

Aí bem abaixo da casa do meu irmão...Lá tem...uma tapera...Lá era uma família que morava lá...Eu vi essa casa, me alembro ainda dela...Me alembro da casa lá. Lá a mulher teve um casal de filho,né? Mas foi encantado e foi cobra!

Na terceira narrativa, seu Garibalde já nos traz o mesmo fato contado contado por d. Benedita, com mais de detalhes, ou seja, outra narrativa, e o que lhe impressionou, foi o fato de a água, em forma de maresia, ir até o local e “buscar” a encantada, que já tinha sido colocada em uma bacia. A cobra foi embora, mas ficou por algum tempo por ali, até que sumiu.

⁸² É a resina extraída da árvore breeiro. Que tem várias utilidades

⁸³ Palanque levantado nas casas entre o chão e a casa.

Aqui não aparecem os elementos que envolvem essa narrativa, como o sal, o sonho ou o leite de peito, mas a estrutura é da história dos encantados. No entanto, a água, aqui é fundamental. Primeiro ela se mostra em pouca quantidade, maré seca, e logo depois ela se transforma em banzeiro, se agita e enche rapidamente até alcançar a cobra e, logo em seguida, seca. Chevalier (2012) nos fala da água agitada comparando-a com o mau, a desordem. Aqui o banzeiro é a desordem em contradição com a calma da tepacuema, que seu Garibalde descreve.

Na quarta narrativa, d. Benedita apresenta a cobra metamorfoseada em um grande navio iluminado, que ao surgir de repente, fez com que d. Benedita pensasse que se tratava de um navio de verdade. No entanto, em um descuido seu, desapareceu da mesma forma que aparecera. Wagley (1988), menciona que também em Itá era comum os narradores descreverem a “cobra-grande-navio”.



4.1.5: A cobra verdadeira, narrada por seu Garibalde

Às vezes eu fico pensando, nas coisas que passou. Eu me lembro do meu pai, duas horas da madrugada aqui. Naquela altura dava muita cobra, eu estou te dizendo! Aí, ele descia ali (aponta para o chão) pegava um miritizeiro⁸⁴ grande. Ele tinha um costume de subir para o centro toda duas horas da madrugada a remo, não tinha motor.

Aí vai.... Desce lá, ele ia ajeitar o casco e lavar a boca dele. Aí ele pega a escova e vai, e desce em riba do miritizeiro. Aí ele estava com a costa pra trás né?

⁸⁴ Árvore típica da região de troco grande e grosso.

Aí deixa que meu avô escutou a zoada daquele negócio fazendo jáá, jááá, amodo que vinha subindo um negócio tipo uma.... Aí ele disse:
- Olha... A traqueteira⁸⁵ do Fonseca já vai subindo. Ele pensava que era, quando acaba era a cobra.

E meu pai estava bem lavando a boca, nem cismava o que era, aí só sentiu aquele vento atrás né, um vento frio.... Que ele olhou, ela estava quase em riba, em cima dele, ele só deu um salto por cima da ponte.

Foi horrível, aí depois que começou a andar motor por esse rio, aí pronto, as cobra sumiram de medo, eu acho, estão pelos buracos... Dentro desse centro grande que eu estou te dizendo

4.1.6: A cobra grande do mato, narrada por seu Garibalde

Dentro desse centro grande onde trabalhemos... Eu com o Leopoldo. Isso era umas três horas da tarde. Aí, estava.... Um lote de macaco ia passando assim:

E nós fomo se escondendo assim, e quando ele olhou o sol.... O sol brilhou lá na frente assim um pau...Tipo um miritizeiro assim, esticado assim no igapó né? Aquilo quando sol dava chega aquilo brilhava. Aí quando nós fomo reparar.... Não era uma enorme de uma cobra! Olha a largura da barriga dela era isso aqui, sabe? (Faz gestos com a mão) mais de um metro o caminho que ela ia fazendo!

Olha, que nós não tivemos coragem, não! De lá mesmo voltemos e aquele bicho ficou lá. Quem sabe pra onde aquele bicho desceu, né? Elas se criam lá por dentro e de lá que elas descem, pelo rego⁸⁶, pensa que é cabeceira de igarapé, que nada é o caminho que ela deixa!

Na quinta e sexta narrativas contadas po seu Garibalde, o encontro com as cobras se dá em meio as suas tarefas diárias, onde relata o encontro com cobras em dia de caçada, e assemelha o espaço construído na floresta, com o movimento que a cobra naturalmente faz. O elemento interessante é quando o reflexo do sol bate na sua couraça, e faz surgir muito brilho, a luz que também surge na narrativa de d. Benedita, aqui surge pela luz do dia

A luz sempre foi um símbolo permeada de mistérios, interrealcionada com a aparição das Cobras-Grandes ou as Boiúnas, sempre em eterno contraste com a escuridão dos espaços míticos, “a luz é relacionada com a obscuridade para simbolizar

⁸⁵ Tipo de embarcação

⁸⁶ É a parte mais funda igarapé.

os valores complementares ou alternates de uma evolução” (CHEVALIER, 2012, p,567). Pinto também coloca a luz como reflexo de um símbolo ou uma metáfora:

Símbolo ou metáfora, a luz brilha sempre em todas as esculturas como transcendência, reflexo da divindade, sinal de saber, manifestação da beleza. É esta última acepção que ilumina os relatos sobre a Boiúna. A luz nos escuros dos rios e na escuridão da floresta, é uma hipnótica e brusca revelação do oculto velado nas coisas. (PINTO, 2004, p, 345).

Por fim, seu Garibalde acredita que as cobras grandes estão sumindo, e a possível justificativa para esse sumiço, está relacionada com o grande aumento de motor pelos rios. Percebe-se que nessas narrativas são os tipos mais recorrentes, transitando pela história mitopoética da cobra com o animal literalmente.

4.1.7 O boto remador, contada por d. Benedita

Eu era criança, mas eu me lembro.... Quando ela estava, na hora que ela estava brechando⁸⁷, olhando pelo buraco, nessa hora eu me lembro.

Que antes, a casa da gente... Era casa assoalhada com paxiúba⁸⁸, emparedada com paxiúba. Quando não era miriti, açai, mas fazia mais a parede de paxiúba.

Estava lá. O quarto era sanefa.... Arriava a sanefa de miriti⁸⁹.

E então, ela tinha um cachorro grandão, era preto o cachorro.

Ela estava com neném novo. E aí, o papai sai.... Parece que ele estava mariscando.... Sei lá... Só sei que ele não estava em casa! E aí então.... Estava uma linda noite. Era só eu com os dois menores. Ela falava que ela estava tecendo puiçá, sentada, quando ela viu aquela barcada⁹⁰ de gente né? Ela viu aquela remada.... Remando mesmo parece que era uma quantidade de gente, não?

Passou.... Ela ficava assim... (prestando atenção no barulho). Nós morava lá em baixo (no início da então vila Calheira) Quando não demorou... Lá vem de novo. Ela disse assim:

- Égua, o que é isso, já? Ainda agora passou gente.... Essa barcada de gente, e agora já de novo?

Então ela levantou e foi olhar.... Quando ela viu o que era.... Foi olhar pelo buraco.

⁸⁷ Olhar por uma brecha.

⁸⁸ Uma árvore que servia para assoalhar casa e outras utilidades.

⁸⁹ Espécie de cortina feita da tala do braço do miritizeiro

Enxergou só um... Só um Num casco passando...E parecia um monte de gente, remando, remando, foi sim! Aí ela ficou. Aí sentou de novo. Aí sumiu pra cá pra cima (pro lado oposto de onde estavam). Que quando ela viu, lá se vem de baixo de novo!

Pois é, e ela tinha um cachorro, e ela contava que aquele cachorro, parece que era ensinado.... Aí... Era um cachorro grande.

Ela só escutou quando arriou o remo no casco, parece que largou pra sair, né? E a água estava seca... A ponta do miritizeiro estava lá fora... E ela só fez bater, ela mostrou pro cachorro e o cachorro levantou em quanto mais depressa, abrindo a porta devagar, ele mesmo, encostada que estava.

E que quando ela viu, esse cachorro só deu uma carreira, avançou, ela só viu quando ele se jogou na água, ele se jogou lá fora... E aí quando ela viu só estava boiando boto.... Aquela arrumação!

Ah! Mas aí ela ficou com medo, e aí, pronto... Botou o cachorro pra dentro do quarto de novo, e nós era verde⁹¹... Não sabia... E aí quando foi de manhã ela foi contar. E aquilo foi boto sim... Queria subir... É sim, Deus o livre...

4.1.8 O boto remador, contada por seu Garibalde

Ah... Vizinha.... Aconteceu muita coisa.

Uma vez a mamãe.... Ela estava fazendo puiçá, né? Aí papai disse:

- Eu vou tapar igarapé!

E ela lá de resguarde, né?

- Vai. Não demora!

E saiu. Foi embora! E ela lá... Quando foi umas horas ela viu, naquele tempo o assoalho era de paxiúba , não tinha tábua, né? Ela viu, vinham pisando, tinha um cachorro bem no lado assim, ela viu pisar assim, era uma gente que vinha, né?

Quando chegou bem perto pra entrar na porta, que a porta era de miriti, que arriava assim, (fez gestos com as mãos pra baixo) não tinha segurança nenhuma, ela tornou a mexer no cachorro e o cachorro avançou, ele foi, foi, varou no buraco e jogou dentro d'água.

Era boto mesmo, ele levava criança, a mulher fica só, o marido vai pro mato, e faz que volta, igualzinho marido, pega o neném:

- Me dá aqui a criança um instantinho...

E leva a criança.... Pois é então a vida era isso, acontecia muita coisa... Mas a cabeça tá cansada, né?

⁹¹ Eram muito crianças

Nas narrativas sete e oito, d. Benedita e seu Garibalde, irmãos, narram à mesma história que aconteceu com a própria mãe, cada um à sua maneira. Eis que entra em ação, o animal das águas mais temido pelas mulheres: o boto. É um animal que desde sua origem carrega simbologias. Muito comum nas águas doces, é uma narrativa que é muito comum acontecer a metamorfose. Os narradores contam da investida que ele tenta para entrar em sua casa e possivelmente mexer com a mãe ou com a criança. A mãe de resguardo e sozinha com outras crianças, pois o marido tinha saído para pescar, é alvo certo. Primeiro ele faz a mãe acreditar que se tratava de pessoas comuns que estavam viajando pelo rio, ao provocar o barulho de remos batendo nos cascos, de vozes, como se fossem pessoas conversando. Quando a mãe entende o que está acontecendo, a sua única saída era o cachorro que lhe fazia companhia. Esse entra em ação fazendo com que o “malfeitor” se atirasse nas águas escuras, só restando o grande alvoroço no rio.

As narrativas envolvendo boto são bem comuns em lugares assim, acredita-se aqui no “engerar”, Wawzyniak (2012) na possível transformação dos seres não humanos em humanos. Dessa maneira pode compreender que “para situar a relação entre humanos e não-humanos no interior da cosmologia e na vida cotidiana dos ribeirinhos do baixo Tapajós é preciso relacioná-la a outras dimensões, especialmente ao modo como eles concebem o ambiente da floresta e do rio.



4.2 Narrativas da mata

Assim como as águas são constantes, a floresta é altiva. Dupla de segredos escondidos. O verde é também imperioso, se espalha ao longe no horizonte. O verde cor da mata é tão imponente quanto as águas. A cada curva de igarapé, é um verde que se encontra. Encontro todos os verdes de Benedito Monteiro. O verde das folhas da palmeira de açaí ao verde refletido nas águas. “O verde-folha, o verde-terra, o verde – sombra, o verde –enchendo-todo-espaço, verde-frio-como-febre-alta” (1997, p, 24). Esse verde da floresta que se transmuta em qualquer verde, tem muito que esconder: “Essas maravilhosas qualidades do verde levam a pensar que essa cor esconde um segredo, que ela simboliza um conhecimento profundo, oculto das coisas e do destino” (CHEVALIER, 2012, p, 940-941). Sendo assim a floresta, por muitos, símbolo de obscuridade amalgamada no inconsciente.

A floresta amazônica é uma parte do mundo que desperta em muitos, um interesse particular. Suas grandes extensões de floresta de mata fechada instigaram as imaginações dos grandes viajantes, naturalistas e dos que queriam dominar a terra. O imaginário europeu imbrica-se com os mistérios da floresta amazônica. Genericamente ao falar em floresta, Loureiro (2015, p, 142) salienta o mistério que essa carrega:

Jacques Le Goff tem razão quando afirma que “... o sentido simbólico profundo da floresta se exprime na produção do imaginário”, pois a floresta um locus de imaginação delirante, múltipla, fértil. Ela foi o espaço eleito para as aventuras cavaleirescas, medievais, assim como é o espaço privilegiado pelas guerrilhas. É nela que ainda são encontradas as imagens dos santos – como, por exemplo, a imagem de em. S^a de Nazaré no Pará ou por onde vagam os encantos de todas as entidades.

A diversidade da floresta amazônica contribui ainda mais para constantes mistérios que surgem dela. Assim como a dualidade existente nos territórios marajoaras, onde floresta e campos se entrelaçam por meios dos campos baixos e das grandes árvores majestosas que formam um manto verde trançado pelos cipós, fazendo com que a floresta fique mais misteriosa. Miranda Neto (2005, p, 39) nos descreve em essa parte da Amazônia, onde as árvores que mais se destacam em uma mata “densa e misteriosa” são: “a seringueira, a cuieira, o caucho, o assacuzeiro, os miritizais extensos, os aningais ribeiros, a já referida sumaumeira, as imbaubeiras.”

As árvores, ponto de encontro entre o humano e não-humano, que fazem parte do dia-a-dia, da rotina, das pessoas. Árvores que alimentam, árvores sagradas, árvores

que produzem moradia. Como nos explica Becker (1999, p, 32) o seu significado amplo:

A árvore é um dos símbolos mais ricos de significados: pode simbolizar a ascensão, mas também pode assumir a função de vigia e representar um lugar sagrado. Como árvore da vida e do sacrifício, como árvore cósmica e como árvore que cresce em direção oposta, representa uma ligação entre o céu e a terra, entre macrocosmo e microcosmo. Em toda a parte e em todos os tempos pode-se observar um culto da árvore, ou seja, a veneração religiosa de árvores sagradas como encarnação de árvores da vida míticas ou da força vital da própria vegetação, mas também como sede e símbolo de divindades e espíritos.

E a partir desse símbolo cheio de significados de sacralidade e das lembranças pessoais de cada narrador que estão carregadas e subjetividades, surgem as narrativas orais que se permeiam, se abastecem dos elementos da floresta.

4.2.1: A mulher que pariu uma bichuga, contada por d. Benedita

Essa história, quem me contou foi a minha avó, e era verdade.... Foi caso verdade que aconteceu!

Era uma mãe que teve uma filha, só essa filha, aí morreu o marido... E aí, a filha foi crescendo e ela tinha ciúme da filha, não queria que rapaz nenhum chegasse perto dela, namorasse.

E aí sim... O que que ela faz? Vai embora para mato! Distância pra dentro, esse negócio de centro, né? Para onde só tinha ela mesmo. Não tinha vizinho nenhum, e pra lá ela ficou com a filha, só elas duas.

E aí, a filha moça, não deixava a filha ir para canto nenhum... E aí, pronto!

E quando foi um dia, ela surgiu.... De barriga...E agora? Que não tinha como! E ela não sabia o porquê estava gestante! Ela ia todo dia para o mato com a mãe mesmo.

Por isso que eu digo, hoje não se resguardo né? Menstrua e fica tomando banho por onde dá!

E aí, assim a mulher levava a filha para o mato, e passavam só por onde tinha bichuga, poraquê, tudo quanto é bicho! E aí, ela teve a criança normal.

E aí, ela brigava muito perguntando quem era o pai. E a criança foi crescendo rápido, uma menina!

E a mãe emagrecendo, ficando seca, doente. E depois ela dava de gemer... E quando foi uma noite, a mãe dela ouviu ela gemer, e de manhã ela perguntou:

-Mas filha dela, por que tu geme demais?

-Geme? Não geme nada!

- Sim! De noite, por que tu geme?

-Eu não sei!

Antes era só lamparina, né? Ela o que faz? Foi alumiar em cima dela devagar... E foi dar com um bichuga de atravessada nela.... Chupando ela.... Não era criança!

Não sei o que foi que aconteceu, sei lá, é assim como eu digo não se resguarda né? E ela não deixava a filha, e aí pronto.

Quando foi no outro dia, ela disse pra filha que fosse para o mato só ela, que ela ia ficar. Deu a desculpa para ela.

-Ah! Mas a senhora não vai dar conta da minha filha!

-Ela dá conta! Ela deu contigo! Vai! Vai trabalhar!

E ela ficou. Quando ela viu que ela não estava perto, ela só fez uma fogueira e jogou a criança no fogo, mas ela viu que ela estava para chegar, né? Quando ela vinha chegando, ela perguntou:

-Para que esse fogo que a senhora está fazendo?

-Vai espiar o que tem lá!

Ela foi olhar e a bichuga estava se trançando!

Quando ela jogou a criança no fogo, se transformou na bichuga.... Não era criança, era uma enorme de bichuga.... Sei lá, que coisa feia...A gente conta isso, mas a gente tem medo até...Ai Senhor!

4.2.2: O macaco que virava mulher, contada por d. Benedita

Outra, foi meu avô que contou, de novo de morar sozinho. É ruim a pessoa morar sozinho!

Parece que era seringueiro, ele matou um macaco e secava.... Botava o macaco seco no paneiro⁹²...Tá! Deixava o macaco lá seco, e ele ia para o mato. Todo dia ele ia para o mato. E um dia quando ele chegou.... Foi encontrar já a vasilha lavada...O fogão encontrou já diferente, a cozinha toda lavada, tudo diferente, tudo agasalhado já!

-Mas tá vindo uma pessoa aqui! Mas de onde, não?

Aí tá... Quando foi no terceiro dia, ele ficou para espiar...Que quando ele viu...Pulou em cima do fogão, saiu do paneiro o macaco! Era o macaco! Por isso que tem gente que não come macaco! Ele saia, e ele se virava em gente, em mulher!

Essa aqui foi meu avô que contava...Era pra cá pro centro do Canaticu...

⁹² É um cesto feito de urumã, ou jacitara que serve como depósito.

4.2.3 Perdidos na mata, contada por seu Manoel

Um dia, eu e meu irmão, resolvemos sair cedo pro mato. Aí...Chegando lá a gente perdeu-se né? Mas nós já estava acostumado com aquele mato!

Mas menina, passamo o dia andando, rodando. E o mato de centro já viu! Então começou a escurecer e a gente perdido! Quando prestamo atenção, pra piorar começou a chover, e ficamo andando...andando...

Não sabia pra onde ir, mas continuamos a andar, quando a gente viu, um tio nosso, ia indo nos procurar. Estava com uma lamparina, lanterna, levou comida. Ele morava próximo de lá, e nos perguntou o que tinha acontecido:

-O que é isso rapá?

-A gente tá perdido, parente!

Então nós pegamos o caminho certo. Mas menina chegamo pra lá de sete horas da noite, ficamo o dia inteiro rodando, andando. Acho que a gente rodava só num lugar, entrava num caminho e varava em outro aqui perto. A estrada ficava bem próxima e a gente não chegava nela, e voltava de novo.

Olha foi um exemplo! Nunca mais eu quis sair assim... Eu tenho medo de certas coisas, eu nunca vi, mas eu temo!

4.2.4: A criança perdida, contada por d. Benedita

Nesse ano que aconteceu isso, nós morava pra lá pra Currálinho... Aí tá bem!

Aqui era a casa dela e a nossa era bem aqui! Sei que tinha um que tava fazendo mingau e ela tava lá esperando a vasilha pra raspar.

-Tá aqui a vasilha, raspá!

Aí a mãe dela gritou, e o tio dela, disse assim:

-Ela já vai.... Ela tá bebendo mingau e ela já vai!

Dessa arrumação.... Eles viram quando ela desceu e passou por debaixo dessa casa aqui.

Daí sumiu!

Ainda não tinha ponte, era pela moinha mesmo, mas só que ela passou por aqui!

Aí que quando eles viram.... Aí que quando ela gritou de novo pra ela:

-Ela já foi, ela já foi pra lá!

E aí nada.... Depois não demoraram tornou a gritar:

-Cadê a fulana? Ela não tá praí?

Ela já foi! Aí o tio disse:

-Ela já foi! Ela desceu por aqui, ela passou por aqui e desceu por aqui por

trás!

Pronto! E desceu todo mundo!

-Cadê a minha filha, cadê a minha filha?

E chama ela, e chama ela.... Que nada! Nada, nada! Ficou todo mundo procurando ela e nada de achar.

Que quando...Era umas nove horas, eles procurando e aí essa mãe dela se meteu nessa mata gritando! Ah, meu Deus! Que coisa feia!

Aí a mãe dela foi lá na igreja rezar, fazer um pedido, né? Para que mostrasse a menina pra eles se ela tivesse viva.

E aí quando ela saiu de lá, acabou de fazer seu pedido, ela vinha andando.

Aí o irmão dela tava em pé aí na frente. E ele escutou quando ela chamou ele, aí ele olhou e nada.

Chamou de novo, e ele olhava e não via, ele olhava e não via...E ele tornou a ouvir e ele escutava aquela voz dela, que ele olhou, aí ele enxergou ela e gritou:

-Titia, tá aqui a mana, tá aqui a mana!

E eles correram e ela já ia correndo. Entrou pra debaixo do jirau e correu! E a mãe desceu e vieram gritando e agarram ela.

Ninguém sabe onde ela estava! Tinham revirado tudinho por aí. Tinha uma árvore de cipó alho, tinha uma árvore grande aí, uma touceira.

Então depois de tudo, deram café, leite, pra ela e aí perguntaram pra ela e ela disse que era uma menina de cabelo amarelo...Levou ela, e ela dizia:

-Ah! Vocês passaram perto de mim, e não me enxergaram, tava bem perto de mim!

Eles não enxergavam ela, a menina botava a mão na boca dela e não deixava ela responder.

Foi aqui que aconteceu isso...Só que a gente não faz essas pergunta mais pra ela, ela não gosta de lembrar. Ela tinha quatro anos parece uma coisa assim.

Aí tinha uma senhora que disse que era pra gente ter cuidado, que com sete anos ela ia desaparecer de novo. Ai, minha Nossa Senhora! A gente tava preocupado com isso. Mas não! Graças à Deus não aconteceu! Mas só que ela ficou assim...O olhar dela não encarava com a gente, levaram ela no médico e agora não!

4.2.5: O protetor da mata, contada por seu Reginaldo Sá

A gente estava tirando madeira, com caminhão, com trator, lá no Aramaquiri⁹³.... Foi agora mês de janeiro. Eles dizem que eu estou assustado!

Então nós chegamos pra tirar a madeira, e o pessoal foi merendar, e eu fiquei no trator, ajeitando o trator pra meter a madeira.

Eu olhei, e vi um homem de preto, no meio da estrada, mas só que ele não estava olhando pra mim, estava olhando para atravessar a estrada... E eu fiquei parado, olhando pra ele, e chamei o pessoal pra mostrar.

Aí eles vieram de lá. Só que eles ficaram pensando que era brincadeira minha. Até que eles vieram, ele atravessou, já tinha atravessado, mas também não fiquei com medo.

Metemos a madeira e viemos embora pra serraria... Almoçamos lá e voltamos de novo.

Aí, eu deixei o pessoal num ramal para lá... preparando uma madeira, enquanto eu ia fazer a volta no trator pra meter a madeira.

É a hora que eu afastei uns 50 metros deles. Daí parece que o cara embarcou no trator que eu não quis nem olhar pra trás.

Eu nem olhei, mas eu cismava que tinha alguma coisa que ia me prendendo tudo.... Aí.... Eu não quis nem olhar pra trás!

Aí eles vieram de lá, e aquilo me libertou, e eu peguei dei a volta lá no fim do ramal e vim. E o pessoal veio, mas eu vinha com aquilo ali, parece que o cara vinha.... Acompanhando né?

Aí, quando cheguei lá em frente no ramal, onde eu tinha visto ele.... Aí, eu peguei e disse pro rapaz que estava comigo ir buscar a vasilha que eles estavam merendendo lá.

Aí ele foi pra lá e entrou uns vinte metros, e ele veio às queda de lá...Correndo...Ele viu ele lá!

Ele estava vestido, tipo assim, como quem vai caçar, com uma sacolinha nas costas, de shortinho, sem camisa.

Quando chegou lá perto, de onde ele tinha visto ele de novo, ele correu também. A gente procurou saber com as gentes de lá, se conhecia alguém que estava no mato, até hoje ninguém sabe!

O pessoal fala, que devido eu ter perseguido muita madeira, a mata tá revoltada:

-Para de tirar madeira pô, trinta e cinco anos derrubando madeira!

Não sei, eu digo pra mamãe, que eu acho que é o diabo. A gente não sabe o que é.... Por isso tem que respeitar!

⁹³ Afluente do rio Canaticu

4.2.6: O grito da Ianga, contada por seu Garibalde

Eu trabalhei num lugar que era só ianga, ela é um bichinho, tipo um passarinho, mas é invisível, a gente não vê...Só vê aquele assobio: iaááá! Chega carrega a gente em riba.... É! Ela não fazia mal, mas se fosse arremedar ela tu vai dever pra ela, e tu não dorme! Depois que ela inquisilha com a pessoa ela mata a pessoa. Ela assombra... É espírito! A gente dormia naqueles tapirizinho, amarrava a rede lá em cima!

4.2.7 Visagem na mata, contada por seu Manoel Francisco

Pois é, então de forma que uma viagem, eu trabalhava ali no centro do Curupuú⁹⁴, eu riscava seringueira com meu tio. Ele trabalhava na roça. Quando.... Eu via, matava, muito macaco, guariba essas coisas. Quando foi um tempo, um dia eu fui mariscar, que quando dei comigo, parecia uma trovoadá alí.

Um bocado de bicho que vinha andando por cima. E eu tinha seis cachorro que andavam comigo. Esses seis cachorro se arrodiam de mim assim, e eu fiquei lá no toco da seringueira assim, espiando, pra ver se era macaco, tudo perto de mim. Aí quando chegou lá, de forma que me arrepiou o cabelo, que aquilo passou lá. Eu quis ir pra frente e não consegui. Ah! Mas foi muito ruim aquilo, sabe? Foi visagem que eu vi no mato.

4.2.8 A visagem folharal, contada por seu Manoel Francisco

Outra vez, com o finado meu irmão, quando a gente trabalhava numa estrada aí pra cima do Pagão⁹⁵...Que quando foi um belo dia, a gente estava riscando seringueira, que quando nós demo fé, caiu tipo uma...Um pau de lá de cima, búú!

Aquilo muito pesado, e lá nesse lugar tinha morrido o irmão da minha mulher, afogado, pilepsia, num poçinho de água.

Tá...Que quando deu, nós viemos embora...Atravessemos o igarapé e corremos, e aquela zoada veio...Parece uma folharada, uma palha né? Atrás de nós. Te digo nada! Que quando chegemos no casco, pulemos no casco e comecemos a desafiar aquilo:

- Agora vem! Vem!

Lá de dentro do casco. Aí, que quando nós chegemos em casa, ardendo em febre.

⁹⁴ Afluente do rio Canaticu

⁹⁵ Afluente do rio Canaticu

Aí, tinha um benzedor aqui, não sei se o Nazo se lembra.... Que chamavam Maturi, né? Aí, o papai me levou lá, ele passou um remédio pra nós. Sei que era uma coisa que estava querendo judiar de nós. Quase assombra!

4.2.9 A visagem mulher, contada por seu Manoel Francisco

A minha mãe contava de novo outro caso.... Que teve um tio dela de novo, irmão do finado Fran.... Um que trabalhava com o Induíno.... Aí ele foi riscar seringueira.... Sim, dia do finado! Ele foi acender cera e começou a chatear dos mortos, né?

Aí, quando foi no outro dia, ele foi riscar seringueira... E quando foi lá no mato, ele viu um fantasma.... Aquela fantasma era bem pequena, que quando ele viu, ela foi cresceu e passou...Duma medida do pau...Ele ficou, paresque, muito espantado que ele voltou pra casa, que quando ele chegou...Doidinho!

São coisas aí que acontecia no passado, hoje a gente não vê mais. Graças a Deus!

4.2.10 Por aqui passou! Contada por seu Manoel Francisco

O meu tio riscava seringueira aqui.... Aí.... Que quando foi um dia ele.... Riscando seringueira...Ele não percebeu...E quando ele percebeu, ele ouviu aquela voz:

-Por aqui ele passou... por aqui ele passou!

Ele ficou doidinho! Ele era muito visagento...Gostava de ver visagem, não? Para ele tudo era visagem...De forma, que quando foi nesse belo dia ele foi...Ele tirava borracha e estavam rastejando:

-Por aqui ele passou... por aqui ele passou!

Ah! Rapaz, esse homem não tirou a borracha, ele veio no pinote pra casa dele! Ele gostava de contar casos que acontecia com ele.

4.2.11 O desaforo de um bêbado, contada por seu Manoel Francisco

A minha mãe contava, muito caso de pessoas que iam no cemitério acender cera.... Aonde teve um cara que...Era tio dela! Da minha mulher. Chegou lá no cemitério, já chegou meio porre:

-Olha fulano, taqui a cera filha da puta! Morresse mas não deixasse dinheiro pra mim comprar cera!

Mas isso foi verdade, isso! Aí tá...Quando chegou na ocasião, ele ficou muito porre lá dentro do cemitério e aí o que acontece? Ele dormiu lá! Um cemitério lá de São Bento, aqui de cima. Aí de forma que...Ele dormiu.

Que quando ele enxergou um bocado de gente, tudo mundo já tinha ido do cemitério, ele ficou dormindo. Aquele montueiro de gente. Aonde tinha uns que... Que falavam e ele escutava:

-Esse homem tá dormindo porre! Se eu desse conta eu ia ajudar ele botar o casco dele pra ele ir embora. Ah! Mas eu morri de.... De excursão! Não tenho condição nem de andar!

De forma que tinha uns que queria judiar dele. Os que morreram realmente de facada, de tiro, de mardade, né? Aí o caso daqueles um que morreram de mardade era fazer o mal pra ele.

Aí ele se acordou.... Olhou pro lado e pro outro e disse:

-Estou no cemitério!

Tava próximo da beira o casco dele. Ele só levantou e deu uma carreira e pulou lá no casco e foi bater n'água!

E eles falavam lá pro cemitério:

-Oh! O mar que eu te fiz! Porque se tu não fizesse, se tu não corresse tu ia morrer hoje, porque não se mexe com pessoas que tá no seu lugar!

4.2.12 O macaco gigante, contado por seu Garibalde

Teve um dia, que eu com meu irmão Leopoldo, fomos caçar alguma coisa, pois a gente não tinha nada pra comer. Nós fomos aí pras cabeceiras do igarapé. Chegando lá, meu irmão viu um lote de macaco e me disse:

-Te esconde aí!

E aí eu me escondi, né? Atrás de um pau grande. E ele disse:

-Eu vou deixar passar essa turma e vou matar o maior!

Aí passou, passou e quando eu vi vinha um macaco enorme! Só vi ele passar, puxar a rama dos pau né?

Que quando ele viu era um macaco do tamanho dele, do tamanho de um homem, ele ficou com medo! Aí que quando aquele macaco chegou nessa paragem que nós tava, então aquele bicho começou a farejar pra um lado, pro outro, e o meu irmão ficou bem escondido, mas também não atirou! E nós ficamos quietos ali!

Aí depois ele puxou a rama de outro pau grande e passou, foi embora, só passava em pau grande! Aquele bicho era igual um homem, do tamanho de um homem!

Se o meu irmão atira ele ia matar a gente, nós não sabia da força dele, né?

4.2.13 O pote de dinheiro, contada por seu Benedito

Aqui na Calheira, de vez em quando estavam dando um dinheiro aí! Mas quando amanhecia o dia, a pessoa que tinha sido avisada do dinheiro dizia:

-Olha! Bora tirar o dinheiro aí que vieram me dar essa noite!

Aqui fazia muita visagem, e quem enterra dinheiro, dizem que não se salva! Enquanto não der o dinheiro pra pessoa ir tirar...Ele não se salva! Só que quem for tirar o dinheiro, não pode ficar na propriedade, tem que ir embora.... Se não morre!

Então, vieram avisar pro Raimundo Vieira, de noite, que tinha um pote com dinheiro aqui atrás, na Calheira!

Vieram avisar ele, que tinha esse dinheiro aí, mas pra não contar nada a ninguém...Se contasse ele não ia achar! Era o que vinha acontecendo com uns quantos aí! Só que eles contavam antes, e quando chegavam lá era só um espinharal.

E contaram pra este Raimundo Vieira, eles moravam lá no fim, no sonho, que tinha esse dinheiro...Um pote com dinheiro! Aí ele indicou bem a data pra ele, pra ele não ter medo, que quando ele chegasse lá na paragem, ele ia...Ia....Ia ver alguma coisa, um medo, uma visagem, alguma coisa, mas pra ele não ter medo!

E aí ele foi.... Chegou lá, tinha um cascalho.... Aí atrás, perto do campo, é alto, bonito, era um cacual.

E aí.... Estava a marca! Chegou lá, ele viu aonde era...E começou a cavar.

E aí, ele via aquela zoada, uma mizura, mas ele não ligou, fez do jeito que ele falou. Aí agarrou, chegou no pote, não estava muito fundo, devia ter um metro e pouco.... Tirou o pote, não desse pote grandão, era um potezinho cheio! O pessoal contam!

E apareceu o buraco.... Então dizem que aqui, a Calheria, talvez tenha cal. É por isso que o nome dela é Calheira, e aonde ele tirou, ficou um buraco e ficou quantidade daquilo branco mesmo que dizia que era cal.

E tirou esse pote com dinheiro e se arrumou e foi embora. Por isso que ficou só aí...Foram pra Belém...Ele não podia mais ficar por aqui, se não ele ia morrer, que ele tinha tirado esse dinheiro!

Não viam o que era, só escutava a zoada, com isso muita gente tinha medo de vim para Calheira, por isso que não era habitado, tinham medo!

Aparecia muita coisa, e depois que tiraram o dinheiro parou mais aquela visagem. O pretinho sumiu, ele aparecia mais aí aonde tinha o dinheiro, ele corria atrás dele.

E aí foi passando aquilo, né.... Também era pouca gente, né? Para

visitar era só a remo, fizemos uma igreja aqui em 73, era lá em cima... Era uma casinha que a gente fazia celebração, a gente ia por terra.

O imaginário ribeirinho está a todo tempo imbricado com os seus lugares de infância e de trabalho. As narrativas de infância trazem a lembrança de alguém do passado, sempre de alguém mais velho. Nas narrativas de d. Benedita traz a lembrança de seus avós. Em uma delas nos mostra o ciúme de uma mãe pela filha, a qual a leva para o centro do mato, longe dos homens. A mata como resposta, engravida a filha por meio de animais peçonhentos e por não resguardar a própria filha, quando esta, se encontrava menstruada. A menstruação deixa a mulher vulnerável. Apesar da “bichuga” ser um animal pequeno, ela pode sugar o sangue de uma pessoa até matá-la, é o que parece que aconteceria aqui. Outras características da narrativa é o fogo como solução para um problema, a luz.

Na narrativa próxima, mostra os tempos de solidão dos seringais. Muitas vezes o seringueiro ficava meses sozinhos riscando as estradas de seringas mata adentro. Nos mostra a metamorfose de um macaco em uma mulher. A narrativa nos traz a ideia de que um homem precisa de uma figura feminina, para ficar na solidão, a macaca toma a forma e atitudes humanas, de mulher dona de casa.

A de seu Manoel, nos mostra duas pessoas, totalmente desorientadas na mata, possivelmente já estavam mundiadas por algo que os faziam caminhar em círculo e não saírem daquele lugar. A estrada que poderia lhes levar de volta para casa, tornou-se invisível aos seus olhos, ao passar das horas, a situação só piorava, pois já estava anoitecendo. Depois de muitas horas que foram encontrados por um parente, e se deram conta que estavam muito próximos da casa. Seu Manuel nos traz uma possível narrativa do curupira,

A narrativa de d. Benedita relata um fato que aconteceu em sua família, com uma parenta próxima. Ali na Calheira mesmo. A criança desaparece aos olhos dos adultos e por muitas horas fica desaparecida. Desesperada, sua mãe faz uma promessa na igrejinha da vila. Tempo depois, já à noite, seu irmão consegue ouvir sua voz e até que conseguem pegá-la, mas estava bastante assustada. Depois do susto, lhes conta que tinha uma menina de cabelo amarelo que tapava a sua boca para não falar nada, e mesmo assim, ninguém enxergava as duas.

Seu Reginaldo Sá nos relata sobre um fato que aconteceu no seu trabalho, quando estava retirando madeira em uma estrada que fica no final do rio. O próprio

narrador diz que pode se tratar do protetor da mata, pois admite que retira madeira da floresta há muito tempo, e que a mata poderia estar se revoltando contra a sua pessoa. O papel do protetor da floresta, é de afastar os que retiram mais do que precisam para sobreviver dela.

Na narrativa de seu Garibalde, décima quarta, temos a presença da Ianga. Wagley (1988) chama de Ahangá ou também de “inhambu”. Trata-se de uma ave que toma a forma de visagem. Acreditam os caçadores, mateiros, que ela rouba a alma. Com seu Garibalde não aconteceu, mas a história do que acontece quando ela marca alguém ele sabe.

Seu Manoel traz uma sequência de narrativas que estão cheias de visagens, mesuras que acontecem, ou com ele mesmo, ou com algum conhecido bem próximo seu. Todas suas narrativas acontecem dentro da mata fechada. Com exceção da décima dezenove que acontece em um cemitério. Suas narrativas são permeadas de mistérios e medos. Na narrativa décima quinta ele sente medo de algo que está acontecendo pelas árvores, seus seis cachorros presentem também algo estranho e tentam se proteger, ou proteger o dono, até que aquilo passa, deixando-lhe imóvel de medo.

Na décima sexta narrativa, seu Manuel nos apresenta seu irmão, onde juntos afrontam uma espécie de folharal, seu Francisco e o irmão chegam à casa já doentes, cheios de febre, e precisam ir até um benzedor.

Na décima sétima narrativa, fator que ocasiona a visagem, foi o desrespeito por parte do seringueiro, para com os mortos. Em resposta ao desaforo, lhe aparece um fantasma na forma feminina, que cresce de acordo com o tamanho de seu medo. O medo que lhe causara lhe deixa em estado de loucura, fora da realidade.

Na décima oitava, na mata sozinho, o seringueiro escuta a visagem falar, o que lhe causa medo e foge dali. A voz aqui é do tio de seu Francisco, o lugar também é a mata, dentro da mata ele ouve vozes, essa narrativa lembra Câmara Cascudo.

Na décima nona, nos traz a voz de sua mãe, onde conta a história de um parente seu que afronta os mortos no cemitério no dia deles. O sono lhe surpreende e acaba dormindo lá, onde os mortos bons querem lhe proteger, enquanto outros querem lhe fazer mal. Até que acorda e consegue sair daí.

Seu Garibalde, na vigésima narrativa, narra um fato onde envolve os macacos. Esses tomam a forma e o tamanho de um homem. Sua narrativa lembra a história contada por Benedito Monteiro (1997) onde traz o medo do caçador por esses animais, que são mesurentos. Aqui seu Sá nos conta sobre o pote de dinheiro que existia

enterrado nas terras da vila. Nessas narrativas, o sonho é muito importante, pois só por meio dele que tudo se resolve. Para concluir, trago algumas palavras de Wawzyniak (2012, p, 19) para ratificar a carga de simbolismo que a floresta carrega:

A floresta é um espaço constituído de muitos lugares e dotados de múltiplos significados, “morada” de muitas diferentes potências que afetam as condições de reprodução da natureza, dos indivíduos e da sociedade, pois interferem nas práticas cotidianas concernentes à saúde dos humanos, à relação destes entre si e com o meio ambiente.

4.3 Narrativas de fogo



Imagem 42: O fogo que não apaga

O fogo é outro elemento muito importante para a humanidade. O fogo é a luz que esquentam e acalantam a alma. Que nos tira da escuridão da treva. Que traz em seu estado natural paradoxos em seu próprio ser. Ele esquentam e também abrasam, queima o que estiver à sua frente. O fogo no meio de uma roda de pessoas instiga o contar, instiga a memória. Bachelard (2008) é sucinto, a seu modo, ao falar desse elemento que carrega concomitantemente a intimidade e a universalidade, “o fogo é ultrativo. O fogo é íntimo e universal. Vive em nosso coração. Vive no céu. Sobem das profundezas das substâncias e se oferece como um amor”. É um dos poucos elementos que traz em si dois valores contrários: “O bem e o mal” Bachelard (2008). O autor por muito tempo se debruçou sobre os mistérios do fogo, de suas escritas, chamou-me atenção, aquelas iniciais, esboços de um projeto que estava a escrever, achadas por sua filha, para o então livro “A poética do fogo que no momento em que escrevia intitulava-se “Fogo vivido”:

De uma chama contemplada fazer uma riqueza íntima, de uma lareira que aquece e ilumina fazer um fogo possuído, intimamente possuído, eis toda extensão do ser que uma psicologia do fogo vivido deveria estudar. Essa psicologia descreveria, caso pudesse encontrar coesão de imagens, uma interiorização das potências de um cosmos; tomaríamos consciência de que somos fogo vivo aso aceitássemos viver as imagens de prodigiosa variedade que nos oferecem o fogo, os fogos, as chamas e os braseiros. [...] Em nós o ser sobe e desce, o ser se ilumina ou se ensombrece, sem jamais repousar num 'estado', sempre vivo na variação de sua tensão. O fogo jamais é imóvel. Ele vive quando dorme. O fogo vivido está sempre impregnado pelo signo do ser tenso. As imagens do fogo são, para o homem que sonha para o homem que pensa, uma escola de intensidade. (BACHELARD, 1990, p, 08).

Esse elemento por muitos povos e religiões é, considerado sagrado, purificador, renovador. Sem pretensão de analisar de forma tão intensa esse elemento como o fizeram vários escritores. Aqui nas narrativas cartografadas, o fogo é sinal de mistérios e incógnitas, pois não se sabe o motivo de seu aparecimento. Os narradores associam o seu aparecimento com morte por afogamento.

4.3.1 O fogo que não queimava, contada por seu Manoel da Lúcia

Essa história que eu sei aconteceu de verdade com meu finado avô, pai do meu pai.

O meu pai, era cabo eleitoral do Bordallo, nós era tudo garotinho. E aí eles chegaram pra buscar meu pai pra irem lá pro centro, era tempo de política. Então nós pedimo pro papai levar a gente e fomo, eu e meu irmão, minha mãe já era morta, e embarcamos. E ficou meu avô aqui, sozinho. Isso era outra casa, mas isso aqui era terra firme.... Essa casa era tudo em cima da terra, o meu pai mandou abrir para fazer essa casa, aí tinha uma seringueira enorme assim na boca do igarapé que a gente encostava lá, o porto era lá, tinha pupunheira, laranjeira em tudo essa parte aqui.

E meu avô ficou aqui. E deu umas hora ele foi dormir. E quando deu uma meia noite mais ou menos, bateram na rede dele:

-Antônio, Antônio! Aí ele se acordou, ficou espantado, e disse:

-O que é?

-Olha! Sai da casa pra fora porque vai pegar fogo isso aqui tudinho! E ele disse:

-Mas como já?

Ele agarrou se levantou e quando viu a claridade praí pra frente, e ele saiu, passando a mão no olho, se acordou, tava dormindo.

Rapá! Que quando ele sai lá pra beira do igarapé, olhar de lá...E aí disque o fogo crescia!

-Queimou tudo! Ele disse.

-É verdade! Vai queimar todas coisa! Quando meus filho chegar de lá e não vão encontrar mais nada, nem a casa!

Rapaz, aí ele ficou triste também. Aí aquele fogo calmou, foi diminuindo, diminuindo e parou tudo. Ele disse:

-É... Deixa eu lá vê as cinza!

Chegou lá a casa tava inteira...Aí ele ficou preocupado, né?

-Bom! Mas se ardeu, me chamaro, que a casa tava até pegando fogo!

E ele saiu, ardeu todinho e quando vê a casa tava inteirinha!

Aí quando chegamo, era umas meio dia mais ou menos, ele tava pensativo, e foi contar pro meu pai.

-Você não tava sonhando, papai? Ele disse:

-Olha, rapaz! Eu já tô com 75 anos, não tenho a precisão de tá mentindo! Se me chamaro! Batero na minha rede e eu olhei e vi a claridade aí pra frente! E aí eu saí e ardeu tudinho e quando acaba a casa tava inteira! Sei lá!

4.3.A bola de fogo, contada por seu Benedito

Uma vez o Pedro Lopes vinha baixando que vinha da Ponta alegre⁹⁶, era umas sete horas da noite, ele ouvia zoada pra beirada, lá no fim...Ele olhou de lá paresque que vinham revirando um tambor, aquela zoada feia.e.um clarão! Um fogo grande...Que vinha de terra pra beira, pra fora!Ele ficou com medo de o fogo vim até no casco com ele, ele não sabia o que era, ele ficou com medo de pular n'água...E aí ele veio embora!

4.3.3 O fogo da ponta do aturiá, contada por d. Benedita

Ali aonde é a casa da Francisca, era uma ponta feia de aturiá⁹⁷, ia embora pra fora do rio, era um aturizal enorme, só se chamava ponta grande.

E aí, quando era de noite ele saia, aquele fogo de lá. Quando o meu pai vinha daí de cima a remo, que ele via dava aquela tocha grande, aquele fogo parece que ia jogar dentro do casco!

De lá dessa ponta, saia de lá, saia uma tocha de fogo!

E aí ele ia, e quando ele vinha ele já saia por fora pra ir embora, e a tocha grande tava lá no meio. Era toda noite essa tocha de fogo tava aí!

-Eras rapá! A tocha de fogo tá muito forte aqui!

⁹⁶ Vila vizinha

⁹⁷ Vegetação de beira de rio, cheia de espinhos, difícil de entrar onde ela está. As folhas servem de alimento para as aves ciganas.

Não sei o que era aquilo menina.... Eu não vi! Ele via e outras e outras pessoas viram!

Na narrativa acima, temos o elemento fogo, por muitos, conhecido por fogo fato, a voz é do avô de seu Manuel. Muitos dizem ser a alma de pessoas que morreram afogadas que ficam sem rumo, vagando pelo rio.

Como podemos perceber, a Calheira é um lugar cheio de narrativas que demonstram a relação do morador do local, do ribeirinho com o espaço no qual está inserido, isso faz com que suas narrativas surjam de suas vozes naturalmente, pois estão próximas de onde tudo aconteceu, “na ponta do aturiá”, “na tapera do igarapé”, “apareceu lá no meio rio”, “aqui antes quando não tinha ponte”, “aqui atrás de casa”, “no campo onde tinha cal”, nos mostrando a importância da ligação entre os sujeito e espaço. Dessa forma Wawzyniak (2012, p, 19) diz que “os diferentes espaços são apreendidos como domínio dos encantados, ou ‘bichos’, que mediam a relação do homem com o meio, interferindo, então, nessa relação”

Na preamar, cessam as palavras

Na natureza, há um momento do dia em que as águas de alguns rios precisam parar, na reponta⁹⁸ e na preamar⁹⁹, é o momento da calma, onde as água se reúnem, cochicham e, no seu tempo, voltam ao que sempre se propuseram a fazer: carregar vidas, carregar corpos, memórias e histórias. Preciso que a maré baixe assim eu posso parar por um tempo. Mas não me reconheço mais, as palavras não secam. Durante todo o percurso desse trabalho, tanto nas idas a campo quanto nas vindas para a academia, os meus pensamentos me eram raptados e reportados aos narradores. Esse trabalho não é mais tecido pela pessoa que o começou. Não sou a mesma desde quando as narrativas adentraram meu corpo, desde quando conheci “meus velinhos”. Com pronome possessivo mesmo. As transformações são visíveis e sentidas. Como já disse em algum lugar daqui, sentia meu rosto enrugado a cada história ouvida pelo meu coração e vivida pelos meus pensamentos. Posso estar romantizando, sim, mas o que fazer? A narrativa assim me transforma.

No decorrer da pesquisa, navegando pelo baixo, médio e alto Canaticu, conheci 23 pessoas, queridos narradores que se dispuseram simplesmente a contar. Mas pelo recorte, que tive que fazer, o trabalho ficou, com seis narradores do baixo Canaticu. Gostaria de falar das dificuldades enfrentadas, dos obstáculos que por muitas vezes me fizeram pensar em desistir, por me sentir muito só nesta árdua caminhada. Mas agora é com dor no coração que tomo outro desfecho.

Pedirei licença para falar de uma narradora que não participou aqui deste *corpus*, mas foi muito importante no processo. Dias atrás recebi a notícia de que d. Maria havia falecido. Ela se foi e nem tive oportunidade de voltar a tempo de cumprir minha promessa do retorno. Tenho no coração um sentimento de arrependimento de não a ter colocado no trabalho, de ter feito o recorte que não contemplava as suas narrativas, e ter deixado esse trabalho sem suas ariscas palavras. Sua fama era de mulher braba, o seu tratamento era ríspido, mas consegui conquistar d. Maria e descobri o porquê de sua amargura. A vida lhe fizera amarga.

Recordo das palavras de Renilda Bastos, ao ministrar as a disciplina Poéticas Oraís, quando falava de suas perdas nos seus trabalhos com os velhos. Não imaginava que seria difícil, pois ainda não tinha entrado no mundo alheio. Percebi que não podia

⁹⁸ No momento em que a água para de baixar e ficar parada.

⁹⁹ No momento em que a água para de subir e também fica para por alguns instantes

mais voltar atrás, ao decidir ir por essas veredas. A dor é estranha. A narrativa, o conto, as histórias, literalmente tem a função de curar, como fala Benjamin, mas percebo agora que também é cruel, pois nos faz viver a vida do outro na hora da escuta. Peço licença para mais uma vez utilizar meus relatos de campo. Aqui estão as minhas anotações do meu encontro com d. Maria. O encontro era com seu Duquinha, mas acabei saindo com mais histórias do que pretendia.

D. Maria era esposa de seu Duquinha, mãe dos seus 07 filhos, era ela quem cuidava deles e de sua casa, quando ele saía para suas viagens de lutas. Desde o primeiro contato visual d. Maria me chamou atenção, muito diferente de todos que até aquele momento tinha conhecido, fez questão de mostrar que eu não era bem vinda ali, mas aos poucos fui conquistando seu olhar até que, finalmente, consegui que ela me dirigisse a palavra e então comecei a indagar algumas coisas. Uma mulher muito arredia, de pouquíssimas palavras, de pouco contato corporal, mas de muito trabalho. Seu corpo franzino lembrou minha avó, do quanto ela sofreu na vida, e pensei o quanto essa também tivera sofrido. No decorrer da nossa rápida conversa, deu para perceber o tamanho do seu sofrimento. Muito trabalho, desde a infância, com seu pai, e sua mãe nas roças, nas seringueiras da vida. Os seus pés descalços hoje, me mostram o que eram no passado, seu rosto de revolta me mostra como a vida deve ter sido difícil para com ela, e sua voz e suas memórias trazidas à tona me confirmam isso, percebo que sua revolta não era comigo, seus gestos frios e bruscos não são à toa, representam a sua trajetória, com suas estradas riscadas, com suas roças plantadas e arrancadas, percebo que faltou para d. Maria era alguém que a escutasse, escutasse suas dores, suas histórias, a todo tempo as pessoas ouvem os outros ao seu lado, não que ninguém tivesse feito isso antes, mas naquele momento era diferente. Ouvir. É o que Benjamin (1993) traz como ponto preocupante:

O tédio é o pássaro de sonho que choca os ovos da experiência. O menor sussurro nas folhagens o assusta. Seus ninhos – as atividades intimamente associadas ao tédio – já se extinguíram na cidade e estão em vias de extinção no campo. Com isso, desaparece o dom de ouvir, e desaparece a comunidade dos ouvintes. Contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo, e ela se perde porque ninguém mais fia ou tece enquanto ouve a história

É o que está faltando nesse mundo que cresce em um ritmo desacelerado. Temos que voltar a ouvir para reaprender a viver o verdadeiro tempo. O tempo de tudo, e o tempo para tudo. O tempo da piracema, o tempo da desova do camarão, o tempo de

debulhar, o tempo da roça. O tempo da enchente. O tempo da vazante. O tempo da preamar. O tempo da reponta. O tempo do conto e o tempo da escuta.

Agradeço ao tempo de d. Maria.

E parece-me que o tempo de saber parar é este.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ADAMS, Cristina, Ed.; MURRIETA, Rui, Ed.; NEVES, Walter, Ed. **Sociedades caboclas amazônicas: modernidade e invisibilidade**. – São Paulo: Annablume,2006.

ALBERT. Verena. **Manual de História Oral**. – 3ª ed. – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

ALMEIDA. Mauro W. Barbosa de. **Caipora e outros conflitos ontológicos**. Revista de Antropologia da UFSCar, v.5,n.1,jan-jun, p. 7-28,2013.

BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria**. Trad Antonio e Pádua Danesi. –2ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes,2013.

_____, Gaston. **A formação do espírito científico: contribuição para uma psicanálise do conhecimento** Trad. Estela dos Santos Abreu. – Rio de Janeiro: contraponto, 1996.

_____, Gaston. **A psicanálise do fogo**. Trad. Paulo neves. – 3 ed, São Paulo: Martins Fontes, selo Martins. 2008.

_____, Gaston. **Fragmentos de uma poética do fogo**. Trad. Norma Telles. Ed. Brasiliense. Primeira edição,1990

_____, Gaston. **A terra e o devaneio do repouso: ensaio sobre as imagens da intimidade**. Trad. Paulo Neves. – 2ª ed, – São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARROS, Myriam Moraes Lins de. **Memória e Uso do Espaço Urbano por Velhos na Cidade do Rio de Janeiro**. Relatório de pesquisa/CNPQ,1996.

BASSALO, Terezinha de Fátima Ribeiro. SILVEIRA, Flávio Leonel Abreu. **Corpos em equilíbrio: imagens e cotidiano ribeirinho no porto do açaí e na ilha do Maracujá, Belém (PA)**. Imagens. V.19,n3,jul-set.2012,p.1049-1073.

BAUZÁ, Hugo Francisco. **Em torno a l'imaginaire**: Entrevista al Filósofo del Imaginaire Jean – Jacques Wunenburqer. Anos 90, Porto Alegre, v.14, n. 26, p. 217-224, dez. 2007.

BENCHIMOL, Samuel. **Amazônia: Formação Social e Cultural**. 3ª Ed. – Manaus: Editora Valer, 2009.

BENJAMIN, Walter. **O narrador. Considerações sobre a obra de Nicolai Lescov**. In Obras escolhidas. 6ª ed. Vol I, São Paulo: Brasiliense,1993.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: Lembranças dos velhos**. –3.ed –.São Paulo : Companhia das Letras,1994.

- BRANDÃO, Carlos de Rodrigues. **Reflexões de como fazer trabalho de campo.** Sociedade e Cultura, V. 10, N. 1, jan/jun, p. 11-27.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **O trabalho do antropólogo.** Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Editora Unesp, 2006.
- CARVALHO, Mark A. **De doente a "encantado" o conceito de mecanismo de defesa constituído culturalmente e a experiência de uma vítima de "espírito mau" em uma comunidade rural na Amazônia.** In: ALVES, P. C., and MINAYO, M. C. S. (orgs). *Saúde e doença: um olhar antropológico* [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1994, pp. 157-177. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.
- CHAUÍ, Marilena. **Convite a Filosofia.** Editora Ática, São Paulo, 1996
- COHN, Clarice. **Antropologia da criança.** 2ª ed. ZAHAR.
- DESCOLA, Philippe. **Estrutura ou sentimento: a relação com o animal na Amazônia.** MANA 4(1):23-45, 1998.
- DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário. introdução à arquetipologia geral.** Trad. Hélder Godinho. – 4ª ed. – São Paulo: Editora: WMF Martins Fontes, 2012.
- ECKERT, Cornélia. ROCHA, Ana Luíza Carvalho. **Etnografia: Saberes e práticas.** IN: Ciências Humanas: pesquisa e método. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2008.
- _____. **Os jogos da memória.** Florianópolis, n 1, dezembro de 2000, p, 71-84
- FARES, Josebel Akel. **Poéticas orais, uma caminho para a educação do sensível.**
- _____. **Poéticas marajoaras: cartas, emblemas, ícones 2008**
- FAUSTO, Carlos. **Donos demais: maestria e domínio na Amazônia.** MANA 14(2): 329-366, 2008.
- FERNANDES, José Guilherme dos Santos. **Do oral ao escrito.** Outros Tempos, vol.02,p.156-156.
- GEERTZ, Clifford. **O saber local: novos ensaios em antropologia.** Trad. Vera Mello Joscelyne. – Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- GALLO, Giovanni. **Marajó: a ditadura da água.** Belém, Edições “O Nosso Museu”. Santa Cruz do Arari Pará 1981 – 2ª Edição.
- GALVÃO, Eduardo. **Santos e Visagens: um estudo da vida religiosa de Itá.** Série 5ª. BRASILIANA. Vol. 284. Companhia Editora Nacional- São Paulo. 1955.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** Trad. Laís Teles Benoir. – São Paulo: Centauro, 2004.

HENRIQUE, Márcio Couto. **Folclore e medicina popular na Amazônia. História, Ciências, Saúde** – Manguinhos, 4(16): 981-998, 2009.

LIMA, Deborah de Magalhães. **A construção histórica do termo caboclo: Sobre estruturas e representações sociais no meio rural amazônico.** Novos Cadernos NAEA vol. 2, nº 2 – dezembro 1999.

LOUREIRO. João de Jesus de Paes. **Cultura amazônica: uma poética do imaginário.** – Belém: Cejup, 1995

KAUFMANN. Jean-Claude. **A entrevista compreensiva: um guia para pesquisa de campo.** Trad. Thiago de Abreu e Lima Florencio. Revisão. Bruno César Cavalcanti.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Mito e Significado.** Viseu: Edições 70, 1987.

MAFFESOLI, Michel. **O imaginário é uma realidade.** Revista FAMECOS. Porto Alegre. Nº 15. Agosto de 2001 quadrimestral.

MAUÉS, Raymundo Heraldo. **Medicinas populares e "pajelança cabocla" na Amazônia.** In: ALVES, P. C. and MINAYO, M. C. S. (orgs). *Saúde e doença: um olhar antropológico* [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1994, pp. 73-81. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

_____ **O Perspectivismo indígena é somente indígena? Cosmologia, religião, medicina e populações rurais na Amazônia.** *Mediações*, 1(17): 33-61, 2012.

MIRANDA NETO, Manoel José de. **Marajó: desafio da Amazônia. – aspectos da reação e modelos exógenos de desenvolvimento.** Belém: EDUFPA, 2005.

MOTA-MAUÉS, M Angélica. VILLACORTA. Gisela Macambira. XXIV Encontro Anual da ANPOCS, Belém.

PACHECO. Agenor Sarraf. **A CONQUISTA DO OCIDENTE MARAJOARA: Índios, portugueses e religiosos em reinvenções históricas.** IN: MUITO ALÉM DOS CAMPOS: Arqueologia e história na Amazônia Marajoara. 1 Ed. GKNORONHA Belém-Pará, 2010

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. (orgs.) **Pistas do método da cartografia: pesquisa, intervenção e subjetividade.** – Porto Alegre Sulina, 2012.

PATACA, Ermelinda Moutinho. **A ilha do Marajó na viagem philosophica (1783-1792) de Alexandre Rodrigues Ferreira.** Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi, sér. Ciências Humanas, Belém, v. 1, n. 1. P. 149-169, jan-abr. 2005

- PIZARRO, Ana. **Amazônia: as vozes do rio: imaginário e modernização**. Trad. Rômulo Monte Alto. – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.
- ROCHA PITTA, Danielle Perin. **Iniciação da teoria do imaginário de Gilbert Durand**. Rio de Janeiro: Atlântica Editora 2005
- SIMMEL, Georg. **O estrangeiro**. IN Sociologia. Evaristo de Moraes Filho. (org.). Trad. De Carlos Alberto Pavanelli...te al.J. – São Paulo: Ática, 1983.
- TEIXEIRA, Raquel Dias. **Todo lugar tem uma mãe: Sobre os filhos de Erepecuru**. Revista ANTHROPOLÓGICAS, 17(2): 117-146, 2006.
- THOMPSON, Paul. A entrevista. IN. **A voz do passado: história oral**. Tadução de Lollo Lourenço de Oliveira. RJ. Paz e Terra. 1992.
- TURCHI, Maria Zaira. **Literatura e Antropologia do Imaginário**. Brasília- Editora Universidade de Brasília, 2003
- VELÔSO, Thelma Maria Grisi. **Pesquisando Fontes Oraís em busca da subjetividade**. IN. Oralidade e subjetividade: Os meandros infinitos da memória – Campina Grande: EDUEP, 2005.
- VERÍSSIMO, José. **Cenas da vida Amazônica**. 4ª Edição. EDUEPA Belém-pará, 2013.
- _____ **As populações indígenas e mestiças da Amazonia**. Revista Trimensal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, Tomo L, Parte Primeira, Rio de Janeiro: Typographia, Lithographia e Encadernação a vapor de Laemmert & C. 1887, p. 295-390. http://biblio.etnolinguistica.org/verissimo_1887_populacoes.
- VILANOVA, Mercedes. **A história presente e a história oral. Relações, balanço e perspectivas**. Páginas de História. Vol. II. – nº 2. 1998.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **Imagens da natureza e da sociedade; Perspectivismo e multinaturalismo na América indígena**. In: VIVEIROS DE CASTRO, E. A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia. São Paulo: COSAC & NAIFY, 2002, pp. 317-400.
- WAGLEY, Charles. **Uma comunidade amazônica: um estudo do homem nos trópicos**. Trad. Clotilde da Silva Costa. – 3 ed. – Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.
- WAWZYNIAK, João V. **Humanos e não-Humanos no universo transformacional dos ribeirinhos do rio Tapajós – Pará**. Mediações, 1(17): 17-32, 2012.
- _____. **Engerar: uma categoria cosmológica sobre pessoa, saúde e corpo**. ILHA, 2(5):33-55, 2003.

WUNENBURGER, Jean- Jacques. **Definição e história**. IN: O imaginário. Trad. Maria Stela Gonçalves. Edições Loyola (falta ano e local)

ZUMTHOR, Paul. **Tradição e Esquecimento**. Editora Hucitec. São Paulo,1997.

_____,**Introdução à Poesia Oral**. trad. de Jerusa Pires Ferreira, Maria Lúcia Diniz Pochat, Maria Inês de Almeida- Belo Horizonte- UGMG.2010.

ANEXOS

Como já foi dito no decorrer do trabalho que se fez necessário um recorte para se falar dos narradores e suas narrativas. Foi utilizado um *corpus* de seis narradores, entretanto, os narradores que colaboraram ao longo foram num total de vinte. Alguns com grande intensidade, outros nem tanto, mas todos se predispuseram a contar suas memórias, conforme colocados a seguir.



Antônio Rodrigues Nogueira, 77 anos e 11filhos. Seu Antônio Pio, como é conhecido, nos conta que quando estava com oito anos ainda se lembra da movimentação da segunda guerra mundial, com os movimentos dos aviões, das notícias em rádios, comentários, conta que não gostava de brincar de bola, mas que faziam bola de miriti, de fibra e jogavam um pouco, até que um dia partiu seu pé em um jogo fazendo nunca mais jogar. Na nossa conversa ele diz que não acredita nessas

histórias de boto, cobra, que ele não lembra das histórias contadas pela mãe, ou avó, mas que ele gostava muito de ler folheto, tinha um senhor, “o sabe tudo”, que vendia muitos livros,

Ele comprava muito, era mais ou menos em 60, cancam de fogo, malazarte, os sábios, e eu me apegava mais nisso. Mas pra lhe dizer a verdade eu comecei a trabalhar com meu pai desde a idade de oito anos, meu cortava seringueira e saia pra esperar ele. Eu ia com ele pro mato, quando ele não me levava eu ficava chorando, aí as vezes eu rastejava ele pra ir atrás dele e aí ele me esperava, pra lhe dizer a verdade eu só larguei meu pai a hora que ele entrou pra dentro da catatumba! Eu sempre fiquei do lado do meu pai, depois que eu casei, morei no lado do meu pai, então eu me sinto feliz, porque hoje, até então, meus filhos não me abandonaram. Eu sofri com meu pai, ele bebia cachaça e quando ele vinha do comércio de tarde ele vinha com a cachaça dele, ele cansou dele vim só ele e eu sair pra procurar ele de noite nesse rio, com medo pra não cair n'água pra não morrer afogado, eu ia procurar ele até achar.

Eu ficava com ele, mas graças a Deus ele me deu um pouco de criação do que ele sabia e eu não sou educado, um tanto educado, a minha leitura é pouca. Eu não terminei nem o primeiro ano do primeiro grau. Estudei bem

pouco, mas pelo menos, uma coisa eu sei...respeitar os outros...viu? Procurar tratar bem de todo mundo e... O homem não é o que ele vale pela boniteza, o homem vale pelo caráter que ele tem, viu? Saber tratar os outros, respeitar em primeiro lugar, eu respeito, se você tem respeito você tem tudo, se você chega na minha casa, é de pobre, mas eu vou dividir com a senhora o que eu tiver...

Meu bisavô era uma grande comerciante das cabeceira do canaticu lá no recreio, tinha um cemitério, ele era português legítimo, eram três, era o capitão Nogueira, Bordalo em curralinho e o Fonseca aqui, também...O velho nogueira trouxe um rapaz e se casou com uma filha do velho nogueira, minha bisavó, eu que represento os herdeiros tudo do meu pai, eu nunca vendi um palmo da terra que meu pai deixou, não. Pra onde eu vou eu levo a pasta com meus documentos todinho. (risadas) tive três filhos com o a primeira mulher, e mais nove com a segunda. Então esse negócio de brincadeira era muito pouco...

Eu saia pra lanternar, e ela ficava sozinha e nunca viu, essas mungagas. A ianga tem, a única coisa que eu vi, também na minha vida, lavrando dormente¹⁰⁰, foi lavrando um dormente com um compadre meu de dia. Quando foi umas duas horas da tarde eu fui embora pra casa, quando foi a boca da noite, ele disse:

- Compadre vamo embora dá uma lanternada...

-Bora!

E nós fomo. No que passemos tinha uma entrada assim num igarapé que nós lavremo, na cabeceira dele. Tavam batendo no dormente...batendo, batendo mesmo que aquilo zoava longe na cabeça do dormente, porque a gente tinha um costume, lavrar o dormente acabava né, aquele que acabava primeiro batia na testa do dormente, atorava e batia, pan, pan, pan...dava sinal pro outro né, e essa muganga eu v, e ele disse pra mim:

-Compadre, isso é a ianga, a ianga nossa que nós batemo. Parece que era uma gente, e não era gente, mas ele disse que não era visage, era ianga. Mas eu tenho medo, até porque eu fui uma pessoa, eu sempre fui pro mato com meu pai, eu dificilmente eu vou só, eles não deixam, lá em casa eu reclamo eu tenho um filho, o caçula, que eu fico pensando nele, ele vai pras cabeceira do Ipanema, só ele lanternar, mas rapá eu fico agoniado com ele!

- Meu filho, não abusa! O mato tem mãe. Tudo tem mãe, isso é um abuso que tu faz, tu andar só tu, convida um parceiro pra ir contigo aí pra baixo, de repente um cobra te morde!

Outra coisa que existe, mas não sei o que era, é.o fogo do mar! É histórico isso, contam que é fogo do mar,„ele corre atrás da gente no rio. Eu fui buscar uma jangada uma vez, eu já tinha serraria, eu fui buscar uma

jangada acima da Ponta Alegre que eu deixei, e aí quando deu umas meia noite mais ou menos, eu fui pra lá com o menino, um filho meu, fomo a motor, um sete oito do João, aí eu amarrei a jangada e vinha baixando, quando chegamo aqui abaixo da Ponta Alegre, devia ser uma hora da madrugada mais ou menos, a água tava Vazando, eu vi sair lá acima da ponta alegre na ilha aonde morava o Valdemar Arruda, lá acima, saiu uma luz, aquela luz vinha assim ó...(cresce) parece que ela vinha só fogo, viu? Aí veio, veio, veio, veio, veio a luz e aí eu vi e fiquei com medo .É bom, aí eu disse:

-Dinho, tem um negócio de uma luz ali, não é o fogo do mar isso?

-Eu acho que é, papai!

Aí veio, veio e vinha perto de nós, no nosso rumo, não? Aí eu desmanchei o cabo da pôpa do barco e encostei, nós ia perto da beira, na casa de um rapaz que nós conhecia:

- Eu vou dizer pra ele me arranjar um cigarro com ele aí, contar pra ele dessa arrumação! Aí nós encostemos pra lá e aí gritei ele veio, eu falei pra ele me arranjar um cigarro:

- Tá, seu sumano!

Aí eu saí assim pra cima do miritizeiro dele, conversamo um bocado e eu prestando atenção, e aquela luz, foi, foi, foi, foi e aí ela entrou pra dentro do Pagão. Aquela luz entrou pra dentro do pagão, quando ela entrou pra dentro do pagão eu falei:

-Bem, Duca nós já vamos! E aí acendi o cigarro, pulei dentro do barco, peguemo a jangada e amarremo, e quando nós chegamos na boca do Ipanema, pra entrar, a luz já vinha saindo da boca do pagão e correu nessa beira aqui da Calheira então nessa vez que eu vi esse fogo do mar, e eu amarrei a jangada e pra casa!



D. Marciana Moraes Pacheco é natural de Muaná, teve 07 filho. Ela estava a minha espera, ficamos meio tímidas e pouco a pouco começamos a conversar. Conta que na época do Bordallo eles aumentavam a idade das pessoas para se aposentar, mas que ela não sabe a sua verdadeira idade nasceu em Muaná, e veio para o Rio Canaticú, furo Santa Maria na década de setenta, com seu marido e filhos, teve oito filhos, tem sete vivos. Hoje, mora com um neto, o qual cria desde seus dois meses de vida, a mulher e sua filha de oito meses, a neta é a alegria de

d. Marciana. A mulher de seu filho, ajuda nas tarefas de casa, com a roupa, a comida...
D. Marciana cuida dos animais, cria galinhas, porco, pato. Cuida das plantas.

Nunca fui na escola, meu pai não se incomodava disto, se incomodava de ensinar nós trabalhar...trabalhar nós trabalhava muito, esse negócio de roçado, seringueira e...ajudar ele pra fazer farinha...moer cana, tudo isso nós fazia, desde idade de doze anos, nós fomo dona de seringueira...Risca...estrada...nós ia pra estrada, levava o paneiro, puiçá¹⁰¹, quando a água dava assim...nós chegava no porto da estrada, dava pra pegar o camarão, nós ia pegava o camarão e...deixava nós ia riscar, começo da estrada era por aqui e o final vinha por aqui, ai uma ia por aqui e outra por aqui ia se encontrar lá no fim da estrada, aí terminava e vinha embora pra beira, apanhava o açai, já trazia o açai pra casa, o almoço já estava pronto, a mamãe fazia aí nós chegava almoçava tomava nosso banho.

Quando era três horas da tarde nós ia pro roçado com o papai, e aí nós trabalhava o resto do dia no roçado com ele, e quando não era fazer farinha em casa...era moer cana, quando chegava o inverno, nós ia juntar fruta, a semana toda pra ele, nós tinha um casco e depositava lá tudinho, quando era dia de sábado nós ia juntar pra nós, ela mandava separar pra nós, a semana toda era pra ele e sábado era pra nós, aí ele mesmo ia vender e quando chegava ele repartia aquele dinheiro, e nós guardava separado, e quando chegava final do mês ele ia nos levar pra fazer nossas compra, roupa, sandália, sombrinha, essas coisas tudo pra nós, e era assim, papai não comprava roupa pra nós não, era nós mesmo que comprava, mas nós trabalhava a semana toda pra ele, nós era o homem que trabalhava com ele, nós era dez, mas os outros era tudozinho, nós era o braço dele.

Pois é, nunca nós botemos pé em porta de escola, nossa brincadeira era aquele momento zinho né?Ninguém tinha tempo de brincar, naquele tempo não era tempo de dizer que eu vou botar meu filho na escola pra aprender, mas quando...A senhora pensa que a gente ia em festa assim, sozinha? Nós ia com a minha vó, ele não levava...nós ia em festa de tempo, quando acabava a missa entrava na casa, podia ter a maior festa que não saia mais...ele era perigoso, mas como eu digo, ainda foi pouco que a gente aprendeu. Como negócio de trabalho, de respeitar os outros né, a gente tinha o maior respeito com os velhos, um velho assim, um idoso, nós tinha que tomar bença dele porque se não tomasse bença dele quando saísse de lá de casa, ou chegasse em casa, nós ia apanhar...nós apanhava...

Só porque não tomou bença daquele idoso...por isso que eu digo, hoje em dia

A gente fazia roçado, aquelas lenha bonita pra navio, ele derrubava, aparava e a gente ia carregar pra beira do igarapé pra ele, eu fiquei com meus pais até o dia que eu casei, conheci ele numa festa, e aí nós se juntamos, ele foi pedir pro meu e aí eu fui.

Eu vim pra cá, porque a minha cunhada era mulher do Fonseca, era mulher dele, aí o meu cunhado morava aí no trapichinho e Deus o livre ele por causa da gente, aí ele nos chamou praí, deu serviço pra pra gente aí, vivemos um bocado de tempo lá, depois ele foi pra Bagre e nós viemos embora pra cá, pro santa Maria, até hoje eu tô aqui, eu não quero mais sair daqui porque eu tô tão acostumada aqui.

Aprendi a tecer paneiro com a mamãe em casa, ela tirava a jacitara¹⁰², quando ela não tinha o que fazer em casa ela limpava aquela quantidade de tala, quando era a boca da noite nós ia tecer os fundo da paneiro pra ela que ela não sabia tecer os fundo e nós tecia e amontoava tudinho, no outro dia ela ficava de novo, quando ela não tava ocupada ela tecia. Eu já fiz muito, muito mesmo, vendia pro seu Lima, quando eu era mais nova eu fazia aquela quantidade, eu digo pros meninos:

- Eu? O pai deles saia praí pra trabalhar pro jacundá com o tio dele, eu ficava lá em casa com o Janaca e a mãe desse, eu tinha minha seringueira eu cortava, eu tirava tacitara, tecia paneiro, tapava baixa em tempo de camarão, lanciava de rede, nós ia pra beira eu e o Janaca eu ensinava, ele, quando não a gente carregava azeite, quando ele chegava eu tinha meu dinheiro eu tinha minha despesa em casa, nunca ele veio, chegou de viagem e pagar minha conta, não! Eu tinha meu dinheiro guardado, eu me virava!

- Ah! Hoje eu não vou pegar camarão!

Antigamente a gente fazia camboa¹⁰³ na beira da praia, sim tinha pari assim do tamanho de uma braça, de manhã o peixe tava branquejando lá dentro. Hoje em dia, já não usam mais isso. Eu tinha meus pari de camboa, depois que nós viemos pra cá eu parei, lá era a praia...

O boto eu tenho medo dele assim....De noite! De dia não, eu de primeiro eu fazia aqui eu agarrava uma cuia com água benta ou com água mesmo, agarrava uns dente de alho misgalhava tudo e jogava tudo ao redor da casa, por isso que eu não tenho medo dele, porque ele tem medo do alho. A cobra porque o pessoal diz que boia por aí, mas eu nunca vi, mas tem!

¹⁰²

¹⁰³ o camboa é igual o pari, mas menor, deixava só uma boca, e de manha ia ver.



Dulcinéia Tavares de Oliveira tem 72 anos, natural de S.S. da Boa Vista, foi doada a uma família quando pequena. É dona de casa e mariscadora.

Vivaldo Oliveira, 77 anos Trabalhou tirando madeira no passado. É pescador, roceiro, juntos já “rodaram” quase todo o município de Curralinho, estão no Rio Canaticu há nove anos e tiveram oito

filhos, trinta netos e catorze bisnetos. Ao falar sobre o seu casamento com d. Dulcinéia, seu Vivaldo faz uma metáfora com a correnteza das águas.

"Foi uma correnteza que deu lá pras banda do urucuzal. A sorte é uma desgraça, a sorte ninguém tira, nós se agradamos um no outro e tamo até hoje"

Nós não tinha ganho, né? Olha não era fácil, eu era muito trabucador¹⁰⁴ de vida pra mariscar, colocava malhadeira, olha que..Nós não comia aruanã, e nós comemos filho de aruanã, até pica - pau assado, conferia certo os pedaços da comida, um pra cada! A carreira nossa já foi muito, muito triste,.com tudo esses filhos, ela sempre foi uma mulher que sempre gostou de ajudar, desde que me aposentei eu coloquei uma vendinha de óleo, às vezes eu fico com medo e digo que vou acabar, ela não quer, é uma distração! Quando eu era moleque eu morava com os outros, a mãe e o papai se separaram, quando eu fiquei rapazinho eu gostava muito de marisco...eu ia com aquelas pessoas eu fui olhando e aprendendo.. Eu nunca quis brigar por causa de terra de ninguém, eu não, eu só queria uma terra pra trabalhar e criar meus filho...eu agradecido de ter me dado, eu trabalhava, eu mantia meu caráter de homem, quando tinha muito tempo, o dono achava que poderiam perder a terra e pediam de volta...

Narrativa de d. Dulcinéia:

O Graciano inventou de arranjar uma mulher, do Chaves, era uma filha única, fugiu com ela, trouxe ela, endoidou ele, endoidou ela, tinha treze anos de idade, aí vieram foram lá pra casa do irmão, não quis ficar junto...

-Não! Vou fazer minha casa!

No Jaçuana, no igarapé Jaçuana, naquele Jaçuana que vara lá a ponte, mas naboca de lá, né? Aí ele fiz a casinha deles, e naquela confusão que eles tavam de tarem junto, inventa um filho, ela ficou grávida, aí naquele tempo

¹⁰⁴ Trabalhador

era parteira. Aí tá certo, aí ela ficou grávida, e aí quando completou os tempo e tudo, em vez de ele embarcar e levar ela pra casa da mãe dela, né? A parteira veio acudiu ela, era uma menina, era a primeira filha, acudiu ela tudo e ficou. Aí quando completou três dias de parto ela...A maré era assim meio grandinha, ele disse:

- Luíza, eu vou tapar aquela baixa lá do igarapé do roçado! Eu vou tapar aquele igarapé, e lá dá tucunaré, e tucunaré presta pra ti comer!

- Será, Graciano?

Não tinham nem cachorro. Ele disse:

- É, vou rápido!

Tá certo. E aí dormiram e quando foi de madrugada ele se acordou, duas horas da madrugada, pulou no casco, pegou o pari e vou embora pra lá. Ela disse:

- Mas não vai demorar!?

Ela pegou uma cabeça de alho e colocou, naquele tempo era balaio, mulher não usava sacola, era balaio, ela botou uma cabeça de alho dentro do balaio e ficou com a criança lá, e aí o Graciano, prôu, prôu, prôu, remando, batendo casco, né? Ela escutando sumiu, e aí sumiu e se aquietou, não demorou quando ela viu é prôu,prôu mas era diferente a zoada, aí veio encostou no porto, ela disse:

- Mas o Graciano já chegou?

E aí paresque aquilo tocou no coração dela, aí não chamou também, se aquietou, aí aquilo, pisando lá pra fora, assim como ele pisava, né? Aí chegou lá na porta do quarto, chamou:

- Luíza?

Aí ela sentiu logo o pitiú, né? Aí ela arriou a mão no balaio, a rede baixita em cima da esteira, não? Arriou a mão no balaio e começou a misgalhar o negócio, o alho, esfregando com a mão assim, e no que ela tava esfregando ele vinha entrando pra dentro do quarto ele já tava perto da rede dela, já tinha passado da rede dele, do Graciano, pra passar pra dela, aí ela escutou, brêi,brêi,brêi, era ele que vinha, o Graciano! Que quando o Graciano vinha bem perto, o animal correu de dentro do quarto e pulou dentro d'água, do miritizeiro. Aí ele ainda ouviu a zoada do bicho que pulou n'água e étchêbêi.

Ele chegou, Aí ela estava desmaiada, de tanto medo né?

- Luíza, Luíza!

Que! Não respondeu! Ele foi pra lá e chamou e chamou,

- O que foi, o que foi?

Aí ela tornou, e aí ela contou pra ele.

- Tu já tinha chegado?

- Não!

-Mas era tu. Ela disse pra ele.

Ele se transformou na coisa da, daquele dele que era pra mexer com ela. Ela tava com três dias de parto.

Foi isso aconteceu, lá no furo do jaçuana, foi verdade, ela contava pra tomo mundo. De boto eu não sei mais, só essa, mas foi verdade. Eu aviso hoje, essas meninas de hoje, essas menina nova que não tem resgarde, que não pensam que. Agora tem facilidade, de antes, a menina. Nós! Eu e as outras nós lavava nosso uso, né? Mas agora não, tudo é fácil! Mas também não deve facilitar e jogar aquilo pro rio, tem que ter um reservatório pra agasalhar, né? Porque isso faz mal também, jogar pro porto, é boto, é boto, é boto, tudo que Deus criou existe!



Manoel dos Santos Tenório, 69 anos, 07 filhos, mais conhecido por Seu Duquinha. Um senhor de baixa estatura, cabelo grisalho, muito risonho, já fala:

“A senhora está falando com o seu Duquinha, a senhora me pegou numa hora do trabalho...” e me mostra sua pequena mão, mas firme, com marcas tempo e de trabalhos pesados.

Ao cair da tarde, fomos eu e seu Duquinha para o trapiche, estava uma paisagem maravilhosa, o sol estava se pondo do outro lado do rio, ele sentou no chão e me ofereceu uma redinha, que fica atada para o pessoal descansarem. Do meu lado esquerdo tinha um casco cheio de mandioca de molho, do direito, mais dois depósitos grandes com mais mandiocas, esperando o ponto certo para levarem até a casa de farinha. Tentarei mostrar os momentos com seu Duquinha da maneira como e da ordem como tudo aconteceu. Seu Duquinha tem setenta anos, sete filhos, casado com D. Maria, sempre morou no Rio Canaticú. Mas naquela localidade, tem mais de trinta anos. De uma família de 09 filhos, depois da morte do pai ele foi considerado o segundo pai.

Quando o meu estava pra morrer ele dizia:

- Eu não tenho nada de riquezas pra deixar pra vocês, o que eu tenho que eu vou deixar é o mesmo terreno que eu tenho, trabalhe nele e tire dele seu sustento, a mãe vai ficar como mãe e segundo pai, e esse irmão mais

velho de vocês. Me sinto feliz pela cria que meu pai me deu, porque sempre eu tenho dito assim, se meu pai não tivesse me dado uma cria mesmo lá no mato sem educação de leitura, quem sabe eu não estava trás de uma grade, ou no cemitério morto, que isso tá acontecendo muito e sem saber lê eles me deram educação é uma honra pra mim, nasci numa mata, formei minha família lá, hoje eu estou aqui neste beiradão e num tenho quantas palavras ditas no mundo do Brasil, das minhas orientação sempre colocando este rio...

Quando acabou a escola eu fui pro campo com meu pai, a nossa merenda era um pedaço de comida, um litro de açaí azedo e meu pai carregava minha irmã, para chegar na beira pra gente remar mais uma hora. Avida hoje, tá complicado, e eu batalho assim., eu leio a bíblia, eu leio a lei, eu escuto noticiário, eu gosto da novela pra ver como está se dando o mundo, das horas que nós estamos passando, aí eu fico preocupado, já passei, por tanto, tanto, tanto! Rapáz eu não sei como eu criei a minha família, hoje eu tô arrependido, tô numa casa coberta com palha, eu era pra ser bem de vida, eu ficava nove dias fora discutindo pra trazer recurso, pra cá pro povo, hoje não, se poderem passar por cima de mim, nesse igarapé, quer dizer, passaram a me desconsiderar e me desrespeitar.

E a gente vem batalhando, vem lutando pelos idosos, tem uns que batem parma, tem uns que dá choque (quando não gostam). *Olha! A gente olhando a cria do senhor, e pra mim quando eu olho pra uma natureza dessa, é uma fonte de vida como eu to sobrevivendo, um ar desse tranquilo, água pra beber a hora que quer, agora se não cuidarem do afluente do rio, daqui a cinco anos nossa água não vai mais prestar, é muita lama .e outra coisa ,a malária pode voltar...*

Um dia vocês vão se lembrar, só aparece o espelho da pessoas, depois que ela morre, ou uma história boa, ou uma história que não presta, tudo que se planta da qualidade que se planta, da qualidade se colhe, quer dizer, .é uma pena a natureza não ter mais sossego, pra canto nenhum, ela não tem mais sossego, ela não pode mais descansar aí ela também, ela vai perdendo, o apoio, como é que se diz, da maneira do controle dela, o ser humano tá brigando pra acabar com aquela natureza que Deus deixou, isso é um abuso! Quando é que o povo vai ter educação? Quando é que a natureza vai ter segurança? A segurança era nós, que ele deu pra Adão e sua geração, e o ser humano tá acabando, tá destruindo! A agressão é muito, o ser humano é natureza! No Marajó não tem outro rio, quando abre a pasta da internet, que não seja muito mais além falado de todos os rios que não seja o Canaticu, Canaticu tem uma aparência pra fora, muito diferente, né? E olhe é muito difícil, vim gente de Belém ,pra vim pro outro canto.



Enquanto todos estão ocupados com seus afazeres, percebo d. Maria sozinha na cozinha. Aproximo-me e começo a provocar assunto com ela, perguntei de onde ela era, o que ela estava fazendo, começamos a conversar, ela arredia, perguntei o que fervia no seu fogo a lenha, ela me responde que era miriti que estava amolecendo, e prontamente ofereceu. Pergunta vai, pergunta vem até que ela começou a falar

um pouco de si:

Minha mãe teve sete filhos, o compadre Antônio é o irmão mais velho! Agora filha tem muito! Olha eu não tenho medo de boto, mas de visage eu tenho!

Aí eu foi arriscar seringueira nera? Daqui nós ia junto, daqui não! Delá de onde nós morava, da tapera que nós morava, aí nos ia junto com o papai, não? Aí nós ia emboooooora pra beira da terra, junto, quando chegava uma parage, aí ele ia pro cuca e eu pra cá pro Santana, aí ele ia emboooooora, lá quase pro fim do mato mesmo. Aí eu vinha baixando e riscando tudinho, por dentro do Santana e quando ele vinha do cuca, aí nos se encontrava né?

Eu cortava de inverno e verão! O papai também! Este carção velho dele, dizia que ia remendar (risos). Tava aquele pampeirão de chuva, aí eu parava:

- Papai vumbora pra casa, eu não to com vontade mais, eu to com frio, papai! Ainda mais com a roupa molhada, né? Que naaaaaada menina, aí cortava uma coisa de talo de açaí e metia na boca e um (não dá pra reconhecer) até ir pra tigela, até ir pra dentro da tigela e aí cortava uma folha, botava assim na boca da tigela, botava um pauzinho e (não deu pra entender) e quando foi naquela hora, não? Aí nos chegava e nos se encontrava, e aí:

- Já chegasse, minha filha?

- Já papai!

- Bora! Então vumbora! E aí eu olhava aquilo vinho se mexendo atrás de mim. Mas o papai já passou, mas o que é que tá andando atrás de mim, então? Vinha só eu conversando! E aquilo eu espiava e não vinha ninguém, só a lama vinha se mexendo! Ela se mexia, pra mim ela se mexia, e vinha aquele negócio andando, ele vinha andando atrás de mim, mas eu não enxergava só a lama que se mexia, e aí eu cheguei lá perto:

- Papai, o senhor já chegou?

- Já minha filha, já cheguei!

Quando acaba nem era o papai!

Ah ,mas aí me deu, aí eu corri, corri, corri, quando chegou lá de frente de casa, da nossa casa tinha um igarapé, aí eu gritei:

- Mamãe, mamãe, papai já chegou?

-Já!

Eu tava lá no paulista.

-Mamãe venha me buscar, mamãe, venha me buscar que tá quase me dando um negócio! Ele já tinha chegado naquele instante!

-Domingos, Domingos, tu foi deixar a piquena no mato, não? Tá quase dando um negócio nela!

Aí a mamãe era espantada igual eu:

-Minha filha, a cobra te mordeu, minha filha?

-Mamãe, não foi cobra! Sei lá o que era, um negócio que vinha andando atrás de mim, conversando comigo! O papai!

Aí a mamãe ralhou o papai:

- Pra que tu foste deixar a piquena no mato, agora eu vou tirar ela! Ela não vai trabalhar contigo mais!

E outra vez de novo nós tinha um roçado grande, não? Roçado de arroz, então, deu de dar largarta, não? Aí toodo dia o papai.

- vão logo catar lagarta do arroz, se não vai acabar com o arroz!

Eu com a mamãe todo dia ia pra lá, todo dia ia pra lá, já tava agoniada, eu dizia assim:

- Mas antes Deus tivesse me matado, fugido, tô sofrendo agora! Corta seringueira, inverno e verão e ainda vem catar lagarta agora?!

Aí nós matava, pegava ela e matava todinho as largarta, aí com uma hora que eu fui tirar uma do arroz, duas lagarta, tchaco (imitou o barulho) pulou na outra, aí pronto me subiram láaaa em cima, aí eu gritei pra mamãe:

-Mamãe, mamãe!

-O que é, piquena!

-Mamãe vumbora pra casa, mamãe, um bicho pulou, a lagarta pulou na outra, mamãe, eu tô quase desmaiando!

Que a mamãe olhou pro meu lado, eu tava branquinha. Tá, e agora ela queria que eu andasse primeiro, mas eu não dava conta, aí ela foi só me arrastando também, aí chegou lá ela gritou pro papai, ah!. Piquena! Naquele dia eles teimaram, mas teimaram mesmo:

-tu vai matar essa piquena, tu vai matar ela!

Hum! Tô dizendo inverno e verão, inverno e verão, só que naquele tempo borracha dava muito dinheiro, não? Nós juntava fruta, andiroba, essa ucuuba, quando o papai ia fazer a quinzena na casa dos Fonseca, nós mandava quantidade de semente, mas eu já sofri muito,olha, nós saia .quatro hora da

madrugada, pra roça, capinar ou fazer arqueiro¹⁰⁵, e eu junto com eles, apanhava chuva atéee chegar, porque era inverno, né? Ah! minha irmã, vou lhe dizer eu tô viva porque Deus é bom!

Ah! Olha...Se eu lhe dizer.que eu tava estudando, eu passei só de uma...só estudei o abc, e só uma folha do segundo livro, o papai me tirou...pra ir pro mato...



Seu Manoel, 68 anos, morador do Rio Canaticu, vizinho de seu Duquinha, estava na casa de forno ajudando o compadre na torração da farinha. Enquanto seu Duquinha contava suas histórias, seu Manoel começa a contar, a narrativa ficou como uma conversa entre compadres que estão a prosear:

Compadre Manoel: aí nós fomo pra roça e aí ficou uma prima minha, que já até morreu, a comadre Raimunda.

Seu Duquinha: eu sei cumpadre!

Compadre Manoel: é, naquele tempo, como diz o ditado ela tava (menstruada) disconforme que não podia tá pela canoa, né? Naquele tempo, hoje em dia não se fala mais nisso. Aí ela ficou na casa do cumpadre Justino, aí eles tinham dois cachorro, era flor do campo e travesso. É tinha um que era muito brabo. Quando ela viu, encostou no porto uma coisa, uma lancha, não, uma montaria, pintadinha, se apresentou no meu pai, opai do finado Marciano, Simão Rodrigues ele aparentou né?

Seu Duquinha: Sim! É cumpadre, se transformo, mesmo!

Compadre Manoel: E o Dico de Oliveira! Aí diz ela que quando ela enxergou, eles três, cada um com uma camisa de punho meio invocado lá, encostaram no porto tava só ela, ela quis correr não pode! Não! Endureceu as pernas, não pode! Pularam em cima da ponte, e quando ela viu saiu, os três, subiram em cima da ponte. Aí ela bateu no cachorro e mandou o travesso, o cara bateu pra banda dele, ele abanou o rabo! Aí ela mandou o flor do campo, aquele era brabo, aí o flor do campo arrancou em cima, chegou lá ele bateu de banda

pra ele, que nada ele correu em cima deles e eles pularam pra praia e foram embora. Depois de quando eles foram embora nós chegamos, lá acima da casa dele vimos tarem rolando em cima de um toro de pau, bocado de boto, disque, boto grande do canal, cheguei lá ela tava contando, fomo espiar tava lá o rastro na praia, então era isso a coisa do boto, mas só que com o pé pra trás, o rastro!

Seu Duquinha: E ela ficou bem?

Compadre Manoel: Ficou porque o pessoal chegaram e deram um remédio pra ela!

Seu Duquinha: cada momento, a gente tem que tá atento pra qualidade, dos animais, fazendo também a parte do lazer deles, pra falar que até a natureza brinca, tem seu horário de brincar, a gente vendo, a gente lendo.

Compadre Manoel: é compadre, é sim, tudo tem seu descanso!

Compadre Manoel: eu quero dizer que é devido a tanto motor, né, compadre? Porque naquele tempo não tinha, era a remo olha (faz o gesto do remar) era a remo, no tempo que eu me entendi...ia pra Currálinho , pra Boa Vista com meu pai, era tudo a remo, nera, compadre?

- Era, depois que apareceu! Olha! Esse negócio de peixe-boi, pirarucu aqui nesse beiradão, quando o cara via era patifaria de peixe boi! Agora não vê mais, depois que entrou o motor! Não sei se é isso, mas acho que é devido o barulho, a população aumentou muito né, naquele tempo era poucas casa, é luz elétrica, quase tudo tem conjugado.

Filho: mas quando um respeita e outro não! Tem que todos respeitarem as regras.

Compadre Manoel: mas compadre, sabe o que é? É que tem o adversário, o inimigo, e nós temos que nos pegar com o pai!



D. Ofila, 65 anos, ainda pesca seu peixe, como ela diz, limpa o açazal, faz urucum, tira óleo de andiroba, não pára nem um instante. Tecendo seu paneiro nos conta um pouco das histórias que envolveram mistérios em sua vida:

Um dia meu pai saiu pra pescar né? A minha irmã, ela já morreu né? Aí ouvi grito dela com outra menina, grito, grito, tinha uma tapera assim, né? Lá onde nós morava era assim e a tapera era assim, quer dizer que morava gente. Aí grito, grito, naquele tempo meu pai era experiente nera? Ele benzia muito! Era muito benzedor forte! Aí papai correu pra lá, fomo acudi ela, ela tava quase morrendo, ela disse que era um bode que tinha lá, um bode preto que assustou ela! Foi meu pai era pajé, como diz a coisa, ele benzia, me lembro de um que ele fez com fulana, o compadre Duquinha conhece ela, foi um espírito mau que pulou nela, o papai trabalhou nela desde as três horas da tarde, quando ele foi sair dela era quatro hora da manhã, foi! Papai trabalhava com muita coisa mau, eu rezava por ele que quando ele morresse não sofresse assim, aparecia muita coisa assim pra ele, essas coisas de mulher de resguarde que não podia ir na beira.

Boto às vez, susto, esse negócio que dava aquelas petelecadas né? Esse negócio de espírito mau, tudo isso ele benzia, era, ele incorporava nele as coisas, eu sempre foi descrente, eu nunca acreditei, mas eu nunca falei nada pra ele, não, mas eu ouvia as obras que ele fazia, abaixo de Deus ele ajudou muita gente, sei lá se era espírito mau, sei lá se era boto, muito boto, né? Aí ele benzia!

Em boto eu acredito, porque a gente vê ele boiar, às vez quando eu tô pescando assim eles buiam né? Às vez assim nadando pela beira, eles buiam! Ele se transforma, porque aqui meu marido ele tava pescando, ele tava com febre, né? Aí diz ele quando, tinha uma mamorana bem aí, e aí quando ele viu aquilo se lavou né? É aí a nossa casa era ali, era de açazeira até, aí ele pegou levantou, se lavou, se lavou, se lavou, aí ele foi espiou, até hoje ele conta né? E aí levantou aquela mulher, e ele vinha andando né? Ele pegou mão na espingarda e levantou o cartucho, no que ele quebrou pra meter o cartucho. Ela só fez pular na água! Ele conta!

De outras coisa eu não tenho medo, Não! Graças a Deus, às vez que a gente ouvi um assobio, um barulhinhozinho,. O assobio foi seis horas da tarde ali na tapera! Eu fico sozinha aqui, às vez eu vou pescar, aí eu puxo meu peixe, fico tecendo meu paneiro, tipiti¹⁰⁶, xamaxi¹⁰⁷, eu aprendi comigo mesmo, eu via os outros fazerem e aprendi, pegava e ia tecer. Nesse tempo eu aprendi de tudo, mas eu não estudei, eu tenho muita vontade de estudar, se eu morasse na cidade eu ia, aqui só tem um horário da noite, e dá muito temporal, é muito perigoso.

106

107

Fernando Ferreira de Oliveira, 54 anos, em 30 anos de casado criaram 07 filhos. Muito comunicativo, seu Fernando conta como foi a sua criação, a de seus filhos. Frisa a importância do respeito para com a natureza.

Aqui dentro do Canaticu eu sou um profissional em relação, em termo de fazer casco! É a minha profissão! Sou carpinteiro, sou profissional em fazer telhado, eu vou daqui pra Macapá pra fazer telhado lá...porque meu trabalho é isso daí, mas porque eu aprendi, né? Olha quando eu me criei, me criei aqui num centro chamado Croarí, é um sítio lá, o nome do sítio é Retiro, aí a gente trabalhava lá na roça, nós fomos criados lá na beira da roça, plantando roça, e quando a mamãe tinha os outros menino depois de mim, é! Ela criava essas criança, nós eu acostumei assim, com um negócio chamado carimã, é um alimento, uns bolinho de massa de mandioca, amassada ele vai com toda vitamina, tá com toda vitamina e ele consegue alimentar as criança sem fazer mal, aí com isso a mamãe criava os nossos irmão. Nós somos dezoito irmão por tudo, nós temos oito mortos e dez vivos, morreram de paralisia infantil, sarampo, catapora, porque nessa época, ela não tinha vacina e dava muito forte, matava! Aí, eram tratados com remédio do mato, remédios caseiros, mas custou muito, remédio de pajé

Olha, aqui buia cobra, bem aqui, não tem esse bico que dobra aqui? Aí buia cobra grande, só que no tempo que a mamãe era nova, eu era moleque eu ouvia ela falar que aqui tinha uma senhora aí que era conhecida dela eu não lembro o nome. Ela teve um filho que ele veio laçado né? Assim, tinha um laço no pescoço e esse filho desceu pra água, ele foi desencantado com quarenta e cinco anos depois! Ele desceu pra água e ele foi encantado, o nome dele era Noratinho! Aí ele só aparecia nas festas, tinha uma casa de festa bem aqui que era no São Miguel, tinha outro alí em baixo que era no São Romão, tinha lá na boca do Pagão que era no João Marques, tinha na boca do Santa Maria que era Do carmo, a vila Do Carmo. Ele aparecia nessas festas de ano. Ele se desencantava e aparecia, era um lindo rapaz, aparecia de repente ele se sumia do nada, quando ia chegando pra banda do amanhecer do dia ele se sumia do nada, ninguém sabia! E aí começou a namorar com algumas menina, né? Aí as menina mais criativa começaram a indagar com ele e aí ele não contava né? A origem, de onde ele vinha, essas coisas toda, só dizia que era filho de fulana e tal que vivia assim. Que quando foi uma bela noite, aí o pessoal já começaram a ficar meio coisa, né? Meio desconfiado, e aí foi, foi, foi! Naquele tempo tinha um negócio da cachaça de esconder no mato, o pessoal chegava na festa e iam esconder no mato, aí foram dar com a pele da cobra amontoado lá no meio do mato, tava amontoado lá no meio do serrado, eles disseram:

-Olha essa pele de cobra aqui!

Mas muito enorme...aí eles começaram a conversar

- Nós vamo tacar fogo!

E começaram a tomar cachaça e quando deu umas hora da noite eles foram lá e tocaram fogo na pele. Nesse dia ele se desencantou, quando ele foi pra lá não teve como amanheceu, foi visto e pronto, se desencantou, era o Noratinho, ele era homem, e como ele desceu pra água ficou encantado, ela foi grávida de dois filho, só que um era um ser humano e o outro ela se engravidou por quase por tempo de menstruação essa coisa de tá andando no mato, aí lá ela se engravidou de um animal, agora só não sei que animal foi esse só sei que quando ele nasceu, como ele pertencia ao animal ele foi pra água, e depois que queimaram ele apareceu, mas durante todo esse tempo ele contava que ele achou duas coisa grande no fundo, uma piraíba que ele ia entrando dentro da boca dela que ele quando ele percebeu ele já tava dentro, ele recuou, até que ele conseguiu sair da boca do animal e, não sabe o lugar, mas ele ia entrando dentro da boca da piraíba, e o outro foi uma arraia que passou por cima dele, que sombrou tudinho por onde ele tava, por vários minuto, e ele não se mexeu e aí passou quando ele viu era uma arraia, foi as duas coisas maior que ele viu na vida dele, isso foi por aí pelo Amazonas tudo né, ele não tinha noção da onde ele tava mais ou menos, por onde ele rolou, ele viu muita coisa, muita coisa ele viu, mas aí ele viveu até o resto da vida, foi aconteceu isso aqui, foi alí naquele meio do Tartaruga, foi nesse meio aí, a mamãe morava lá no Tartaruga, a mamãe conta!

Em fevereiro quando eu fui fazer a primeira visita para a minha pesquisa, conheci essa mulher, foi muito simpática comigo, meio tímida contava-me sobre as coisas do local. Além de trabalhar fora, ajuda seu marido na roça e tem o dom de puxar, como ela mesma fala. Vizinhos, pessoas de longe veem até ela para que faça a puxação no corpo. Ao lhe falar sobre o objetivo do trabalho, lhe perguntei se não tinha histórias, e me respondeu com um acanhado sorriso que não. Passado algum tempo, começou a sussurrar sobre a história de um boto por àquele local quase toda a noite. Também fala de uma história de um outro boto transformado em homem. A condição dessa narradora foi de não falar seu nome, pois tinha vergonha.

Quando era de noite, a moça dormia e quando ela acordava tava toda adormecida e aí ele, o boto, falava pra ela, que ela tinha que arranjar um namorado se não... Que ele não existia! Ela contou que toda noite vinha um

homem e falava pra ela, mas vinha transformado numa pessoa, sabe? Em outra pessoa.

Aí ela foi falar pro benzedor, né? E aí o benzedor falou que ele, o boto, se agradou nela, e era pra ela ter cuidado pra ela não engravidar de boto, que o boto engravida, aí ela pegou, muito tempo acontecia isso, né? Aí ela já falou que ele já falava pra ela, pra ela arranjar namorado porque ele não ele não existia.

Ele ensinou um remédio pra ele se afastar dela, pra ela pegar o sal e tomar um banho, três sexta feira, o sal pegar o quilo do sal e jogar n'água e se jogar ele ia afastar dela,

Mas ela não fez. Aí quando ela tá aí, toda noite ele vem, quando ela não tá, que ela tá no outro lugar ela dorme bem, e quando ela tá aí, ele não deixa ela dormi, ontem ela falou que ele veio de novo aí. Aí ele pulou n'água e depois os cachorro correram atrás dele, ele foi embora, foram deixar pralí pra baixo, se ela tiver namorado ele se afasta, um dia desse ela arranjou um namorado, ele passou um tempão sem vir e quando ela largou ele voltou de novo.

Outra vez eu dormi e aí quando eu me acordei eu tava toda adormecida, aí quando eu vi um homem no quarto, aí ele saiu pra fora, aí ele saiu andando pra fora pra querer me levar pra água e aí eu saí andando atrás dele, quando chegou na ponte, quando eu mudei o passo que eu ia descer na água aí eu me lembrei de rezar o Pai Nosso, aí eu começava, mas não acertava rezar ele todo, né? Rezava só uma parte, aí também eu agarrei e voltei deitei na cama, aí atacou o medo, e fiquei querendo rezar o Pai Nosso, mas não acertava de jeito nenhum, eu falava duas palavra, e aí foi, foi, até que depois eu consegui rezar tudinho e aí parou o medo e também não veio me perturbar.

Aí uma vez eu vi de novo, eu vinha trabalhar, tudo dia eu vinha trabalhar, aí eu cheguei na beira e olhei assim tinha virado um pau, olhei tinha uma montaria, um casco de tábua bonitinho, tudo novinho mesmo, tava encostado assim na beira, aí eu passei olhei e falei esse casco não é daqui. Porque a gente conhece todo mundo, né? Passei e fui me embora, aí atrás de mim vinha meu cunhado e aí eu perguntei pra ele se ele tinha visto aquele casco e ele falou que não, e aí eu cheguei e falei pra mamãe e ela disse:

- É boto!

O boto! Ele que costuma a andar em casco assim, de montaria, ele se transforma em várias coisas, que é pra ver se a gente vai á e aí ele agarra a gente, ele se transformou num casco, e aí se eu fosse ver de quem era o casco, nera? Ia acontecer alguma coisa, né? Mas eu nem liguei eu só vi o casco mesmo e fui me embora!

Aí uma vez a mamãe conta que uma cunhada dela, ela tinha tido um filho, ela tava de resguardar aí o marido dela saiu pro mato, aí quando ela olhou lá vinha ele de novo, andando por cima do miritizeiro, saiu, e aí ela ficou olhando pelo buraco lá, e aí ela falou assim:

- Tu já chegasse?

Ele não falou nada, e quando ela falou assim, ela se adormeceu tudinho, ficou tudinho, e aí prendeu a voz dela, só que ela tinha o alho debaixo da rede, aí ela pegou o alho e começou a mergulhar assim na tábua, não falava nada, mas ela tava mergulhando, arranhando na tábua, aí ele só fiz correr, correu, por cima do miritizeiro e pulou n'água e ficou assoprando e aí era boto pra todo lado, e aí quando o marido dela chegou ela já tava durinha, o queixo duro, a criança chorando muito, com muita dor de cabeça e aí chamaram uma mulher lá que era benzedeira:

-Ah! Eu já sei o que é!

Pegou o alho, a chicória e a cachaça e jogou na cabeça dela e aí ela falou, ela falou que tinha visto um homem que era igual o marido dela!

Ela não tava falando?

Aí a benzedeira falou que ela não matou ela porque a criança dela era homem, e se fosse uma menina, ele tinha encantado ela, quando ele chegasse não tinha ninguém mais, ia levar todas duas, a mulher com a criança. A velha disse.

No dia 05 de março de 2015 conheci d. Dalila, Dadá, como ela gosta de ser chamada. D. Dadá, hoje com 75 anos. Nasceu e cresceu e ainda vive no rio Canaticu, mas especificamente no rio Aramaquiri, criou 12 filhos. Uma senhora muito alegre, e carinhosa, parece ser muito amada pelos seus filhos. Ao primeiro olhar, podemos imaginar olhando para ela algum sofrimento, mas sua alegria, logo esconde, é uma senhora muito alegre, fala de amor, ao próximo, toda sorridente, e olhos sinceros, e esses olhos e sorrisos escondem o verdadeiro sofrimento que essa mulher passou para sobreviver. Por obra do destino, sua mãe morre quando ela está com oito dias de nascida, e mais tarde, quando imaginamos que nada mais pode acontecer, perde seu marido lhe deixando com quatro filhos e um na barriga. Já no seu segundo casamento, tem mais sete filhos, depois de seus filhos criados, a morte chega à sua vida mais uma vez, agora levando sua filha caçula no momento de dar a luz, nem um dos dois sobrevivem, mais uma vez a falta de assistência em lugares distantes lhe toma um ente querido.

Ih! O boto gosta muito de mulher parida, ele tira a criança e deita com a pessoa. Já aconteceu isso! Uma cunhada minha teve a criança e quando foi mais tarde, ele tirou a criança e tinha botado de baixo da rede. Ele tava transformado no marido dela querida, hum! Hum! Era igual ele, ela pensava que era ele, ela ainda disse:

-Credo vai deitar comigo uma hora dessa? Credo, tô de resguarde!

E aí quando ela percebeu, eles aproveitavam quando o marido, eles saiam pra lanternar, né? E quando ela percebeu ele só fez levantar pápápá e tchêbêi logo pra água!

Uma vez teve um senhor, ele gosta muito de mulher de resguarde, criança e quem bebe, o bebedor. Uma vez tinha um homem no centro grande, ele vinha remando, remando e aí não demorou chegou aquele homem e acompanhou, vinha de acompanha com ele não?! No casco, de companha, vinha conversando, conversando, aí ele dizia:

-Não quer beber um gole?

-Eu quero!

E iam bebendo conversando, pa-pa-pa, não demorou o homem ficou muito porre ele alagou o casco, alagou o casco! Aí pronto, esse boto sustentou ele...(faz movimento com as mãos de cima para baixo) só debaixo dele, só debaixo dele levantava ele, ele gritaaaando, na água, ele se meteu debaixo do homem que vinha porre, levantava ele assim e abaixava e levantava e quando foi chegando perto de uma casa, o homem viu, escutou um grito:

- Meu Deus, o que é isso?

Aí ele gritava:

-Me acudam, me acudam!

E boto abaixava ele, e suspendia pra ele não morrer afogado. Aí foi, foi ,até que deu pro homem alumiar e ele enxergou aquilo. Aí foram lá e o homem tava quase no fundo, aí acudiram ele e ele só não morreu porque o boto carregava ele, carregava em cima e abaixava. Ele deixou o homem, porque ele viu as pessoas, o boto é patife, ainda mais aquele do canal, tem o tucuxi e o do canal.

É! O boto ele gosta muito de mulher que tá de resguarde, mas gosta, gosta muito! Uma vez uma cunhada minha que teve bebê, aí ela deixou ele na rede, a criança. Quando ela veio de lá, cadê a criança? Levou a criança! E quando veio:

- Meu pai do céu cadê meu filho, cadê meu filho!

Aí não demorou o pessoal fizeram alarme, e aí ele largou o bebê na ponte, no trapiche assim (estende a mão no chão) e quando vieram de lá ele só fez tchepêi na água (bete as mãos demonstrando a escapada do boto) vala-me Nossa Senhora! É...ia levando a criança!

Conhecida como d. Dica, comadre de d. Dalila, ficou no trabalho por coincidência, viera visitar a comadre porque soube que estava doente. O interessante é que d. Dica ao perceber o que estávamos fazendo, começou a contar as suas histórias sobre visagens e boto, naturalmente. Ao lembrar os fatos ia cotando para todos ali da sala. Nossa entrevista ficou um alinhavo de memórias.

Ah! Mas isso tem muito, olha uma vez meu marido foi lanternar e de repente apareceu um homem:

-Quem é?

-É o Manuel! É o Manuel sirva, é ele!

O boto era assim, ele se transformava num homem! Aí ele ia andando, né, se encontraram, passaram junto um do outro e ele diz:

-Oi!

-Oi! O Manuel responde.

- Mas o Manuel? Ele não é assim com nós, ele responde, ele pega na mão da gente?! Tá! (começam a estranhar.) Quando chegaram lá numa certa parte, iam andando e conversando e conversando, quando viram aquele homem atravessou na frente deles de novo, na frente deles:

-Meu Deus! O que será isso? Isso não é gente! O meu tio desconfiou, o Mimi. Aí ele disse:

-Isso não é cumpadre, isso é alguma coisa que tá aparecendo, isso é, é, é invisível! Aí tá. Quando eles passaram e chegaram mais um pouquinho na frente, tavam alumando um negócio de um macaco, aí tava alumando, alumando, quando eles viram, lá se vem aquela lanterna pro lado deles de novo, o tio Mimi alumou e não enxergava ninguém, só a lanterna. Aí ele pegou disse:

-Eu vou dar um tiro no rumo dessa lanterna! Papai:

- Não atira, não atira home!

-Não! Eu atiro!

Quando ele puxou a espingarda, que ele viu a lanterna chega que ia mermo, tremendo, correndo, e eles correram, correram, em cima desse boto, quando chegaram no porto do barracão, né? Eles viram quando ele pulou laaaa fora dentro d'água...Tchepêi. Estavam andando e conversando com o boto. É o boto é o mermo que se transforma num homem, isso foi lá no Aramaquiri, lá nas cabeceiras, num miritizeiro, num sítio que fica pra lá pra dentro, aqui dentro do Canaticu.

Mamãe contava que tinha uma senhora que ela tava de resgarde né? E tinham feito um negócio de uma tapagem, né e tinham matado um boto, a tapagem em tempo de peixe, e aí cercaram o rio e aí o pessoal tudo de casco, mas isso era de verão, não era de inverno não, era de verão que eles

batiam timbó de primeiro, né? Aí eles cercaram e foram embora bater timbó lá pras cabeceira, quando eles viram lá se vem o boto, tava dentro do timbó, o boto se desembestou a pular dentro d'água, pulava, pulava aquele boto e eles em cima, em cima, até que mataram o boto. E a mulher estava de resgarde em baixo, era lá na Mara, acima de casa um pouco, pois é aí ela pegou né?E tinha corrido o boato que tinham matado o boto e a mulher tava de resgarde e endoidou pra querer ver (dar ênfase no verbo) o boto.

-Não, não, não, tu não pode porque tu tá de resgarde!

-Não! Eu quero ver esse boto!

Tá bom. O pessoal deixaram ela no quarto, a parteira não deixou ela vim ver, aí se arrumaram, o pessoal que tinha matado, né?

-Vamo enterrar lá pra boca do Jurapara! Embarcaram o boto. vinham andando passando justo na frente da casa dela, e ela foi brechar! Brechou o boto! Endoideceu na hora, ficou doooida, endoideceu, ela gritaaava!

A mamãe contava pra nós, nós era tudo assim (mostra uma certa altura com as mãos) mas nós prestava atenção, ficou doida para sempre, com oito dias ela morreu.



Ana Rodrigues Santana, 94 anos, teve 10 filhos e mora no rio Pariacá, afluente do Canaticu. É a narradora com mais idade da pesquisa. Conta com uma voz alegre sobre suas lembranças, de como era Curralinho, seu trabalho e nos fala com carinho de seu pai.

Ah, menina! A nossa vida, no tempo do meu pai eu trabalhava muito, depois que meu pai morreu e a minha mãe, eu fiquei no encosto da minha irmã, era só nós duas e dois filho dela que ela tinha. Vou te dizer menina, ela que era o homem, olha era serviço de verão: botar patauá, basta lhe dizer que era trabalho, trabalho muito e agora cortar seringueira, ih risquei seringueira no tempo que eu arranjei marido e fui pro centro grande, trabalhar no centro grande cortar seringueira depois que eu arranjei marido e depois, foi, foi, foi, vou te dizer que trabalhava que trabalhava, fazia compra, que a minha irmã não sabia fazer, mariscava, tapava igarapé, pescava, naquele tempo tinha muito né? A gente ia riscar pindá era dois três

tucunaré, era assim minha mana, eu vou te dizer a nossa vida, naquele tempo era muito farto aí no pariacá! Pois é minha mana, o serviço era esse, ah trabalhemo, trabalhemo, trabalhemo, trabalhemo, até que arrumei um homem!

Currálinho era só um campo, tinha só três casas sabe o que tinha aqui, era muito boi. Pra se batizar era difícil, meu padrinho foi o coronel Estórdio, um comerciante daqui, era assim!

Olha, se eu conto que andava aqui aqueles que lê a sorte como é? Cigano, que lia a sorte. Então o meu padrinho tinha um filho, bonito, arto ele era, ele leu a sorte dele e ele tinha que morrer afogado. Ah! Meu padrinho ficou agora com cuidado nele pra não tomar banho, não tomar banho, e olha menina como deu certo, não? O cigano leu a sorte do filho do seu padrinho e disse que ele ia morrer afogado? Sim! Um rapaz assim grande, que quando ele tava assim gordo meu padrinho levava ele pra tirar um pouco da banha do coração disque era assim. pois olha piquena, naquele tempo tinha muito boi né? tá bom! meu padrinho tinha cuidado com ele:

-não vai tomar banho no porto, mas não vai não!

Era um cuidado com ele, ah! Deus o livre! Ele dizia:

-Papai sei lá, mas eu digo que eu não morro afogado que eu sei nadar!

Ele falava. Pois olha, pois quando chegou o tempo dele morrer, quando chegou o dia, né? Ele foi:

-Papai, eu vou passarinhar aí pro campo! Era um campo, campo grande aqui.

-Eu vou!

-Tá bom, meu filho, vai!

Pra terra ele não tinha cuidado, e ele foi, mas naquele tempo tinha boi, boi, boi, naquele tempo era de rastro de boi né? E tava cheio de água, pois olha como é a sorte da gente, pois ele foi passarinhando por aí, não sabem como foi, só que acharam ele morto, com a cabeça, o nariz dentro do rastro do boi, do poço de água! Pois foi! Foi passarinhar e demorou, demorou, demorou, aí foram procurar ele e acharam ele bem morto, foi uma cigana que entrou por aqui lendo a sorte dos outros.

O meu pai era benzedor, meu pai morava aí na Calheira, os parentes dele é do rio Curupuú, ele curava gente doente, que ia se mandar benzer, muita gente, também ele era assim, olha, Meu pai foi benzedor, porque muito benzedor se ajeitava por aqui mesmo, meu pai não, ele se sumiu três dias, e meu avô sabia e minha vó não sabia, ah a minha avó ficou morta, ele dizia:

-Não chora, mulher! Não tem medo, que andava com ele um benzedor e esse benzedor disse que ele ia se sumir três dias, ele não ia ser endireitado por esses benzedor daqui, não! Era lá no fundo do rio, dos encantado! Pois é, eles mandaram ele lavar a peneira e foi na baixa de lá e levaram ele, ficou a

peneira no chão, e ficou três dias. Esse benzedor que benzia aí contou bem pro meu avô como era, aí se sumiu, minha vó só fartou ficar..Ele dizia:

-Não,não fica mulher! Não fica que nosso filho vem, olha ele tá no fundo!

-Mas como que ele vai puxar fôlego?

-Quando tu vê ele chega!

Aí até que ela sossegou, quando interou três dias eles tavam almoçando quando viram ele chegou, com tudo o aperparo, tudo! Uma saca de benzedor, com tudo os caboclos, vem cinta, vem tudo, tudo bonito, tu quer ficar admirado é com o aperparo com tudu facão, é um negócio desse tamanho assim, do fundo, eu ainda cheguei a ver. Aí o primeiro trabalho dele seria dois Manoel e duas Maria pra ele benzer, primeiro, e assim foi mesmo, e olha era só adoecer que eles já iam com ele chegava baixava o Santo, quando ele ia trabalhar com o vovô ele dizia:

- Olha, mamãe! Hoje vem chegar três barco aqui, dois barco, aquele que encostar primeiro a senhora manda sair e o que vim atrás a senhora não deixa sair que aquele não tem jeito!

Ele dizia que o fundo lá no encanto é coisa bonita, muito bonita é o mesmo que está aqui, lá no encanto, ele contava, isso que eu fico admirada que eu ainda cheguei a ver depois de ele tá com a minha mãe o negócio da cinta, né? Bonito aquilo, olha o cigarro dele não era esse de papel igual como desse benzedor, de papel, dele não! Era o coisa, ele tirava aquilo, tauari, a gente tira e tira aqueles abade grande né? Era aquilo que era o cigarro dele, fazia incenso e misturava no tabaco, era assim que era!

Mas credo! Olha, hoje não tem boto aí no Pariacá quase, alguns, naquele tempo era boto, boto, boto que credo e era cuidado que até uma vez, naquele tempo era cuidado, Deus o Livre! Tinha boto uiara menina, que se virava em gente. Uma vez a finada, que eu tava de parto lá em casa, só nós e o filho dela tava, o Mundinho, um rapaz de coragem, e aí quando nós vimo, tinha a ponte assim, né? E aí que quando nós vimo aquele guioooou pelo porto:

-Mas esta gente já chegaram? Encostou no porto, encostou e saíram na ponte...tátátá...Meu pai do céu!

E aí eu chamei, chamei, aí eu disse:

-Comadre, saiu alguma coisa na terra, vinha remando, e ta aí na ponte! Aí o finado Mundinho era homem de coragem:

- Eu vou ver o que é!

Aí passou a mão numa lanterna, passou a mão num terçado e foi que quando ele saiu da porta do quarto que passou da sala pra pegar eles...tátátá ta' ta e tchêbêi,tchêbêi! Pulou! E não era dois boto?! Foi, credo! Naquele tempo a gente não se fiava pequena, esses que emprenhavam mulher que era encantado era bonito porque os filho cresciam no fundo né?

porque quando não dava pra crescer, que não aguentavam aí no rio eles saiam pro outro canto!



Sebastião Gomes de Carvalho, 84 anos, 10 filhos, 42 netos, Marido de d. Maria de Nazaré que morreu aos 81 anos

O seu relato inicia-se com a lembrança de sua esposa:

Ela era filha de cearense, era mais velha dois anos que eu, nasceu em 1928, nós tinha 56 anos de casado. Ih! Veio muita gente do Ceará pra cá, só sei que o avô da minha mulher era da Serra do Baturité, e aí ele veio simhora pra cá.

Porque nós morava perto um do outro, eu morava no Praqueteua, e ela morava aqui na margem do Aramaquiri e de lá tinha caminho que varava por terra e varava pra lá, não? E aí tinha essas festas, festas, muitas naquela época, música pra caramba, música bonita e a gente dançava que uma beleza! Ah! E ela era boa de dança que credo! E nova bonita ela era, alva, linda! Convidei ela pra casar comigo ela quis, mas o finado velho não queria, hum! Mas a velha avó dela me apoiava, a velha gostava de mim, dava apoio, pra minha família e o velho não! Queria que ela se casasse com um sarapeca pra lá não sei pra onde! E a velha não queria, a velha queria que ela casasse comigo porque eu era Português, delicado e tudo mais, eu respeitava todo mundo e a velha queria por força que eu casasse com ela e o velho era tudo tufado. Mas casei, e a velha morreu depois que eu casei, o velho foi viver comigo, morreu em casa, depois ele me deu valor, que ele foi comissário doze anos!

O meu avô era Português, era o Antônio Gomes de Carvalho, ele era Português, Fugêncio Gomes de Carvalho, quando eu me entendi eles já existiam pelo interior do Brasil, e eles vieram de lá e trouxeram dinheiro, eles eram rico, e vieram se localizar e vieram e fizeram comércio essas

coisa toda dentro já do município de Currealinho. Tinha aquelas embarcação grande, coisa de gente rica, o meu avô, meu bisavô tudo eles vieram de Portugal, meu pai era filho de Português e minha mãe também, era a Felicíssima Gome de Carvalho e meu pai João Gomes de Carvalho, meu avô era Antônio Gomes de Carvalho, ele era o comerciante, eram três irmãos, era Antônio, Manoel e Fulgêncio, do velho Zé Vinagre que era o pai deles que quando eles vieram de lá já vieram grande, mas o pai deles morreu pra cá, foi sepultado no cemitério acima, e o velho trouxe dinheiro né? E aí se localizaram, compraram terreno, botaram comércio, casa e tudo, aí meu pai casou-se com a filha de português de novo, que a minha mãe era filha de Português, era casada com meu pai.

Aí no rio tinha muita festa, muita festa, muita festa, eram várias e várias, eram umas festa que existiam respeito, era muita fartura, não era vendido, como hoje, naquela época, não! Naquela época matava um porco, era milho, era tanta coisa, tudo a coisa era dado tinha gente que fazia aquelas sociedade enorme, tinha muitos de fora e cada qual dava seu, sua ajuda, ih rapaz, só casas grandes que eu conheci, olha, tinha no Pimental, casarão de fazer festa, de lá vinha descendo pra cá, Miritipucú, uma vila por nome Paca, todo esses lugar tinha casas grandes e tinha Santos que eles festejavam sabe? E aí tinha Massaranduba e nós festejava o Divino Espírito Santo, uma vez por ano, era uma festona, era sempre dois dias, era de festa, porque as novena faziam aqui na cidade, sempre fizeram, nos interior, não faziam quase novena, era assim, duas noite, três de festa, mas aquilo era muito bonito, muita música, instrumento de metal preparado, banda de música, não era como é agora em Currealinho, tinha banda de música, instrumento tudo de assopro de metal de corda sabe? Que você gostava de ver! Hoje não dá vontade nem de ir ver, naquela época não, grande festão bonito e música bonita ih...tchu,tchu,tchu...Eu fui músico, meu irmão era músico de violino, ele morreu um dia desse, eu toquei muito com ele, e os outro aí os nosso companheiro que tocavam flauta, e ele tocava violino, eeeee...rapaz toquemo muita festa, mas já morreram tudo, e aí começaram esse negócio de aparelhagem!

A gente tinha que ter cuidado aí no Canaticu, lá em cima tem uns poção grande próximo a boca do Aramaquiri, com a cobra grande, boiava lá, e corria atrás de gente, mas de uns tempo pra cá depois de ter tanto motor e barulho na água as cobra desapareceram, não tem mais, hoje em dia não tem mais.

A gente via alguma coisa ,mas a gente não enxerga nada, até porque tinha um negócio, uma coisa quando era assim tempo de começar a enxurrada de Janeiro, e aí quando dá a água grande que vai enchendo e vai

arriba e vai tudo quanto é bicho, tem um negócio que a gente vê eles gemerem n'água:

- Hummmm,hummmm! E bate bêi, bêi, bêi, bêi, bêi e geme aquilo, mas você não enxerga nadinha, o gemido é muito grande, é perigoso, é perigoso, pra quem tem medo, credo! Mas não adianta correr, aí aquilo bate alí, mas não mexe com a gente, sabe? E aí aquilo passa aquele pedaço quando a gente dá fé a gente ouve mais pra longe, mais a gente ouve, bêi, bêi, bêi, aí geme, aí pode contar que no outro dia tá cheinho d'água, quando é de noite é água! Aquilo é um aviso que vai enxer! A gente vê remorso, mas quando a gente é acostumado assim no mato, olha, eu cortava seringueira e fazia roça, aí uma semana vinha meu irmão ficar na roça e eu ficava no centro, no embarracamento do centro cortando a seringueira, olha eu cheguei a passar quinze dias sem falar nenhuma palavra, porque não tinha ninguém, já pensou? Sozinho, naquele tapirizinho, fazia aquela barraca e lá a gente ficava lá, aí a gente via remorso de onça de bicho, esse negócio de visage eu não temia porque eu sempre foi religioso, minha mãe era. Bem na boca do Praqueteua eu fiz uma casa lá, lá eu botei uma mercearia, a mercearia uma semana eu tomava conta, uma mês, outra semana meu irmão, o Manoel, tomava conta, e aí quando foi uma noite ele alumiou,ele alumiaava de noite por causa da borracha que era um paiol cheio de borracha e tanta coisa, aí ele alevantava ficava alumiaando o paiol, porque graças a Deus naquele tempo não tinha ladrão, não roubavam podiam tá por aí, mas não roubava, aí ele alumiou, tava uma cobra grande bem de um lado até no outro a bicha tava boiada, atravessada no rio, mostra de cobra aí ele entrou e pegou uma cartucheira, a gente tinha cartucheira pra vender...e veio e deu dois tiro na cobra e a cobra nem fez caso e quando foi de manhã ele falou que ele usou os cartucho que ele tinha atirado na cobra e ela nem tinha feito caso, mas diziam que ela era encantada.

Onde tinha uma mamorana grande assim, bem na beira e lá tinha umas corrente grande, cada umas corrente que descia pro fundo do rio que nunca soube o que era aquilo, a gente pegava naquilo chega tava teso, antigo, corrente, umas corrente grande que descia pro fundo do rio...a gente nunca soube o que foi, porque naquela época, o pessoal não tinha aparelho de mergulhar, como agora, naquele tempo não tinha isso e aí se aborreceram e derrubaram a mamorana e foi se embora pro fundo, era umas corrente grudada na mamorana e descia pro fundão do rio e foi pro fundo com a mamorana, ninguém sabia, era dos tempo dos antiquíssimo.